

Economia e Turismo





Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Volume 2

Economia e Turismo

Claudiana Guedes de Jesus
Robson Dias da Silva



SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Ministério
da Educação



Apoio:



Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua Visconde de Niterói, 1364 – Mangueira – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20943-001

Tel.: (21) 2334-1569 Fax: (21) 2568-0725

Presidente

Masako Oya Masuda

Vice-presidente

Mirian Crapez

Coordenação do Curso de Turismo

UFRRJ - William Domingues

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Claudiana Guedes de Jesus

Robson Dias da Silva

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

SUPERVISÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristiane Brasileiro

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

José Meyohas

Luiz Eduardo Silveira Feres

AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Thaís de Siervi

Departamento de Produção

EDITORA

Tereza Queiroz

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Cristina Freixinho

Daniela de Souza

Diana Castellani

Elaine Bayma

Patrícia Paula

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Jorge Moura

PROGRAMAÇÃO VISUAL

David Daniel Macêdo

Ronaldo d' Aguiar Silva

ILUSTRAÇÃO

Sami Souza

CAPA

Sami Souza

PRODUÇÃO GRÁFICA

Oséias Ferraz

Verônica Paranhos

Copyright © 2008, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

J58e

Jesus, Claudiana Guedes de.

Economia e turismo. v. 2 / Claudiana Guedes de Jesus, Robson Dias da Silva. – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.
250p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-7648-589-6

1. Turismo. 2. Desenvolvimento econômico. 3. Economia Mundial. 4. Indicadores de Turismo. I. Silva, Robson Dias da. II. Título.

CDD: 338.4791

2010/1

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT e AACR2.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral Filho

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia
Alexandre Cardoso

Universidades Consorciadas

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**
Reitor: Almy Junior Cordeiro de Carvalho

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Vieiralves

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Aloísio Teixeira

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Motta Miranda

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO**
Reitora: Malvina Tania Tuttman

SUMÁRIO

Aula 14 – Turismo e economia mundial _____	7
<i>Claudiana Guedes de Jesus</i>	
Aula 15 – Desenvolvimento econômico, mercado de trabalho e turismo _____	23
<i>Claudiana Guedes de Jesus</i>	
Aula 16 – Desenvolvimento tecnológico e turismo _____	41
<i>Claudiana Guedes de Jesus</i>	
Aula 17 – Estado, economia e turismo no Brasil _____	55
<i>Robson Dias da Silva</i>	
Aula 18 – Infra-estrutura, organizações e turismo _____	73
<i>Claudiana Guedes de Jesus</i>	
Aula 19 – Economia brasileira em perspectiva histórica _____	91
<i>Robson Dias da Silva</i>	
Aula 20 – Blocos econômicos regionais e a economia brasileira _____	111
<i>Robson Dias da Silva</i>	
Aula 21 – Desenvolvimento regional e turismo no brasil: a região Sul _____	129
<i>Claudiana Guedes de Jesus</i>	
Aula 22 – Desenvolvimento regional e turismo no brasil: a região Norte _____	145
<i>Claudiana Guedes de Jesus</i>	
Aula 23 – Desenvolvimento regional e turismo no brasil: a região Nordeste _____	163
<i>Robson Dias da Silva</i>	
Aula 24 – Desenvolvimento regional e turismo no brasil: a região Centro-Oeste _____	183
<i>Claudiana Guedes de Jesus</i>	
Aula 25 – Desenvolvimento regional e turismo no brasil: a região Sudeste _____	201
<i>Claudiana Guedes de Jesus</i>	
Aula 26 – Indicadores de turismo no Brasil _____	223
<i>Robson Dias da Silva</i>	
Referências _____	243

14

Turismo e economia mundial

Meta da aula

Apresentar a importância e a evolução recente do setor de turismo na economia mundial.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 reconhecer a importância e a evolução do setor de turismo na economia mundial;
- 2 identificar as principais transformações e tendências do mercado de turismo.

Pré-requisito

Para compreender melhor esta aula, você deverá revisar o conceito de globalização estudado na Aula 12.

Introdução

Nesta aula, você estudará a importância, as tendências e as transformações do turismo na economia mundial, além dos principais dados que evidenciam seu constante e rápido crescimento em anos recentes.

A evolução do turismo mundial está intimamente ligada ao desenvolvimento tecnológico e ao crescimento das cidades. Avanços, especialmente nos meios de transportes (ferroviário, aquaviário, rodoviário e aéreo) e nas tecnologias de informação (internet), propiciaram crescimento do setor.



Apesar de a palavra turismo ter sido criada apenas no século XIX (o sentido tem sido aprimorado a partir de então), existiram viagens anteriores que poderiam ser caracterizadas como uma forma de atividade turística. A evolução dessas atividades está relacionada à história da economia mundial e, portanto, à evolução das estruturas urbanas e dos transportes.

A partir do século XIX, a estruturação das redes urbanas, paralelamente às inovações nos transportes, propiciou um importante crescimento do turismo. No século XX, o turismo cresceu rapidamente e obteve uma significativa importância econômica, chegando no final do século a ser considerado um dos setores mais importantes da economia mundial.

Na evolução do turismo, as inovações são o impulso ao **turismo de massa**, principalmente nos meios de transporte e nas tecnologias de informação e comunicação (TICs), observadas principalmente na internet. Você estudará melhor esse ponto na Aula 16, quando analisaremos a relação do turismo e do desenvolvimento tecnológico.

Importância e evolução do turismo para a economia mundial

Nos próximos parágrafos, você observará a importância do turismo na economia mundial e, posteriormente, alguns dados da evolução desse setor nos últimos anos. O rápido desenvolvimento do turismo no século XX está ligado a transformações econômicas especialmente após a Segunda Guerra. Nesse momento, surge o turismo de massa.

Fatos observados especialmente nos chamados “trinta anos gloriosos” (décadas de 1950, 1960 e 1970), período posterior à Segunda Guerra Mundial, fomentaram o crescimento das atividades turísticas. Têm destaque as elevadas taxas de crescimento econômico mundiais, lideradas pela expansão do setor industrial e pelo conseqüente aumento do nível de emprego e renda.

Turismo de massa

Realizado pelas pessoas que viajam normalmente em grupos, com gastos reduzidos e permanência de curta duração. Está associado à intensificação da utilização das infra-estruturas e dos equipamentos turísticos; excessiva utilização dos espaços (destruição); à degradação dos monumentos e centros históricos; destruição do patrimônio natural mais sensível. É muito criticado, especialmente no que se refere à sustentabilidade e à preservação do local visitado.

O contexto mundial é propício às conquistas sociais empreendidas pelos trabalhadores, entre as quais as férias remuneradas, que asseguraram condições para o usufruto do tempo de lazer. Em alguns países como França, Suíça, Bélgica, Holanda, Austrália, Nova Zelândia, entre outros, foram criados mecanismos para financiar os gastos com viagens.

Tais financiamentos eram basicamente para o chamado turismo social, praticado por aqueles que não seriam capazes de arcar com os custos sem a assistência de uma instituição (sindicatos) (BEZERRA, 2005, p. 20).



Segundo Bezerra (2005, p. 25), o fim dos “trinta anos gloriosos” não implicou estagnação da atividade turística mundial. As melhorias ocorridas pelo crescimento da capacidade hoteleira mundial e dos transportes aéreos, aliadas à afirmação de uma extensa estrutura de comercialização, influenciam um novo ciclo de crescimento do setor de turismo.

A partir da segunda metade do século XX, observamos crescimento significativo do setor de turismo mundial. O aumento do número de turistas no mundo, de acordo com dados da Organização Mundial de Turismo (OMT), pode ser analisado na seguinte seqüência: em 1950 havia 25 milhões de turistas; 166 milhões em 1970; 458 milhões em 1990; 697 milhões em 2000 e 763 milhões em 2004, como é demonstrado no **Gráfico 14.1**:

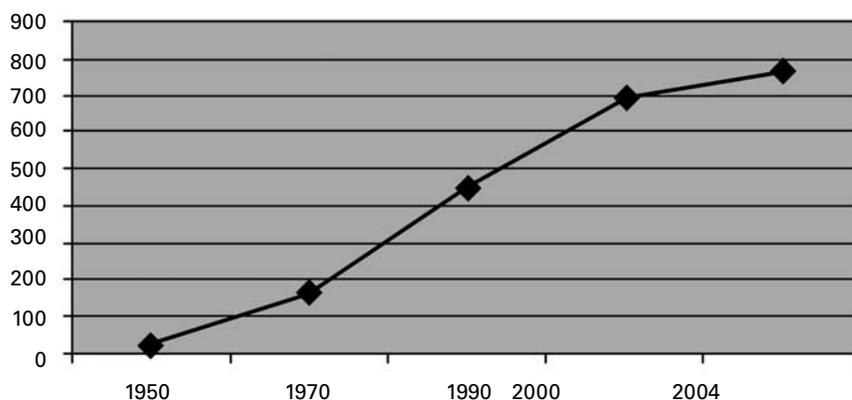


Gráfico 14.1: Evolução do número de turistas no mundo, em milhões.
Fonte: OMT (2008).

O setor de turismo constitui-se em uma das atividades de maior dinamismo na economia mundial, com um produto de US\$ 1,7 trilhão em 2006. Pela sua própria natureza, o setor de turismo constitui-se em um pólo irradiador de demanda para os demais setores industriais e de serviços.

Tomando como base o PIB global de aproximadamente US\$ 48,2 trilhões em 2006, o setor de turismo representa aproximadamente 3,5%, o que demonstra a importância econômica do setor (HIRATUKA, 2007).

O setor de turismo também possui uma expressiva importância na geração de empregos e de investimentos diretos (atividades turísticas) e indiretos (infra-estrutura). Estima-se que o setor empregou aproximadamente 74 milhões de pessoas em 2006, o que representaria 2,7% de todo o emprego mundial.

Na **Tabela 14.1**, você pode observar a evolução do número de entradas de turistas em cinco grande regiões do mundo (Europa, Ásia, Américas, África e Oriente Médio).

Tabela 14.1: Evolução do número de entrada de turistas nos continentes entre 1995 e 2005 (em milhões)

Região/Período	1995	2005	Participação (%)	Variação % (1995-2005)
Mundo	536	803	100	58
Europa	310,8	438,7	54,4	48
Ásia	82,5	155,3	19,8	103
Américas	109	133,2	16	25
<i>América do Sul</i>	<i>11,7</i>	<i>18,2</i>	<i>2,2</i>	<i>61</i>
<i>Brasil</i>	<i>2</i>	<i>5,4</i>	<i>0,6</i>	<i>152</i>
África	20,1	37,3	4,8	103
Oriente Médio	13,7	38,3	4,9	205

Fonte: NEIT (2007).

Na **Tabela 14.1**, observamos ainda, na quarta coluna, a participação ou a importância (em percentuais) de cada continente e, na última coluna, a variação (em percentuais) na quantidade de turistas no período. A América do Sul e o Brasil foram destacados para observarmos a importância destes no todo.

No mundo, entre 1995 e 2005, houve um aumento de 58% no fluxo de turistas, passando de 536 milhões a 803 milhões (**Tabela 14.1**). Em 2005, o continente europeu foi o que recebeu um maior número de turistas, 438,7 milhões (ou 54% do total mundial), enquanto o continente africano recebeu um menor número de turistas, 37,3 milhões (ou 4,8 % dos turistas que viajaram pelo mundo).

Continuando a análise da **Tabela 14.1**, o Oriente Médio foi o que teve uma maior variação entre 1995 e 2005, com um

aumento de 205% no período, enquanto o continente americano teve o menor crescimento de 25% no período.

No Brasil, o setor de turismo tem apresentado um relativo dinamismo e crescente participação no PIB. Entretanto, esse desempenho permanece aquém do seu potencial efetivo, sobretudo de desenvolvimento de regiões mais pobres com enorme potencial de oferta e demanda turística.

O potencial brasileiro é muito grande, com vários roteiros turísticos distribuídos por todo o território nacional, abrangendo diversos segmentos como: ecoturismo, estudos e intercâmbio, cultural (cívico, místico, arquitetônico, esotérico, gastronômico, histórico, religioso), pesca, aventura, sol e praia, negócios e eventos, esportes e rural.

O PIB do setor de turismo no Brasil foi estimado em US\$ 24,9 bilhões em 2006, correspondente a uma participação no total mundial de 1,5%.

Considerando a participação no PIB brasileiro, o setor de turismo foi responsável por 2,6% dos empregos gerados. Para a indústria do turismo, o total de pessoas empregadas chegou a 2,2 milhões; isso representou 3,0% do total mundial, respectivamente.

Segundo dados da OMT, a entrada de turistas estrangeiros no Brasil vem crescendo a uma taxa bastante superior à média mundial. Apesar disso, embora crescente, ainda é pequena a participação brasileira no fluxo mundial de turistas internacionais (0,4% do total em 1995 e 0,6% em 2006).

Vale lembrar que o fluxo de turismo internacional (emissivo e receptivo) é bastante sensível à evolução da taxa de câmbio. No período 2005-2006, de forte valorização cambial, o setor de turismo tornou-se novamente deficitário no balanço de pagamentos, revertendo o desempenho de pequenos superávits no biênio 2003-2004 (HIRATUKA, 2007).

O ainda baixo grau de internacionalização da demanda turística mostra que o setor de turismo brasileiro ainda é fortemente dependente do turismo doméstico. Assim, o fortalecimento e a consolidação do setor no Brasil, inclusive com o aumento

do grau de internacionalização da demanda, dependem sobretudo da expansão do turismo doméstico.

O turismo doméstico, do ponto de vista tanto do fluxo emissor e receptor de turistas e dos gastos com viagem quanto da oferta turística, é ainda bastante concentrado nas regiões Sul e Sudeste do país, limitando assim a capacidade de crescimento e de desenvolvimento dos pontos turísticos das regiões mais pobres e menos desenvolvidas.

As dificuldades de acesso às regiões menos desenvolvidas estão associadas a vários fatores, tais como extensão territorial, baixa capilaridade de serviços de transporte, oferta turística e infra-estrutura básica deficiente e inadequada.

Porém, certamente o baixo poder aquisitivo e a baixa participação do consumo turístico nas despesas familiares são os fatores mais limitantes do avanço do turismo doméstico e da consolidação das atividades turísticas no país.

Essa participação tem uma correlação direta com o nível de renda. Enquanto as famílias das faixas de renda menor (até cinco salários mínimos) destinam menos de 1% para gastos com viagem, no caso das famílias de faixa de renda igual ou superior a vinte salários mínimos essa participação mais do que dobra (HIRATUKA, 2007).

As famílias com faixas de renda superiores a dez salários mínimos, que representam 25% do número de famílias, são responsáveis por mais de 75% do consumo turístico no Brasil.

É importante ressaltar que o fortalecimento do turismo doméstico, sobretudo das atividades associadas à oferta turística – equipamentos e serviços turísticos (meios de hospedagem, agências de turismo, transportadoras turísticas, instituições financeiras) e da infra-estrutura de apoio turístico (sistema de transporte aéreo, sistema de informação e comunicação e infra-estrutura básica) –, será fundamental para promover o aumento da competitividade do setor e aprofundar o grau, ainda baixo, de internacionalização tanto da oferta quanto da demanda turística.



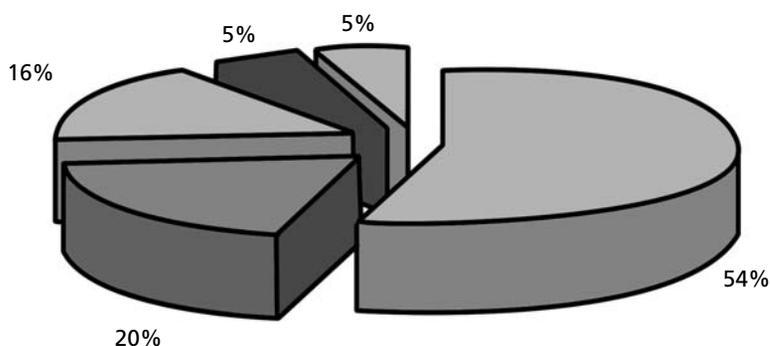
Atividades

Atendem ao Objetivo 1

1. Você estudou a significativa evolução do setor de turismo, especialmente a partir da metade do século passado. Quais os fatores que propiciaram tal mudança?

2. É importante fazer a leitura e a análise de gráficos e tabelas, como foi feito nas páginas anteriores desta aula. Observe o gráfico a seguir e faça uma análise. Escreva suas conclusões a partir das informações dadas.

Participação dos continentes no fluxo de entrada de turistas (em %) – 2006



■ Europa ■ Ásia e Pacífico ■ Américas ■ África ■ Oriente Médio

Fonte: Hiratuka et al., 2007.

Respostas Comentadas

1. O aumento do setor de turismo no mundo, no século XX, foi devido especialmente ao rápido avanço tecnológico, ao crescimento e à estruturação das cidades e aos avanços nas conquistas sociais, como a legislação trabalhista (direito a férias, entre outros).

No que se refere ao avanço das tecnologias, destacamos as inovações nos sistemas de transportes e nos sistemas de comunicação. Nos transportes, as inovações resultaram em diminuição de custos, diminuição de tempo, aumento de velocidade, aumento do conforto e facilidade de pagamentos (parcelamentos em cartões de crédito). Já nas tecnologias de comunicação e informação, além do telefone, a internet foi uma grande facilitadora para as atividades turísticas. Ela internet facilitou as compras, o conhecimento dos lugares e todo o processo de viajar.

2. No gráfico apresentado na atividade, pode-se observar a participação mundial dos cinco continentes no fluxo de entrada de turistas, no ano de 2006. Os dados são demonstrados por meio da participação de cada continente em porcentagens do total mundial.

O continente europeu é o mais importante na participação mundial, e possui o maior fluxo, com 54% do total. Os continentes da África e do Oriente Médio são os que possuem menor fluxo de turistas, com aproximadamente 5% cada. O continente americano e a Ásia possuem uma participação respectiva de 16% e 20% do fluxo total de turistas no mundo, em 2006.

Tendências do setor de turismo mundial e brasileiro

O crescimento recente do setor de turismo no mundo tem sido caracterizado por algumas transformações e tendências importantes. No contexto mundial de globalização e conseqüente aumento de concorrência, as empresas do turismo adotam estra-

tégias para se manter no mercado, assim como ocorre em outros setores da economia.

Destacamos a seguir algumas das principais estratégias adotadas pelas empresas turísticas:

- a) adoção de alianças estratégicas;
- b) fusões e aquisições (F&A) entre empresas;
- c) multinacionalização das empresas;
- d) integração entre empresas do setor.

a) Adoção de alianças estratégicas

Muitos são os acordos entre empresas do setor de turismo, essas são chamadas alianças estratégicas. Têm o objetivo de aumentar a competitividade da empresa, diminuir custos, atrair mais clientes, diversificar produtos etc.



Figura 14.1: Os acordos (alianças estratégicas) fechados entre os empresários ocorrem no setor de turismo em todo o mundo.

Existem muitos tipos de alianças estratégicas como compras conjuntas, marketing conjunto, compras de ações de outra empresa, franquias e outros. No transporte aéreo, por exemplo, existe um acordo chamado *code-sharing* – trata-se do uso conjunto de uma aeronave por várias empresas aéreas, cada uma com seu próprio código de voo.

Como exemplo, no setor de transporte aéreo mundial, no ano 2000, foram identificadas as cinco maiores alianças estratégicas ou parcerias globais: Star Alliance, One World, Sky Team, Wings Alliance e Qualiflyer Group. Nessas alianças estão as maiores companhias aéreas do mundo.

O conjunto dessas alianças correspondia a 65% do mercado de tráfego aéreo internacional. Vale destacar que, no centro da estrutura de cada uma delas (com exceção da Qualiflyer), inclui-se uma das companhias americanas que ocupa um dos primeiros lugares entre as sete maiores do mundo (**Tabela 14.2**).

Tabela 14.2: Alianças globais no transporte aéreo de passageiros em outubro de 2000

Alianças	Participação mercado mundial RPK (*)	Início	Membros
Star Alliance	22% (815 destinos / 130 países)	1997	15 empresas: Air Canadá, Air New Zealand, All Nippon Airways, Ansett Australia, Austrian Airlines, Lauda Air, Lufthansa, SAS, Singapore Airlines, Thai Airways, Tyrolean Airways, United Airline, Varig Brasil, British Midland, Mexicana.
One World	18% (561 destinos / 132 países)	1999	8 empresas: American Airlines, British Airways, Cathay Pacific, Finnair, IBERIA, Qantas, Air Lingus, Lan Chile.
Sky Team	11% (451 destinos / 98 países)	1999 (Global Alliance, renomeada em 2000)	5 empresas: Aero México, Air France, Delta Air Lines, Korea Air, Alitalia.
Wings Alliance	10% (750 destinos / 100 países)	1998	4 empresas: Continental Airlines, KLM, Northwest Airlines, Malaysia Airlines.
Qualiflyer Group	4%	1998	12 empresas: Swissair, TAP, Sabena, Crossair, Balair, Turkish Airlines, Air Europe Volare, LOT, LTU, Austria Airlines, SAA, PGA.

(*) RPK: número de passageiros transportados por quilômetro.
Fonte: Duarte (2001, p. 265).

b) Fusões e aquisições (F&A) entre empresas (oligopolização)

As fusões e aquisições são estratégias para as empresas ficarem mais competitivas no mercado. As fusões são junções de duas empresas, tendo como resultado uma empresa nova. E, no processo de aquisição, uma empresa, normalmente maior, compra outra.



Resumidamente:

Fusão:

Empresa A + Empresa B = Empresa C

Aquisição:

Empresa Maior A + Empresa Menor B = Empresa A

Observamos que, por causa desses processos de fusões e aquisições, no turismo e nos demais setores da economia, o mundo está passando por um processo de oligopolização das empresas. Cada vez mais, poucas e grandes empresas dominam os diferentes mercados.

c) Multinacionalização das empresas

As empresas multinacionais são caracterizadas por desenvolver uma estratégia internacional a partir de uma base nacional, sob a coordenação de uma direção centralizada. Normalmente, as empresas multinacionais estruturam-se a partir de uma empresa “matriz” (sede) e suas “filiais”.

A multinacionalização das empresas é muito observada no turismo, tendo empresas com sede em um país e com filiais no resto do mundo. As grandes redes hoteleiras, com filiais e investimentos em vários países, são exemplos dessa estratégia.

Quando ocorre um investimento de uma sede diretamente em empresas filiais em outro país, chamamos de *investimento direto externo* (IDE).



Os setores de hotelaria e restaurantes seriam responsáveis por um estoque de investimento direto externo (IDE) no montante de US\$ 92,5 bilhões até 2005, dos quais US\$ 69,1 bilhões destinados aos países avançados e US\$ 23,4 bilhões para os países em desenvolvimento.

É importante destacar que mais de 90% desses investimentos são provenientes de empresas dos países avançados, o que demonstra um profundo processo de internacionalização e, do ponto de vista dos países menos desenvolvidos, de desnacionalização das atividades turísticas de hotelaria e alimentação. As aquisições e fusões nessas atividades totalizaram US\$ 13,5 bilhões em 2006 (HIRATUKA, 2007)

d) Integração entre empresas do setor

As integrações entre empresas no setor de turismo têm como objetivo aumentar a vantagem competitiva sobre a concorrência, diversificando os produtos e serviços, aumentando a eficiência e a divulgação da empresa e diminuindo custos.

Existem dois tipos de integração entre empresas no setor de turismo: integração horizontal e integração vertical.

• Integração horizontal

Acordos e alianças entre empresas da mesma atividade dentro do setor de turismo, como ocorre entre empresas aéreas (entre a TAM e a Gol Linhas Aérea, por exemplo), entre restaurantes numa mesma cidade etc.

Na **Tabela 14.2** temos exemplos de integração horizontal entre as várias companhias do transporte aéreo.

• Integração vertical

Acordos e alianças entre empresas de diferentes atividades dentro do setor de turismo. Nesse caso, normalmente quando um cliente adquire um serviço, terá descontos ou vantagens da aquisição do serviço da outra empresa que possui convênio.

A integração vertical mais comum no turismo é entre um hotel e um restaurante. Citamos outros casos como alianças en-

tre uma empresa aérea e uma locadora de carros, entre hotéis e empresas aéreas, entre operadoras de viagens e empresas aéreas e outras.

Conclusão

O setor de turismo está em rápida evolução na economia mundial. O turismo continua num rápido crescimento, e, devido ao desenvolvimento tecnológico e à globalização, é iminente a importância desse setor no contexto internacional.



Atividade Final _____

Atende ao Objetivo 2

Quais foram as mudanças observadas nas empresas, no setor de turismo, para conseguirem se manter no mundo globalizado?

Resposta Comentada

As estratégias utilizadas pelas empresas do turismo são as mesmas de outros setores. Por causa do rápido aumento da competitividade internacional, as empresas adotam alianças ou outras estratégias para manterem-se no mercado. A adoção de alianças estratégicas nas empresas turísticas, as fusões e aquisições (F&A) entre empresas, a multinacionalização das empresas e a integração entre empresas do setor foram as principais modalidades utilizadas.

Resumo

O aumento do setor de turismo no mundo, no século XX, foi devido especialmente ao rápido avanço tecnológico (essencialmente em transportes e comunicação), ao crescimento e à estruturação das cidades e aos avanços na legislação trabalhista (direito a férias, entre outros).

As principais transformações no mercado foram a adoção de alianças estratégicas, as fusões e aquisições (F&A), a multinacionalização e a integração entre empresas do setor.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, você estudará a relação do desenvolvimento econômico e do mercado de trabalho no setor de turismo. Até lá!

15

Desenvolvimento econômico, mercado de trabalho e turismo

Meta da aula

Apresentar o conceito de desenvolvimento econômico, algumas noções de mercado de trabalho e a importância desses conceitos para o setor de turismo.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1** diferenciar os conceitos de crescimento e de desenvolvimento econômico;
- 2** identificar os principais conceitos do mercado de trabalho.

Introdução

Nesta aula, você estudará as definições de crescimento e desenvolvimento econômico, algumas noções de mercado de trabalho e sua importância para o turismo. É essencial para o turismólogo saber os conceitos que serão estudados nesta aula, tendo em vista que para a análise do setor de turismo são fundamentais os estudos do desenvolvimento e mercado de trabalho dos países. Para entender os conceitos de desenvolvimento, é importante considerar que, de maneira geral, existem dois grupos de países: o dos desenvolvidos (também chamados de centrais) e o segundo grupo, dos países subdesenvolvidos (periféricos), um conjunto dos outros países.

Portanto, entender o que é ser desenvolvido e quais são as suas implicações, as relações de crescimento e desenvolvimento é essencial para entender o turismo no mundo.

Crescimento e desenvolvimento econômico

Para você entender as questões relativas ao desenvolvimento econômico, primeiramente precisa identificar a diferença conceitual existente entre o desenvolvimento e o crescimento econômico.

No senso comum, é freqüente identificarem e relacionarem o crescimento econômico e o desenvolvimento econômico como um mesmo significado, o que não é correto. Enquanto o crescimento econômico representa a ampliação quantitativa da produção (PIB – Produto Interno Bruto) de um país, o desenvolvimento econômico engloba o crescimento somado a fatores relativos à qualidade das condições de vida da população (educação, saúde, moradia etc.).

Se, por um lado, o crescimento econômico limita-se a fatores quantitativos de produção, por outro o desenvolvimento econômico amplia o quantitativo, configurando um conceito mais complexo, observando o qualitativo nos indicadores sociais do país.

Destacamos a seguir os dois conceitos:

Crescimento econômico – refere-se ao aumento contínuo da renda *per capita* de um país ao longo do tempo, implicando uma melhor eficiência do sistema produtivo.

Desenvolvimento econômico – refere-se às modificações que alteram a composição do produto e a alocação dos recursos pelos diferentes setores da economia, de forma a melhorar os indicadores de bem-estar social da população.

Como destaca Milone (2004, p. 485), o processo de desenvolvimento econômico é caracterizado por alguns fatores:

- 1) crescimento do bem-estar econômico, medido por indicadores de natureza econômica. Por exemplo: **produto nacional total, produto nacional per capita**;
- 2) diminuição dos níveis de pobreza, desemprego e desigualdade;
- 3) melhoria das condições de saúde, nutrição, educação, moradia, transporte e outros.

Produto nacional per capita ou PIB per capita

É a produção do país ou o Produto Interno Bruto (PIB) dividida pelo número de habitantes desse. Ou seja, é a quantidade de produto por pessoa de determinado país.



O crescimento econômico é caracterizado pelo aumento contínuo da renda *per capita* de um país ao longo do tempo, enquanto o desenvolvimento econômico inclui alterações da composição do produto e a alocação dos recursos pelos diferentes setores da economia, de forma a melhorar os indicadores de bem-estar econômico e social da população (pobreza, desemprego, condições de saúde, educação, moradia e outros).

Existem indicadores próprios para apontar o crescimento e o desenvolvimento de um país. Para o crescimento econômico, geralmente utilizam-se indicadores que medem o crescimento do produto ou do produto *per capita*, como o PIB ou PIB *per capita*.

Quando observamos nos jornais o *ranking* dos maiores países do mundo, normalmente a listagem é feita de acordo com

o PIB de cada país. Portanto, utiliza-se uma análise do quantitativo de riqueza dos países.

No caso do desenvolvimento econômico, este não pode ser analisado somente por meio de indicadores que medem o crescimento do produto, mas também deve ser complementado por indicadores que representem a qualidade de vida dos indivíduos (expectativa de vida, mortalidade infantil, fertilidade, educação, analfabetismo, distribuição de renda entre as classes e outros). Portanto, são utilizados dados que demonstram a qualidade de vida da população, como o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH.



O Índice de Desenvolvimento Humano é uma medida comparativa de riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade e outros fatores entre os países membros da ONU. Também pode ser calculado para um estado, município ou região.

O IDH é parte integrante do Relatório de Desenvolvimento Humano produzido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (PNUD), abrangendo 177 países. O Índice de Desenvolvimento Humano foi desenvolvido em 1990 pelo economista paquistanês Mahbub Haq.

Ele também tem a particularidade de, na sua avaliação da qualidade de vida da população, considerar critérios abrangentes, pois leva em conta os aspectos econômicos e outras características sociais, culturais e políticas que influenciam a qualidade da vida humana. Utiliza-se de dados como a expectativa de vida, a taxa de alfabetização, a taxa de matrícula e PIB *per capita*.

O IDH varia de zero (0) (em países com nenhum desenvolvimento humano) até um (1) (países com desenvolvimento humano total). Países com IDH de zero até 0,499 têm desenvolvimento humano considerado baixo; entre 0,500 e 0,799 são considerados de médio desenvolvimento, e países com IDH superior a 0,800 têm desenvolvimento humano considerado alto.

A **Tabela 15.1**, a seguir, mostra o *ranking* de 177 países em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano, informações do relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (PNUD) em 2007-2008. Os dados são relativos ao ano de 2005.

Tabela 15.1: Posição de 177 países no Índice de Desenvolvimento Humano – 2007/2008

Alto	País	IDH			
1	Islândia	0,968	33	Kwait	0,891
2	Noruega	0,968	34	Malta	0,878
3	Austrália	0,962	35	Qatar	0,875
4	Canadá	0,961	36	Hungria	0,874
5	Irlanda	0,959	37	Polônia	0,870
6	Suécia	0,956	38	Argentina	0,869
7	Suíça	0,955	39	E. Árabes Unidos	0,868
8	Japão	0,953	40	Chile	0,867
9	Holanda	0,953	41	Bahrein	0,866
10	França	0,952	42	Eslováquia	0,863
11	Finlândia	0,952	43	Lituânia	0,862
12	Estados Unidos	0,951	44	Estônia	0,860
13	Espanha	0,949	45	Letônia	0,855
14	Dinamarca	0,949	46	Uruguai	0,852
15	Áustria	0,948	47	Croácia	0,850
16	Reino Unido	0,946	48	Costa Rica	0,846
17	Bélgica	0,946	49	Bahamas	0,845
18	Luxemburgo	0,944	50	Seychelles	0,843
19	Nova Zelândia	0,943	51	Cuba	0,838
20	Itália	0,941	52	México	0,829
21	Hong Kong	0,937	53	Bulgária	0,824
22	Alemanha	0,935	54	S. Cristóvão e Nevis	0,821
23	Israel	0,932	55	Tonga	0,819
24	Grécia	0,926	56	Líbia	0,818
25	Cingapura	0,922	57	Antígua e Barbuda	0,815
26	Coréia do Sul	0,921	58	Omã	0,814
27	Eslovênia	0,917	59	Trinidad e Tobago	0,814
28	Chipre	0,903	60	Romênia	0,813
29	Portugal	0,897	61	Arábia Saudita	0,812
30	Brunei	0,894	62	Panamá	0,812
31	Barbados	0,892	63	Malásia	0,811
32	República Theca	0,891	64	Belarus	0,804
			65	Maurício	0,804

66	Bósnia-Herzegovina	0,803	106	Palestina	0,731
67	Rússia	0,802	107	Indonésia	0,728
68	Albânia	0,801	108	Síria	0,724
69	Macedônia	0,801	109	Turcomenistão	0,713
70	Brasil	0,800	110	Nicarágua	0,710
Médio	País	IDH	111	Moldova	0,708
71	Dominica	0,798	112	Egito	0,708
72	Santa Lúcia	0,795	113	Uzbequistão	0,702
73	Cazaquistão	0,794	114	Mongólia	0,700
74	Venezuela	0,792	115	Honduras	0,700
75	Colômbia	0,791	116	Quirguistão	0,696
76	Ucrânia	0,788	117	Bolívia	0,695
77	Samoa	0,785	118	Guatemala	0,689
78	Tailândia	0,781	119	Gabão	0,677
79	Rep. Dominicana	0,779	120	Vanuatu	0,674
80	Belize	0,778	121	África do Sul	0,674
81	China	0,777	122	Tadjiquistão	0,673
82	Granada	0,777	123	São Tomé e Príncipe	0,654
83	Armênia	0,775	124	Botsuana	0,654
84	Turquia	0,775	125	Namíbia	0,650
85	Suriname	0,774	126	Marrocos	0,646
86	Jordânia	0,773	127	Guiné Equatorial	0,642
87	Peru	0,773	128	Índia	0,619
88	Libano	0,772	129	Ilhas Salomão	0,602
89	Equador	0,772	130	Laos	0,601
90	Filipinas	0,771	131	Camboja	0,598
91	Tunísia	0,766	132	Myanmar	0,583
92	Fiji	0,762	133	Butão	0,579
93	S. Vicente e Granadinas	0,761	134	Comores	0,561
94	Irã	0,759	135	Gana	0,553
95	Paraguai	0,755	136	Paquistão	0,551
96	Geórgia	0,754	137	Mauritânia	0,550
97	Guiana	0,750	138	Lesoto	0,549
98	Azerbaijão	0,746	139	Congo	0,548
99	Sri Lanka	0,743	140	Bangladesh	0,547
100	Maldivas	0,741	141	Suazilândia	0,547
101	Jamaica	0,736	142	Nepal	0,534
102	Cabo Verde	0,736	143	Madagascar	0,533
103	El Salvador	0,735	144	Camarões	0,532
104	Argélia	0,733	145	Papua Nova Guiné	0,530
105	Vietnã	0,733	146	Haiti	0,529
			147	Sudão	0,526

148	Quênia	0,521
149	Djibuti	0,516
150	Timor Leste	0,514
151	Zimbábue	0,513
152	Togo	0,512
153	Iêmen	0,508
154	Uganda	0,505
155	Gâmbia	0,502
Baixo	País	IDH
156	Senegal	0,499
157	Eritréia	0,483
158	Nigéria	0,470
159	Tanzânia	0,467
160	Guiné	0,456
161	Ruanda	0,452
162	Angola	0,446
163	Benin	0,437
164	Malauí	0,437
165	Zâmbia	0,434
166	Costa do Marfim	0,432
167	Burundi	0,413
168	Rep. Dem. do Congo	0,411
169	Etiópia	0,406
170	Chade	0,388
171	Rep. Centro-Africana	0,384
172	Moçambique	0,384
173	Mali	0,380
174	Níger	0,374
175	Guiné-Bissau	0,374
176	Burkina Fasso	0,370
177	Serra Leoa	0,336

Fonte. www.pnud.org.br.

O país com melhores indicadores sociais no relatório é a Islândia (no noroeste da Europa), que superou a Noruega, com IDH de 0,968, ficando com o título de país com melhor qualidade de vida no mundo.

Na parte de baixo do *ranking*, países com desenvolvimento humano considerado baixo, encontram-se todos os 22 países da África subsaariana, e Serra Leoa é agora a última colocada, com IDH de 0,336 (ver **Tabela 15.1**).

O Brasil, no relatório anterior, era considerado um país de médio desenvolvimento humano, com IDH de 0,792. Agora, com o relatório de 2007/2008, o país subiu na tabela, com índice igual a 0,800, e já é considerado um país de alto desenvolvimento humano.

Destacamos, entretanto, que o Brasil possui o último lugar (70º lugar) nessa faixa de países de alto desenvolvimento e está abaixo dos países latino-americanos como Argentina (0,869), Chile (0,867), Panamá (0,812), Uruguai (0,852), Costa Rica (0,846), Cuba (0,838) e México (0,829).

Um país é considerado desenvolvido quando possui bons indicadores econômicos e boas condições de vida daquela população. Destacamos nesse caso os países da América do Norte (EUA e Canadá), da Europa (Alemanha, Espanha, França, Reino Unido, Itália, Suécia etc.) e da Ásia (Japão).

Os países desenvolvidos são caracterizados ainda por uma boa estrutura de transportes, de segurança, de saúde, de tecnologias de informações e comunicação, o que incentiva a existência de uma melhor composição para o turismo.

Já os países subdesenvolvidos (especialmente países da América Latina, Ásia e África) possuem indicadores econômicos e sociais bem mais baixos que os dos desenvolvidos. Alguns fatores são comuns aos países subdesenvolvidos (MILONE, 2004):

- a) baixo nível de qualidade de vida;
- b) pobreza e desigualdade de distribuição de renda;
- c) baixo nível de produtividade;
- d) elevada taxa de crescimento da população;
- e) elevado e crescente nível de desemprego e subemprego;
- f) dependência tecnológica;
- g) dependência nas exportações de produtos, em sua maioria primários;
- h) dependência e vulnerabilidade nas relações nacionais e internacionais.

A **Tabela 15.2**, a seguir, traz o *ranking* dos países com maiores produtos internos brutos no mundo. Os Estados Unidos da América ocupa o primeiro lugar, seguido do Japão e da Alemanha.

Tabela 15.2: *Ranking* dos países com maiores PIBs do mundo (em milhões US\$ correntes)

País	PIB	% do mundo
1 EUA	12.455.068	28,1
2 Japão	4.505.912	10,2
3 Alemanha	2.781.900	6,3
4 China	2.228.862	5,0
5 Reino Unido	2.192.553	4,9
6 França	2.110.185	3,9
7 Itália	1.723.344	2,5
8 Espanha	1.123.691	1,8
9 Canadá	1.115.192	1,8
10 Brasil	794.098	1,8
11 Coreia do Sul	787.624	1,7
12 Índia	785.468	1,7
13 México	768.438	1,6
14 Rússia	763.420	1,3
15 Austrália	700.672	0,8
16 Holanda	594.755	0,8
17 Suíça	365.937	0,8
18 Bélgica	364.735	0,8
19 Turquia	363.300	0,8
20 Suécia	354.115	0,8
20 maiores	36.879.269	83,1
Demais países	7.505.602	16,9
Mundo (total países)	44.384.871	100,0

Fonte: Banco Mundial.

Disponível em <http://siteresources.worldbank.org/DATASTATISTICS/Resources/GDP.pdf>.

Um país pode possuir um bom crescimento econômico e não ser desenvolvido. Em alguns casos, o país possui elevado PIB e uma má distribuição de renda da população, que tem condições de vida precárias.

Apesar da melhora nos últimos anos, o Brasil é um caso desses. No *ranking* dos países com maiores PIBs do mundo, o Brasil está em 10º lugar, enquanto que, com relação ao IDH, está em 70º (ver **Tabelas 15.1 e 15.2**).

A distribuição de renda é, portanto, um fator a ser considerado no desenvolvimento de um país, ou seja, a forma pela qual os frutos do crescimento são partilhados pela população. Uma má distribuição de renda da população atinge negativamente as condições de vida. Um país pode ser muito rico mas com população pobre.

A **Tabela 15.3**: mostra o *ranking* dos estados brasileiros de acordo com o IDH de 2007/2008. O Rio Grande do Sul ocupa a primeira colocação, seguido do Distrito Federal e de São Paulo.

Tabela 15.3: Classificação dos estados brasileiros segundo o IDH – 2007/2008

Estados da Federação	Valor IDH	Posição IDH
Rio Grande do Sul	0.871	1
Distrito Federal	0.858	2
São Paulo	0.850	3
Santa Catarina	0.842	4
Rio de Janeiro	0.838	5
Paraná	0.827	6
Mato Grosso do Sul	0.826	7
Espírito Santo	0.816	8
Amazonas	0.797	9
Amapá	0.781	10
Minas Gerais	0.779	11
Mato Grosso	0.769	12
Goiás	0.760	13
Roraima	0.749	14
Rondônia	0.715	15
Pará	0.688	16
Acre	0.665	17
Sergipe	0.663	18
Bahia	0.609	19
Pernambuco	0.577	20

Rio Grande do Norte	0.574	21
Maranhão	0.512	22
Ceará	0.506	23
Piauí	0.502	24
Alagoas	0.500	25
Paraíba	0.466	26

Fonte. www.pnud.org.br.

No Brasil, historicamente, existe um problema de concentração de renda. Analisando por estado ou região, percebemos que, enquanto algumas regiões do país possuem índices de países desenvolvidos, outras possuem posições iguais às de países muito subdesenvolvidos. De modo geral, os estados do Sul e do Sudeste já possuem IDH bem melhores que os estados de outras regiões (ver **Tabela 15.3**).



Atividades

Atendem ao Objetivo 1



Para aprofundar seus conhecimentos, leia o trecho da reportagem a seguir, que analisa os dados do IDH elaborados pelo PNUD.

IDH: Brasil entra para o grupo de alto desenvolvimento humano

Favorecido em especial pelo aumento da renda, o Brasil entrou pela primeira vez para o grupo dos países com alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 70.º lugar, no ranking de 177 países avaliados anualmente pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). O IDH do Brasil subiu de 0,798 para 0,800, de 2004 para 2005, na escala de 0 a 1. De acordo com o novo relatório da PNUD, a Islândia, no noroeste da Europa, e Serra Leoa, na África, são a nova face da desigualdade mundial. O país europeu desbancou a vizinha Noruega e assumiu a liderança no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), com 0,968, na escala de 0 a 1. Na ponta de

baixo, Serra Leoa perdeu uma posição em relação ao ano passado e, com índice 0,336, tomou o último lugar do Níger.

Ao nascer, por exemplo, um bebê islandês tem uma expectativa de vida de 81,5 anos. É quase o dobro do que sobrevive, em média, um cidadão de Serra Leoa: 41,8 anos.”

O Globo e O Globo Online

27/11/2007

1. Qual é a diferença entre crescimento econômico e desenvolvimento econômico?

2. De acordo com a **Tabela 15.3**, classifique os seguintes estados de acordo com o índice do IDH (alto, médio e baixo): Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Piauí e Paraíba.

Respostas Comentadas

1. *O crescimento econômico é o aumento contínuo do PIB em termos globais e per capita ao longo do tempo, observando apenas o quantitativo da produção do país. O desenvolvimento econômico engloba o crescimento dos dados econômicos mais fatores relativos à qualidade das condições de vida da população (diminuição da pobreza, além da melhoria da educação, saúde, moradia etc.).*

2. *O IDH é classificado da seguinte maneira:*

a) de zero até 0,499, o país ou a região possui desenvolvimento humano baixo;

b) entre 0,500 e 0,799, são considerados de médio desenvolvimento;

c) a partir de 0,800, têm desenvolvimento humano considerado alto.

Portanto, a resposta dos estados é:

O Rio Grande do Sul (IDH 0.871) possui desenvolvimento humano alto; Minas Gerais (0.779) e Piauí (0.502) possuem desenvolvimento humano médio; a Paraíba (0.466) possui desenvolvimento humano baixo.

Mercado de trabalho

No desenvolvimento dos países, o mercado de trabalho é muito importante por ajudar a delimitar a riqueza das nações e a distribuição de renda. O mercado de trabalho está passando por um problema que atinge todos os países, dos desenvolvidos aos subdesenvolvidos.

O problema de desemprego é mundial, e especialmente a partir da década de 1970, quando ocorreram um forte avanço tecnológico (com maior automação da produção) e mudanças na organização do trabalho (com a adoção de práticas de enxugamento de trabalhadores), a situação foi agravada.

Além do desemprego, o crescente aumento da informalidade é outro problema do mercado de trabalho, com muitos trabalhadores em atividades sem qualquer registro. Esses não entram nas estatísticas, assim, não é possível dimensionar ao certo o tamanho e o número de trabalhadores em um país.

Destacamos, primeiramente, as diferenças entre o mercado de trabalho formal e o informal.

a) *Mercado de trabalho formal*: contempla as relações contratuais de trabalho, em grande parte determinadas pelas forças de mercado, e são objeto de legislação específica que os regula.

b) *Mercado de trabalho informal*: é o mercado em que prevalecem regras de funcionamento com um mínimo de interferência governamental.

No mercado de trabalho, no que se refere aos indivíduos que o constituem, classificamos a população segundo a atividade econômica que cada um exerce. Para tanto, iniciamos com a definição de força de trabalho (ou população economicamente ativa – PEA).

A *força de trabalho* representa os elementos que irão constituir o mercado de trabalho, o qual por sua vez abastece as firmas no que diz respeito à necessidade de mão-de-obra.

A PEA é um subconjunto da população em idade ativa (PIA). O critério para definir idade ativa varia de país para país, mas em geral se refere ao intervalo de dez a quinze anos. No Brasil, a PIA adotada é de dez anos ou mais de idade.



Figura 15.1: Estrutura da população no mercado de trabalho.

A população em idade ativa pode ser dividida em dois grupos: a população economicamente ativa (PEA) e a população não-economicamente ativa (PNEA).

a) Entende-se por *população economicamente ativa* (PEA) o conjunto de pessoas, empregadas e desempregadas, em um determinado período de tempo através de dados estatísticos, ou seja:

$$PEA = \text{Empregados} + \text{Desempregados}$$

b) *População não-economicamente ativa* (PnEA) corresponde ao conjunto de pessoas que não trabalham, sendo ou não capacitados para tal, como listamos a seguir.

b.1) capacitados para o trabalho:

– *trabalhadores desalentados* (dispostos a trabalhar, mas desestimulados a buscar emprego): estudantes, pessoas ocupadas em afazeres domésticos, aposentados, pensionistas, rentistas e outros.

– *inativos* (não buscam trabalho nem desejam trabalhar).

b.2) incapacitados para o trabalho:

– inválidos física ou mentalmente, idosos, réus e outros.

A taxa de desemprego (TD) é calculada a partir do número de desempregados (D) dividido pela população economicamente ativa (PEA).

$$TD = D/PEA$$

No turismo, o mercado de trabalho inclui os empregados que trabalham diretamente nas empresas de turismo e naqueles postos de trabalhos criados indiretamente por causa do setor. O trabalho direto corresponde ao conjunto de trabalhadores de hotéis, transportes, agências de viagens, instituições de lazer e cultura, dentre outros. Já os trabalhos indiretos são os muitos empregos criados em empresas e serviços a partir dos diretos. Como exemplo, temos os empregos nas empresas que fornecem materiais e serviços para restaurantes e hotéis.

Conseguir dados confiáveis e atuais sobre o mercado de trabalho no setor de turismo, no Brasil e no mundo, ainda é árdua tarefa para pesquisadores, e as razões são múltiplas. Por se tratar de uma atividade de mercado relativamente recente, há carência de referências conceituais que auxiliem a organização das informações.

A respeito do tema estatísticas de emprego, a própria Organização Mundial do Turismo explicita as dificuldades para conseguir avanços mais significativos, ao advertir que *a sazonalidade, a grande variabilidade nas condições trabalhistas, a flexibilização e a escassa formalização dos vínculos trabalhistas em muitas unidades produtivas de pequeno porte são os principais obstáculos para obter dados significativos sobre o emprego no setor de turismo.*

No que se refere ao mercado de trabalho do turismo e à sua relevância para a economia num momento de significativa importância do setor de serviços na economia mundial, destacamos que os resultados das estimativas elaboradas pelo IPEA para o ano 2004 revelam que as **atividades características do turismo (ACTs)** empregavam 712 mil pessoas, o equivalente a cerca de 2,3% do emprego formal no conjunto da economia brasileira e 7,2% do emprego no setor de serviços (ÁRIAS; BARBOSA, 2007).

Atividades características do turismo (ACTs)

Alojamento, alimentação, transporte, auxiliar de transporte, aluguel de transporte, agência de viagens, lazer e cultura, utilizadas a partir da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE).

Conclusão

Com o rápido crescimento do turismo, ocorre também o aumento do número de trabalhadores. O setor de turismo é uma das atividades com maior número de trabalhadores do mundo.

Os países desenvolvidos são os mais ricos do mundo e onde ocorre a concentração do turismo mundial, com a grande maioria de entrada e saída de turistas, especialmente turismo emissor. Já os países subdesenvolvidos têm uma importância no fluxo de turistas, especialmente no turismo receptor.



Atividade Final

Atende ao Objetivo 2

A População Economicamente Ativa (PEA) é um cálculo muito importante e representa o tamanho do mercado de trabalho de um país, região ou setor. Nas situações hipotéticas colocadas a seguir, marque quais as pessoas que entram no cálculo da PEA.

- () João, desempregado de vinte anos que procura um novo emprego;
- () Maria, dona de casa que faz seus afazeres domésticos e não trabalha fora nem quer trabalhar;
- () Pedro, um senhor de oitenta anos que é aposentado;
- () Gilmar, que é trabalhador da construção naval no Rio de Janeiro;
- () Renata, estudante de Direito que não trabalha;
- () Marcelo, que está de férias mas trabalha em uma pousada em Angra dos Reis;
- () Lúcia, que possui um grave problema de saúde e portanto não pode trabalhar.

Resposta Comentada

(X) João, desempregado de vinte anos que procura um novo emprego; João é desempregado e faz parte da PEA.

() Maria, dona de casa que faz seus afazeres domésticos e não trabalha fora nem quer trabalhar. Maria faz parte da população não-economicamente ativa, não tem intenção de trabalhar.

() Pedro, um senhor de oitenta anos que é aposentado. Pedro faz parte da população não-economicamente ativa.

(X) Gilmar, que é trabalhador da construção naval no Rio de Janeiro. Gilmar é um empregado faz parte da PEA.

() Renata, estudante de Direito que não trabalha. Renata faz parte da população não-economicamente ativa, estudante que por enquanto não tem intenção de trabalhar.

(X) Marcelo, que está de férias mas trabalha em uma pousada em Angra dos Reis. Marcelo é trabalhador e faz parte da PEA.

() Lúcia, que possui um grave problema de saúde e portanto não pode trabalhar. Lúcia esta no grupo de incapacitados para o trabalho e faz parte da população não-economicamente ativa.

Resumo

O crescimento econômico corresponde ao aumento contínuo do Produto Interno Bruto em termos globais e *per capita*, ao longo do tempo; já o desenvolvimento econômico engloba o crescimento mais fatores relativos à qualidade das condições de vida da população. Para analisar o crescimento, o indicador mais utilizado é o crescimento do PIB, e para o desenvolvimento é o IDH.

No mercado de trabalho, existe a força de trabalho (ou PEA), que corresponde ao conjunto de empregados mais desempregados. Por meio desse dado, tem-se o tamanho do mercado de trabalho de um país, região ou setor.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, você estudará a relação do desenvolvimento tecnológico e o turismo.

16

Desenvolvimento tecnológico e turismo

Meta da aula

Apresentar as conseqüências do desenvolvimento tecnológico para o setor de turismo.

Objetivo

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 identificar as conseqüências do rápido desenvolvimento tecnológico no setor de turismo.

Introdução

Nesta aula, você identificará o rápido desenvolvimento tecnológico observado no mundo a partir da década de 1970 e suas conseqüências no setor de turismo. Destacaremos questões relativas ao avanço nos transportes e à internet como facilitadora na compra de serviços e/ou produtos turísticos.

Nos sistemas de transportes, depois da metade do século passado, houve uma revolução por meio da estruturação da aviação comercial no mundo e do avanço nos outros meios de transporte (rodoviário, aquaviário e ferroviário).

O setor de turismo é um setor intensivo em informação; portanto, tem muito a se beneficiar com a geração e a difusão das tecnologias, especialmente as tecnologias de informação e comunicação (TICs) dentro da cadeia turística.

A distribuição de informações e produtos turísticos via internet tem tido o maior impacto nas empresas associadas ao turismo. Muitas empresas, como as agências de viagens, estão tendo de se reestruturar, adaptando-se à informatização e adotando serviços prestados pela internet, caso contrário não conseguem manter-se no mercado.

Joseph Alois Schumpeter (1883-1950)

Nasceu na província austríaca de Morávia (hoje uma região da República Tcheca) e estudou Direito e Economia na Universidade de Viena. De 1932 até a sua morte, lecionou em Havard e atuou como presidente da American Economic Association, primeiro estrangeiro a ocupar tal cargo. Suas obras principais: *Teoria do desenvolvimento econômico* (1911) e *Capitalismo, socialismo e democracia* (1942). As duas influências intelectuais foram Leon Walras e Karl Marx.

Noções da teoria do desenvolvimento tecnológico: a importância da inovação

O rápido desenvolvimento tecnológico no mundo, especialmente nas duas últimas décadas do século XX, teve como conseqüências inúmeras transformações na vida e no cotidiano das pessoas. A adoção rápida de inovações nos transportes e nas comunicações mudou e ajudou o crescimento do turismo.

Na teoria econômica, o autor que se debruçou sobre o desenvolvimento tecnológico, especialmente sobre a inovação, foi **Joseph Alois Schumpeter**. Para ele, a inovação é o motor propulsor do desenvolvimento capitalista dinâmico.

As inovações resultam das iniciativas (das indústrias ou empresas) que provocam a reorganização da atividade econômica, marcando o desenvolvimento da economia com rupturas e descontinuidades. Uma inovação muda o estado anterior, deflagrando um novo momento no mercado, dinamizando e criando novas oportunidades.

Para representar sua teoria do desenvolvimento capitalista dinâmico, Schumpeter utiliza o fluxo circular, baseado nas ondas longas dos ciclos de Kondratieff.



Ciclos de Kondratieff são ciclos econômicos de longa duração, marcados por períodos de sessenta anos de ascensão ou declínio da economia mundial. Um ciclo econômico é a flutuação periódica e alternada de expansão e contração de toda atividade econômica (industrial, agrícola e comercial) de um país ou de um conjunto de países. Um ciclo típico consiste num período de expansão econômica, seguido de uma recessão, de um período de depressão e um novo movimento ascendente ou de recuperação econômica. Já na história econômica brasileira, o termo ciclo é usado para designar os períodos de predomínio de determinados produtos coloniais de exportação, como o açúcar, o ouro e o café (SANDRONI, 2000).

Nesse fluxo do desenvolvimento, a inovação deflagra a recuperação da economia, chegando a um ápice (ou *boom* econômico); e, quando ocorre o esgotamento da inovação, começa a ocorrer uma recessão até a depressão econômica.

Posteriormente, segundo o autor, ocorreria outra inovação, que moveria todo o processo novamente. Portanto, podemos concluir que o fluxo circular da teoria de Schumpeter possui quatro etapas:

1ª etapa: *boom* – ápice nas vendas do produto ou serviço inovador.

2ª etapa: *recessão* – queda na procura (demanda) do produto inovador, caracterizada pela conjuntura de declínio da atividade econômica, caracterizada por queda da produção, aumento do desemprego etc.

3ª etapa: *depressão* – fase do ciclo econômico em que a produção entra em declínio acentuado, gerando queda nos lucros, perda do poder aquisitivo da população e desemprego.

4ª etapa: *recuperação* – momento de inovação no mercado.

As quatro etapas representam momentos nas ondas do fluxo circular. A *recuperação* é o momento de subida da onda, o *boom* é representado pelo ponto mais alto da onda, a *recessão* é o momento de queda e a *depressão* é a parte baixa da onda.

Seguindo tal ciclo, quando surge uma inovação o produto começa a ser vendido, levando a uma recuperação no ciclo. Chega um momento de ápice nas vendas, posteriormente as vendas começam a cair, representando uma recessão e chegando à depressão, caracterizada pelo declínio acentuado das vendas.

Na **Figura 16.1**, observamos uma representação do que seria a aplicação do fluxo circular de Schumpeter. Levando em consideração o ciclo de vida de inovações na economia industrial, é possível identificar cinco ciclos de inovação, desde as primeiras fábricas têxteis inglesas até a revolução da informação.

A **Figura 16.1** mostra as principais inovações relacionadas à energia e aos transportes, com destaque para as regiões do mundo onde surgiram.

Ondas de inovação tecnológica da economia industrial

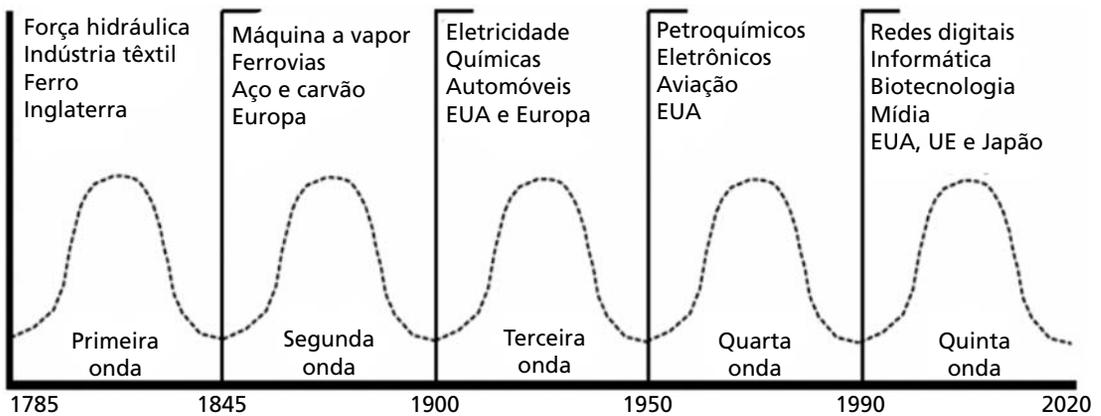


Figura 16.1: Fluxo circular (ondas) de inovações no mundo.
 Fonte: *The Economist* (1999) apud Ruhoff (2005).

Portanto, o processo de desenvolvimento econômico, para Schumpeter, é caracterizado por uma ruptura do equilíbrio previamente existente e pela construção, *coeteris paribus*, de um novo equilíbrio.

Segundo Schumpeter, a pessoa responsável pela inovação é chamada de empreendedor, uma pessoa criativa que pode ajudar a mudar o *status quo*. O fluxo circular só é quebrado pela ação de um indivíduo, capaz de introduzir inovações no mercado.

É importante saber que existe uma diferença entre invenção e inovação. Quando algo novo é criado por uma pessoa, chamamos de *invenção*; quando tal produto chega a ser comercializado é denominado inovação.

O rápido avanço das tecnologias de informação e comunicação mudou a estrutura de várias áreas no setor de turismo. Com o uso cada vez mais freqüente da internet, os turistas começaram a ter acesso mais direto aos fornecedores de serviços (como as empresas aéreas e os hotéis), o que propiciou um processo de quebra de alguns intermediários.

Na **Figura 16.2**, observamos algumas das principais inovações tecnológicas e o tempo necessário para serem utilizadas por mais de cinquenta milhões de pessoas. Cada vez mais as inovações tecnológicas levam menos tempo para chegarem ao que podemos chamar de consumo de massa. A internet gastou apenas quatro anos, enquanto a eletricidade gastou quase cinquenta anos para alcançar tantas pessoas.

O sucesso meteórico da internet

Quando foram lançadas e quantos anos as seguintes invenções levaram para serem utilizadas por mais de 50 milhões de pessoas

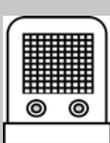
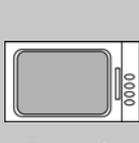
1873	1876	1886	1906	1926	1953	1975	1983	1993
								
Eletricidade	Telefone	Automóvel	Rádio	Televisão	Forno de microondas	Computador pessoal	Celular	Internet
46 anos	35 anos	55 anos	22 anos	26 anos	30 anos	16 anos	13 anos	4 anos

Figura 16.2: Principais inovações e tempo para serem utilizadas por mais de cinquenta milhões de pessoas no mundo.

Fonte: Ruhoff (2005, p. 12).

A ampla adoção das tecnologias de informação e comunicação na indústria do turismo está transformando o papel desempenhado pelos intermediários como agências de viagens, operadores, organizadores de conferências, prestadores dos mais diversos serviços (passagens, acomodações, orientação etc.).

As agências de viagens são as maiores intermediárias no setor de turismo, ou seja, elas fazem os serviços de compra para o turista nas empresas aéreas, nos hotéis etc. Os turistas recorriam freqüentemente aos agentes de viagens para intermediar a compra; agora a tendência é uma forte diminuição de procura de seus serviços, tendo em vista a compra direta pela internet.

Por um lado, destaca-se que a internet coloca à disposição dos consumidores informações detalhadas e atualizadas sobre disponibilidade dos serviços, preços, informações gerais e específicas que podem contribuir para o aumento das vendas e dos lucros. Por outro, a internet permite de forma eficiente e rápida a comunicação direta entre os consumidores e os produtores, colocando em questão a função dos intermediários tradicionais, às vezes ameaçando diretamente sua posição, às vezes mudando a natureza dos serviços. Esse processo é chamado de **desintermediação**.

Além das vendas diretas (desintermediação) e agentes virtuais de viagem, outras alternativas começaram a aparecer, como, por exemplo, a operação de leilões reversos em que o turista especifica seu plano de viagem e, via internet, busca o melhor preço. Outras soluções inovadoras são aquelas em que o turista especifica suas preferências, inclusive preço, e o portal anuncia essa demanda, permitindo que o prestador de serviço decida se atende ou não (HIRATUKA, 2007).

Ocorre ainda o surgimento de novos agentes que realizam as reservas *online*, operando junto a companhias aéreas, hotéis, aluguel de carros, pacotes de férias etc. Vale observar que a atuação desses novos “infomediários” reduz os custos de comunicação e coordenação para ambos os lados, gerando aumento de volume de vendas para os ofertantes e criando escala para demandas homogêneas, permitindo que os clientes obtenham descontos associados ao volume.

Destaca-se, assim, o fato de que as TICs podem ser ferramentas efetivas para o desenvolvimento e o incremento do mercado de turismo nos países em desenvolvimento e em regiões menos desenvolvidas. As práticas de comércio eletrônico com uso das TICs podem facilitar a organização dos agentes da indústria de turismo e estimular a cooperação entre eles.

É importante destacar que a maior parte dos negócios de marketing ou distribuição, em tempo real ou não, é efetuada por

Desintermediação

Processo contrário à ação de intermediar pelo qual os produtores (transportes, hospedagem) tentam eliminar grande parte de seus distribuidores (prestadores de serviço –, agências de viagens) para atingir diretamente os consumidores.

provedores de serviços de TICs sediados em países desenvolvidos. Portanto, não refletem, necessariamente, os interesses ou a criação de riquezas ou políticas dos países destino (HIRATUKA, 2007).

A utilização das tecnologias de informação e comunicação, especialmente da internet, pode criar ganhos de competitividade ao integrar tecnologicamente as agências de viagens e os distribuidores e fornecedores de produtos turísticos por meio de redução de custos, melhoria na qualidade dos serviços, redução no tempo de resposta.

De acordo com Lage (2001), a internet possui vantagens para o setor turístico em comparação com outros veículos de informação e de venda, relatando as seguintes características:

- nova relação entre consumidores e empresas em que as pessoas coletam dados dos clientes via *e-mail* para atender às suas necessidades;
- novo marketing para consumidores com ativa participação que, além de informar os serviços oferecidos, divulga detalhes e benefícios dos produtos;
- importância da informação detalhada, para a motivação e a venda dos produtos com imagens dos destinos turísticos;
- aplicação do *self-service* em um serviço em tempo real, para conforto e comodidade do cliente;
- credibilidade e agilidade de comunicação, com a transmissão instantânea de informações solicitadas;
- no mundo sem fronteiras da internet, a rede dispõe de um universo de oportunidades, de negócio a baixo custo, com *sites* criativos e de qualidade.

Na evolução do turismo, é de suma relevância o desenvolvimento tecnológico nos diferentes meios de transportes – terrestres (rodoviário, ferroviário), aquático e aéreo. As inovações nos transportes refletem diretamente em menos custos, mais conforto e incentivo ao turismo.

No período pré-industrial, especificamente antes do século XVIII, as viagens eram longas e demoradas, e de exclusividade das elites. As forças motrizes (responsáveis por mover os meios de transporte) eram as mais rudimentares: a animal (denominada tração animal) e a eólica. Na primeira, como exemplo temos os cavalos, e na força motriz eólica temos as embarcações a vela.

No período das revoluções industriais, a evolução tecnológica da força motriz facilitou o deslocamento de pessoas. Na primeira revolução industrial, na Inglaterra (1750-1850), a máquina a vapor, utilizada em barcos e locomotivas, encurtou o tempo e a distância. Já na segunda revolução industrial, na Alemanha (1850 até fins do século XIX), com uma nova força motriz, o motor de combustão interna revolucionou os transportes, possibilitando a criação do automóvel, por exemplo.

Porém, a real revolução mesmo no transporte internacional aconteceu especialmente a partir do século XX: na primeira metade, os automóveis foram os responsáveis, e na segunda, a aviação comercial.

Ciclo/Inovação	1792-1847	1847-1896	1896-1948	1948-2002
Infra-estrutura	Canais	Estradas de Ferro	Redes de estradas (malha rodoviária)	Aeroportos Rotas aéreas
Transporte	Fluvial	Barco a vapor	Automóveis	Aviões
Comunicações	Publicações Periódicas	Telégrafo	Telefone	Rádio Televisão Satélite
Materiais	Ferro forjado	Ferro fundido Aço carbono	Aço inoxidável Alumínio	Materiais sintéticos (plástico, fibras, semicondutores)
Ciência	Química	Eletromagnetismo Termodinâmica	Mecânica Quântica Teoria da Relatividade	Ciência dos Materiais Física Nuclear
Energia primária	Madeira	Carvão	Petróleo	Gás natural

Figura 16.3: Principais ciclos de inovação no mundo por áreas.
Fonte: Hensi (2006, p. 14).

Na **Figura 16.3**, você pode observar as mudanças na infraestrutura e nos transportes que favoreceram o crescimento do setor de turismo. Pode observar ainda nas comunicações a evolução tecnológica, que possibilitou a rápida disseminação da internet.

A partir do final do século XX, a rápida adoção de inovações mudou o contexto do turismo internacional. Acontecimentos resultados dessa inovação, como a disseminação das informações, o uso em massa da internet, a diminuição de tempo e de custos, o aumento de conforto e velocidade nos transportes fomentaram o crescimento do turismo.

Analisando o desenvolvimento tecnológico e suas consequências para o setor de turismo, podemos relacionar os principais benefícios:

- a) diminuição de custos das empresas;
- b) diminuição de tempo nas viagens, especialmente pelo avanço tecnológico nos transportes;
- c) aumento de rapidez no processamento de informações;
- d) aumento na disponibilidade de serviços;
- e) redução no tempo de resposta dos fornecedores;
- f) melhoria na qualidade e variedade dos serviços;
- g) melhoria da promoção turística, graças aos meios massivos eletrônicos – a televisão –, melhorou a publicidade dos destinos turísticos;
- h) sistemas de transportes com tecnologias padronizadas nos aeroportos e em outros lugares.



Atividade

Atende ao Objetivo 1

1. O trecho do artigo de Aitor Marin, a seguir, demonstra uma situação muito comum nas agências de viagens no Brasil, a partir dos anos 1990.

Faça um texto analisando as conseqüências do desenvolvimento tecnológico na situação descrita (em uma atividade turística).

Avestruz Viagens e Turismo

A Avestruz era uma agência de viagens de bairro, que operava na capital do estado havia mais de dez anos. Nos últimos tempos, o movimento na agência havia crescido bastante, principalmente por causa das promoções na imprensa local e do bom serviço oferecido por alguns vendedores mais experientes. Todas as pessoas concordavam: a agência tinha um futuro brilhante.

O pesadelo começou no dia em que o senhor Márcio, gerente da loja, apareceu de manhã abalado por uma notícia que tinha ouvido no rádio, a caminho do serviço: as companhias aéreas tinham chegado a um acordo e pretendiam cortar as comissões pagas às agências pela metade. E isso sem aviso prévio!!!

Felizmente, o senhor Boavista, proprietário e diretor da agência, estava presente para acalmar o pessoal.

– Não precisam se preocupar com essas chorumelas... As empresas aéreas têm contratos com as agências de viagens e não podem fazer isso. Afinal, como elas poderiam vender sem a nossa ajuda?

– Ora, pela internet, como mandam as novas regras do mercado globalizado – disse o estagiário.

– Chega de conversa fiada e vão todos trabalhar! – disse o senhor Boavista, irritado com a ousadia do jovem. – Se todos capricharem no serviço como têm feito sempre, não há com que se preocupar.

De volta à sua sala, o diretor lembrou a época em que era estudante. “Estagiário nenhum teria desafiado o diretor desse jeito!”, pensou.

Mas a verdade é que, em pouco tempo, as comissões despencaram mesmo e a agência começou a perder receita de forma dramática. Alguns clientes corporativos também começaram a cancelar seus contratos. Um deles trocou de agência simplesmente porque a Avestruz Viagens não tinha nenhuma agência parceira para atender aos viajantes da empresa no exterior. Outra empresa abandonou a agência por esta não conseguir passar as faturas em formato digital, com informações sobre o centro de custo do viajante, entre outros. Todos os dias havia alguma má notícia do gênero.

O senhor Boavista não parava de repetir: “O que precisamos fazer é caprichar no trabalho, como sempre fizemos, e as coisas vão voltar ao normal.” A Avestruz fazia de conta que os problemas não eram com ela, e “escondia a cabeça na areia”. Com a esperança de que o problema passasse logo...

Meses depois, o senhor Boavista continuava sem enxergar uma saída para a situação. Diante de tanto prejuízo, o diretor fez uma tentativa desesperada de reduzir a despesa, mandando embora metade da equipe, inclusive os dois atendentes com salários mais altos, que eram também os mais experientes da empresa.

As coisas só pioraram. O nível do atendimento caiu, vários clientes deixaram de comprar e a agência virou uma bagunça danada, nas mãos de pessoas sem experiência.

A agência já estava quase arruinada, quando o senhor Boavista encontrou por acaso com um velho colega, que tinha uma outra agência de viagens numa cidade vizinha.

Ao ouvir os problemas do senhor Boavista, o amigo exclamou:

– Mas, amigo, faça jus a seu nome! Não podemos ficar quietos esperando a boa vontade dos fornecedores! Porém, se você otimizar os processos internos, reduzir os custos e entender melhor a necessidade de seus clientes, que têm mudado, ainda pode ter um negócio rentável e bem agradável.

As palavras do velho amigo atingiram em cheio o coração do senhor Boavista. Seu olhar se iluminou e naquela hora decidiu tirar a cabeça (e a agência) do buraco, olhar para fora e encontrar novas soluções para seus problemas (MARIN, 2004. p. 63-65).



Atividade Final

Atende ao Objetivo 1

Quais são as principais conseqüências, para o setor de turismo, do rápido desenvolvimento tecnológico, observado especialmente a partir das últimas décadas do século XX?

Resposta Comentada

Além de propiciar um rápido crescimento do setor, destacamos outros benefícios para o turismo: diminuição de custos das empresas; diminuição de tempo nas viagens; aumento de rapidez no processamento de informações; aumento do conforto; aumento na disponibilidade de serviços; redução no tempo de resposta dos fornecedores; melhoria na qualidade e variedade dos serviços; melhoria da promoção turística, graças aos meios massivos eletrônicos; tecnologias padronizadas em diferentes serviços, facilitando a compra destes e outros.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, você estudará a importância da presença do Estado nas economias e no setor de turismo. Até lá!

17

Estado, economia e turismo no Brasil

Meta da aula

Apresentar uma análise sobre a importância da presença do Estado na economia.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 reconhecer a evolução do papel do Estado na economia mundial e as principais teorias relacionadas (liberalismo e keynesianismo);
- 2 identificar alterações na presença do Estado no desenvolvimento brasileiro.

Introdução

Na história mundial, identificamos diferenças no padrão de intervenção do Estado na economia. A evolução da presença do Estado está relacionada a teorias distintas. As principais são: o liberalismo econômico e o keynesianismo. Enquanto o primeiro defende a não-presença na economia, o segundo propõe o contrário.

A ação governamental é um elemento estratégico para o crescimento e desenvolvimento do setor turístico, especialmente se conferida nas políticas públicas (seja no nível federal, no estadual ou no municipal), como você estudará a seguir.

Esta aula está dividida em dois tópicos. No primeiro analisamos a evolução da presença do Estado na economia, destacando teorias relacionadas à defesa ou não dessa intervenção, e no segundo descrevemos as alterações na presença do Estado no desenvolvimento econômico brasileiro, ressaltando os principais acontecimentos entre 1930 e os dias atuais.

Papel do Estado na economia: análise teórica

O entendimento da presença dos governos na economia é essencial para entender a própria dinâmica econômica dos países. Nesse sentido, a teoria aborda questões relacionadas à intervenção ou não do Estado. Assim, a visão de não-intervenção segue uma teoria chamada de **liberalismo econômico**, e a intervenção baseia-se nas idéias de Keynes – o **keynesianismo**.

Liberalismo econômico

O pensamento econômico liberal constitui-se, a partir do século XVIII, no processo da Revolução Industrial, com autores como François Quesnay, estruturando-se como doutrina definitiva nos trabalhos de John Stuart Mill, Adam Smith, David Ricardo, Thomas Malthus, J.B. Say e F. Bastiat (representantes da Escola Clássica). Eles consideravam que a economia, tal como a natureza física, é regida por leis universais e imutáveis, cabendo ao indivíduo apenas descobri-las para melhor atuar segundo os mecanismos dessa ordem natural (SANDRONI, 2000).

Keynesianismo

Modalidade de intervenção do Estado na vida econômica, com a qual não se atinge totalmente a autonomia da empresa privada, e que prega a adoção, no todo ou em parte, das políticas sugeridas na principal obra de Keynes: *A Teoria geral do emprego, do juro e da moeda*, 1936. Tais políticas propunham solucionar o problema do desemprego pela intervenção estatal, desencorajando o entesouramento em proveito das despesas produtivas, por meio da redução da taxa de juros e do incremento dos investimentos públicos (SANDRONI, 2000).

A hegemonia do liberalismo econômico vem desde o século XVIII, especialmente defendido pela **Escola Clássica Liberal**. Resumidamente, o liberalismo defendia: liberdade pessoal, propriedade privada, iniciativa individual, empresa privada e interferência mínima do governo.

O liberalismo econômico baseia-se no princípio do **laissez-faire**, ou seja, não há lugar para a ação econômica do Estado, que deve apenas garantir a livre concorrência entre as empresas e o direito à propriedade privada, quando esta for ameaçada por convulsões sociais.

Seguindo assim a teoria liberal, o Estado deveria atuar minimamente – o chamado Estado Mínimo –, apenas assegurando o estímulo à concorrência entre as empresas, jamais como interventor sobre os agentes econômicos.

Em uma estrutura de Estado Mínimo, normalmente ocorre a atuação do governo em áreas como justiça e segurança pública, monetária e arrecadação tributária, e na regulação de contratos da propriedade e do comércio exterior. Resumidamente, a atuação se limita às funções de regulação, controle monetário e arrecadatório.

Com o desenvolvimento da economia capitalista e a formação dos monopólios no final do século XIX, os princípios do liberalismo econômico foram cada vez mais entrando em contradição com a nova realidade econômica, baseada na concentração da renda e da propriedade.

Essa defasagem acentuou-se com as crises cíclicas do capitalismo, sobretudo a partir da Primeira Guerra Mundial, quando o Estado se tornou um dos principais agentes orientadores das economias nacionais.

O esgotamento das políticas econômicas regidas pelo liberalismo foi mais evidente a partir da Grande Depressão (década de 1930). Em todas as grandes economias capitalistas, coube ao Estado instituir mecanismos para controlar a crise e reativar a produção.

Escola Clássica Liberal

Começou em 1776, quando Adam Smith publicou *A riqueza das nações*, e terminou em 1871, quando da publicação de trabalhos da teoria neoclássica (de Jevons, Menger e Walras). Os principais preceitos dessa Escola Clássica eram: envolvimento mínimo do governo (liberalismo), interesses individuais que levam ao interesse da sociedade, importância de todos os recursos e atividades econômicas (agricultura, comércio, produção) e presença de leis econômicas (BRUE, 2005).

Laissez-faire

laissez-passer (deixe fazer, deixe passar...) – expressão creditada a Vincent de Gournay (1712-1759) que significa “deixe as pessoas fazerem o que quiserem sem a interferência do governo”.

Ocorria assim o abandono dos princípios do liberalismo econômico, que entregava aos próprios mecanismos de mercado a função de resolver os desequilíbrios que porventura surgissem nas atividades econômicas. Desde então as políticas econômicas são norteadas por uma forte intervenção do Estado na economia.



A Grande Depressão foi um período de grande crise econômica mundial, entre os anos de 1929 e 1933. Atingiu, em primeiro lugar e mais profundamente, a economia norte-americana, espalhando-se em seguida para a Europa e os países da África, Ásia e América Latina. A crise iniciou-se no âmbito do sistema financeiro na chamada Quinta-Feira Negra (24/10/1929), o primeiro dia de pânico na Bolsa de Nova York. A especulação com os acontecimentos da Bolsa espalhou-se para outros ramos da atividade econômica, atingindo a produção. Muitas atividades econômicas foram se paralisando, e, como uma bola de neve, ocorreram falências e milhões de trabalhadores ficaram desempregados.

Quando a crise atingiu proporções internacionais, o comércio mundial ficou reduzido a um terço, e o número de desempregados chegou a cerca de 30 milhões. No Brasil, o principal efeito da crise manifestou-se na queda vertical dos preços do café, levando o governo federal a comprar grande parte das safras e a destruir 80 milhões de sacas do produto, a fim de diminuir os estoques e sustentar o preço (SANDRONI, 2000).

Coube a John Maynard Keynes redefinir os pressupostos da economia clássica, considerando benéfica a intervenção do Estado na economia. Com isso, intervenção na economia virou sinônimo de políticas keynesianas.

As propostas de Keynes foram colocadas no momento em que a economia mundial sofria o impacto da Grande Depressão, que se estendeu por toda a década de 1930 até o início da

Segunda Guerra Mundial. Suas idéias influenciaram alguns pontos do New Deal, o programa de recuperação econômica de Franklin D. Roosevelt (1933-1939), nos EUA.



O New Deal (Nova Política) foi um programa econômico adotado, em 1933, pelo presidente norte-americano Franklin Roosevelt para combater os efeitos da Grande Depressão e refazer a prosperidade do país. O programa seguiu, na prática, os ensinamentos que a reflexão teórica de Keynes produziria: baseou-se na intervenção do Estado no processo produtivo, por meio de um audacioso plano de obras públicas, com o objetivo de atingir o pleno emprego, o que contradizia toda a tradição liberal dos Estados Unidos.

Dentro dessa orientação intervencionista, Roosevelt, segundo suas próprias palavras, decidiu enfrentar o problema da crise como se enfrenta uma guerra. Começou pelo controle do sistema financeiro do país, decretou o embargo do ouro e desvalorizou o dólar para favorecer as exportações. A nova política estendeu-se a todos os campos da atividade econômica. Foi o programa de Roosevelt que fortaleceu e consolidou o sistema capitalista no país. Nos anos de sua aplicação, o grande capital passou por um intenso processo de desenvolvimento e concentração, enquanto as pequenas empresas eram eliminadas ou absorvidas.

Surgiu, nesse momento, a convicção de que o capitalismo poderia ser salvo, desde que os governos soubessem fazer uso de seu poder de cobrar impostos, reduzir juros, contrair empréstimos e gastar dinheiro.

Resumidamente, o keynesianismo defendia que o governo deveria intervir ativamente por meio de políticas fiscais e monetárias adequadas, a fim de promover o pleno emprego, a estabilidade dos preços e o crescimento econômico. Para combater a Depressão, o governo deveria aumentar seus gastos ou reduzir os impostos.

Defendia, ademais, solucionar o problema do desemprego pela intervenção estatal, desencorajando o corte em proveito das despesas produtivas, por meio da redução da taxa de juros e do aumento dos investimentos públicos.

Após 1945, a teoria econômica keynesiana converteu-se em ortodoxia (política hegemônica) tanto para os economistas quanto para a maioria dos políticos. O keynesianismo lançou raízes principalmente nos Estados Unidos, temerosos de que o regresso dos veteranos de guerra pudesse provocar nova depressão.

Em 1946, foi aprovada a Lei do Emprego, que transformou em obrigação legal do governo manter o pleno emprego mediante empréstimos e financiamentos de obras públicas. No período imediatamente posterior à guerra, a política econômica e uma parcela importante dos trabalhos teóricos dos keynesianos centraram-se no problema da manutenção do pleno emprego.

O keynesianismo foi hegemônico na economia mundial até o início de seu esgotamento na década de 1970. Num contexto mundial de crises do petróleo (1973 e 1979), diminuição do crescimento econômico e inflação, alguns autores defendiam a adoção de políticas baseadas nas ideologias do neoliberalismo para a superação desses problemas.



As idéias neoliberais surgiram logo após a Segunda Guerra Mundial, na região da Europa e da América do Norte, onde imperava o capitalismo. Foi uma reação teórica e política veemente contra o Estado intervencionista. Seu texto de origem é *O caminho da servidão*, de Friedrich Hayek, escrito em 1944. Trata-se de um ataque apaixonado contra qualquer limitação dos mecanismos de mercado por parte do Estado, tidas como uma ameaça letal à liberdade, não somente econômica, mas também política (ANDERSON, 1995).

Na Inglaterra, foi eleito o governo Thatcher (1979), o primeiro regime de um país de capitalismo avançado publicamente empenhado em pôr em prática o programa neoliberal. Um ano depois, em 1980, Reagan chegou à presidência dos Estados Unidos. Em 1982, Kohl derrotou o regime social liberal de Helmut Schmidt, na Alemanha. Em 1983, a Dinamarca, Estado modelo do bem-estar escandinavo, caiu sob o controle de uma coalizão clara de direita, o governo de Schluter. Em seguida, quase todos os países do norte da Europa ocidental adotaram tal regime, com exceção da Suécia e da Áustria. Posteriormente, os países da América Latina e da Ásia também adotaram o programa.

O programa neoliberal é caracterizado por um Estado Mínimo – somente presente em sua capacidade de romper o poder dos sindicatos e no controle do dinheiro, mas não sem qualquer atuação nos gastos sociais e nas intervenções econômicas. A estabilidade monetária deveria ser a meta suprema de qualquer governo.

Para isso seriam necessárias uma disciplina orçamentária, com a contenção dos gastos com bem-estar e a restauração da taxa “natural” de desemprego, ou seja, a criação de um exército de reserva de trabalho para quebrar os sindicatos.

As políticas neoliberais basearam-se no fato de que as reformas fiscais eram imprescindíveis para incentivar os agentes econômicos. Isso significou reduções de impostos sobre os rendimentos mais altos e sobre as rendas. Dessa forma, uma nova e saudável desigualdade iria voltar a dinamizar as economias avançadas. O crescimento retornaria quando a estabilidade monetária e os incentivos essenciais houvessem sido restituídos (ANDERSON, 1995).



Atividade

Atende ao Objetivo 1

1. Leia o trecho do artigo de Ivan Martins, da revista *Época*, sobre Keynes, e destaque as principais diferenças entre liberalismo econômico e keynesianismo.

O Médico do Capitalismo: em tempos de crise, o mundo redescobre Keynes, o pensador cujas idéias reergueram a economia em 1929. O que sua história ainda pode nos ensinar.

Ele se definia como um “economista burguês”, um “médico do capitalismo”. Brillhante (...). Sua obra compõe-se de 29 volumes impressos e uma atuação pública notável. Em seu livro mais famoso – “A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda” -, uma obra tão pouco compreendida quanto admirada, Keynes concluía que era possível “operar” a economia capitalista mais ou menos como se controla uma máquina, mantendo-a sempre em ritmo acelerado para garantir o pleno emprego e o pleno uso de recursos (...).

Keynes acreditava que, durante as recessões, o governo deveria cortar impostos, baixar juros e gastar, sem se preocupar com o déficit público. Em momentos de contração o setor privado não é capaz de investir. Se os mercados estão reticentes, as empresas reduzem gastos e põem gente na rua. Mas se todas fizerem isso ao mesmo tempo, o consumo desaba. Isso justifica novos cortes de investimento e aprofunda a recessão. É um ciclo vicioso, que, segundo Keynes, só pode ser rompido pela ação do Estado. Ele deve, segundo Keynes, pôr dinheiro em circulação, estimular a produção e o consumo e tomar a iniciativa nas áreas abandonadas pela iniciativa privada. É o que os governos do mundo todo estão fazendo há duas semanas.

Keynes foi responsável pelo sucesso das negociações que moldaram o mundo econômico do pós-guerra. A criação do Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial (Bird) (...). O fato de hoje, em meio à crise financeira, voltarem a clamar por uma espécie de governança global dos mercados é sinal da influência intelectual de Keynes (...).

(Ivan Martins, revista *Época*, 20 de outubro de 2008.)

Resposta Comentada

No artigo fica bem evidente a visão de Keynes sobre a importância da intervenção do Estado na economia, especialmente em momentos de crise, para superá-la. Como no trecho em que destaca que “o governo deveria cortar impostos, baixar juros e gastar, sem se preocupar com o déficit público.” Já o liberalismo econômico baseia-se no princípio do laissez-faire, no qual não há lugar para a ação econômica do Estado, que deve apenas garantir a livre concorrência entre as empresas e o direito à propriedade privada.

Caracteriza-se ainda por defender a liberdade pessoal, a propriedade privada, a iniciativa individual e a interferência mínima do governo. Assim, com o Estado Mínimo seria assegurado o estímulo à concorrência entre as empresas, jamais como interventor sobre os agentes econômicos.

Atuação do Estado ao longo do desenvolvimento econômico brasileiro

No Brasil, a atuação do Estado é historicamente muito importante para o desenvolvimento econômico do país. O setor público possui dois tipos de atuação: uma identificada como funções de governo e outra por meio das empresas públicas. Esses tipos de atuação são identificados, resumidamente, a seguir:

a) Funções de governo:

Administração direta em todos os níveis (federal, estadual e municipal), as **autarquias** e atividades que dependem exclusivamente do orçamento público.

Autarquia

Entidade estatal autônoma, com receitas e patrimônio próprios, criada por lei para executar de forma descentralizada atividades típicas da administração pública. Exemplo: Banco Central, universidades federais e outros.

- b) Empresas públicas, as quais possuem dois segmentos:
- o setor produtivo estatal, composto por grandes empresas e subsidiárias;
 - as empresas e organismos desvinculados de atividades produtivas, especialmente nas áreas de transportes e serviços.

Na história brasileira, identificamos diferença no padrão de intervenção do Estado. A evolução do papel do Estado na economia brasileira pode ser analisada em três fases, segundo Pochmann (2001), que são destacadas a seguir:

- a. período até 1929;
- b. período de 1930 a 1989;
- c. período a partir de 1990.

a) **período até 1929**: nesse período, o liberalismo econômico era hegemônico no mundo, e no Brasil não foi diferente. Portanto, a participação do Estado na economia era mínima, limitando-se às funções de regulação, controle monetário e arrecadatório.

No Brasil, antes da República, existiam poucas empresas públicas, como Serviço Postal e Casa da Moeda (constituídos no século XVII), Banco do Brasil e Empresa Régia. Com a instalação da República, o número de empresas estatais aumentou, chegando a 25 em 1930. Destacamos a criação da Caixa Econômica e a estatização de ferrovias, entre outras (POCHMANN, 2001).

b) **período de 1930 a 1989**: diferentemente do período anterior, este é marcado por um novo padrão de intervenção estatal e abandono do liberalismo. É caracterizado por uma presença forte do Estado, que permaneceu pelas seis décadas seguintes.

A partir da Revolução de 1930, a intervenção estatal visava promover o desenvolvimento econômico e a acumulação de capital, principalmente por meio da industrialização. Objetivava

ainda a constituição de um novo aparelho de Estado (com estruturação, administração e formação de pessoal), a elaboração de novas regulamentações em vários setores econômicos e sociais (como constituição das leis trabalhistas), a criação de novas empresas públicas e outros.

De acordo com Gremaud (2004), a atuação do Estado nesse período pode ser elencada em quatro diferentes espaços:

- 1) Estado condutor;
- 2) Estado regulamentador;
- 3) Estado produtor;
- 4) Estado financiador.

Você poderá, a partir de agora, analisar cada um dessas diferentes funções de intervenção do Estado na economia.

1) *Estado condutor*: nesse caso, o Estado é condutor do processo de industrialização por meio da utilização da política econômica com este fim. Assim, utilizaram-se amplamente os instrumentos de política cambial, tarifária e creditícia com o fim de prover a industrialização. Os créditos subsidiados do Banco do Brasil e, depois, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico foram utilizados nas políticas econômicas (para industrialização), que passaram a ser o foco central dos governos.

2) *Estado regulamentador*: nesse caso, o Estado regula os conflitos entre as classes operária e patronal, destacando uma série de intervenções efetuadas pelo governo, como a criação da Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT – na mediação entre os operários e os industriais. Por meio de instituições (como o Ministério do Trabalho e outros órgãos reguladores) que se atribuem ao Estado brasileiro, exerce o papel de regulamentador dos conflitos inerentes ao desenvolvimento industrial, estatizando tais conflitos.

3) *Estado produtor*: nesse caso, o Estado é chamado de produtor por promover vários serviços para a sociedade. Como exemplo, destacamos o Estado brasileiro a partir dos anos 30, quando boa parte dos serviços públicos, serviços relativos a atividades de infra-estrutura como ferrovias, transporte marítimo, provedores de água, eletricidade, serviços de comunicações foi estatizada ou já nasceu sob a forma estatal. Também acabaram por se criar empresas públicas no setor de bens intermediários (mineração, siderurgia, petróleo e outros) como Petrobras, Vale do Rio Doce, Usiminas, Companhia Siderúrgica Nacional, etc.

4) *Estado financiador*: nesse caso, o Estado é responsável por financiar a ampliação do papel do Banco do Brasil e pela criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico – BNDE – e do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), banco estatal destinado a ser o braço financeiro da Sudene. O sistema financeiro público conduzia, por meio de financiamento, a evolução da industrialização brasileira.

Nessas quatro frentes o Estado manteve sua forte intervenção na economia, no período de 1930 a 1989. Continuaremos a analisar esse período, destacando os principais fatores que caracterizaram esta intervenção.

Destacamos a importância da constituição de empresas públicas no período, muitas delas existentes até hoje: Companhia Siderúrgica Nacional (1941), Companhia Vale do Rio Doce (1942), Companhia Nacional Álcalis (1943), Fábrica Nacional de Motores (1943), Companhia Hidrelétrica do São Francisco (1945), **BNDES** (1952) e Petrobras (1954).

Nos primeiros anos desse período (1930-55), especialmente nos governos de Getúlio Vargas (de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954), observamos uma visão nacionalista, com a forte atuação do Estado e valorização e incentivo ao desenvolvimento do setor privado nacional. Já com Juscelino Kubitschek, o nacionalismo perde importância, dando lugar à articulação Estado-capital privado

BNDES

Instituição financeira federal criada em 1952 para fomentar o desenvolvimento dos setores básicos da economia brasileira, nos planos público e privado. Surgiu como órgão técnico para executar o programa de reaparelhamento econômico elaborado pela Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, e recebeu auxílio do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (Bird) e do Banco de Exportação e Importação dos Estados Unidos (Eximbank). Por decreto-lei presidencial de 25/5/1982, a instituição recebeu a responsabilidade de gerir o então criado Fundo de Investimento Social (Finsocial) e teve a palavra “social” acrescentada a seu nome (SANDRONI, 2000).

nacional-capital privado internacional, abrindo a economia brasileira às empresas estrangeiras.

A partir de 1964, período de ditadura militar, ocorre o fortalecimento do Estado pelo autoritarismo, pelo aumento da burocracia e pela expansão das empresas estatais. Essencialmente, não houve alterações no forte papel do Estado nos governos militares dentro do processo de desenvolvimento brasileiro.

c) **período a partir de 1990**: o ano de 1990 foi caracterizado por uma ruptura no padrão de intervenção do Estado na economia brasileira. A partir do governo de Fernando Collor de Melo, deu-se ênfase à revisão do papel do Estado, com reformas administrativas, previdenciárias, tributárias e a promoção de um intenso programa de privatização.

As reformas do Estado brasileiro foram percebidas em duas grandes linhas de ação, segundo Gremaud (2004, p. 562):

- a) tentativas de racionalização e controle financeiro e administrativo do setor público nacional;
- b) redefinição do papel do Estado na economia e privatização de empresas públicas.

No primeiro ponto, ocorreram mudanças, buscando ampliar o controle do governo sobre seus próprios gastos em nível de endividamento. Nas reformas constitucionais foram impostos limites aos endividamentos de Estados e municípios e controle pelo Congresso, normatizados na Lei de Responsabilidade Fiscal.

No segundo ponto destacamos a criação do **Programa Nacional de Desestatização (PND)**, responsável pelas inúmeras privatizações, além da regulamentação da concessão de serviços públicos para iniciativa privada e a quebra do monopólio estatal em certas atividades.

Programa Nacional de Desestatização (PND)

Programa criado durante o governo Collor, destinado à privatização de empresas estatais. A primeira a ser privatizada foi a Usiminas, em outubro de 1991. Inicialmente, esse programa encontrava-se sob controle e comando do BNDES. No governo Itamar, criou-se uma comissão de privatização que, embora tenha representantes do BNDES, atua independentemente nos processos de preparação e encaminhamentos de leilões de privatização. Durante o governo Fernando Henrique Cardoso, o processo de desestatização foi acelerado, tendo sido privatizado todo o setor siderúrgico, a Companhia Vale do Rio Doce, grande parte do setor elétrico e quase a totalidade do setor de telecomunicações.

■ **Consenso de Washington**

Conjunto de trabalhos e resultado de reuniões de economistas do FMI, do Bird e do Tesouro dos Estados Unidos realizadas em Washington D.C. no início dos anos 90. Dessas reuniões surgiram recomendações dos países desenvolvidos para que os demais, especialmente aqueles em desenvolvimento, adotassem políticas de abertura de seus mercados e o Estado Mínimo. Como resultados iniciais, destacamos: combate à inflação, livre funcionamento dos mercados, eliminação de regulamentações e intervenções governamentais e outros. Embora os países que seguiram tal receituário tenham sido bem-sucedidos no combate à inflação, no plano social as conseqüências foram desalentadoras: um misto de desemprego, recessão e baixos salários, conjugado com um crescimento econômico insuficiente, revela a outra face dessa moeda (SANDRONI, 2000).

Portanto, observou-se um claro desmonte do Estado, no decorrer da década de 1990, com transferências do público para o privado. Ao Estado coube um espaço regulador, voltado ao estímulo da competição e da eficiência dos mercados.

As políticas adotadas a partir da década de 1990 seguem o ideário neoliberal e as medidas adotadas pelo **Consenso de Washington**. A adoção de políticas neoliberais, iniciadas no mundo a partir de 1970, norteia a presença mínima do Estado.

No turismo, as políticas governamentais direcionadas para o setor são o grande exemplo de intervenção para o desenvolvimento do mesmo. A presença do Estado em outras áreas, como em infra-estrutura (rodovias, aeroportos, etc.), segurança e planejamento público, entre outros, dá subsídios e incentivos às atividades do setor de turismo.

Especificamente, segundo Ignarra (2003, p. 187), a atuação do poder público pode abranger inúmeras atividades no setor de turismo, entre elas:

- a) planejamento do fomento da atividade;
- b) controle de qualidade do produto;
- c) promoção institucional da destinação;
- d) financiamento dos investimentos da iniciativa privada;
- e) capacitação de recursos humanos;
- f) controle do uso e da conservação do patrimônio turístico;
- g) captação, tratamento e distribuição da informação turística;
- h) implantação e manutenção da infra-estrutura urbana básica;
- i) prestação de serviços de segurança pública;
- j) captação de investidores privados para o setor;
- k) desenvolvimento de campanhas de conscientização turística;
- l) apoio ao desenvolvimento de atividades culturais locais, tais como artesanato, folclore, gastronomia típica, etc.;
- m) implantação e manutenção de infra-estrutura turística voltada para a população de baixa renda;

- n) implantação e operação de sistemas estatísticos de acompanhamento mercadológico;
- o) captação de divisas estrangeiras.



Atividade

Atende ao Objetivo 2

2. A atuação do Estado ao longo do desenvolvimento econômico brasileiro segue a evolução e a tendência da presença deste nos outros países do mundo. Identifique, em cada sentença a seguir, o período correspondente e o padrão de intervenção do Estado na economia.

- a) Constituição de empresas públicas como a Companhia Siderurgica Nacional, a Companhia Vale do Rio Doce, o BNDES e a Petrobras.
- b) Políticas econômicas seguindo a ideologia do neoliberalismo.
- c) A atuação do Estado baseia-se nos princípios do *laissez-faire*, não há lugar para a ação econômica do Estado.
- d) A participação do Estado na economia era mínima, limitando-se às funções de regulação, controle monetário e arrecadatório.
- e) Políticas econômicas seguindo o keynesianismo.
- f) Criação do Programa Nacional de Desestatização (PND), responsável pelas inúmeras privatizações. Além da regulamentação da concessão de serviços públicos para a iniciativa privada e a quebra do monopólio estatal em certas atividades.

Resposta Comentada

- a) *Período de 1930 a 1989, caracterizado por forte intervenção do Estado na economia.*
- b) *Período a partir de 1990, caracterizado pela ruptura do padrão de intervenção do Estado na economia brasileira.*
- c) *Período até a década de 1920, caracterizado pelo liberalismo econômico hegemônico.*
- d) *Período de 1930 a 1989, caracterizado por forte intervenção do Estado.*
- e) *Período de 1930 a 1989, caracterizado por forte intervenção do Estado na economia.*
- f) *Período a partir de 1990, caracterizado pela ruptura do padrão de intervenção do Estado na economia brasileira.*

Resposta Comentada

A partir do texto conseguimos perceber uma relação importante da intervenção dos governos para o desenvolvimento do setor de turismo. Podemos, portanto, concluir que quando um país segue as idéias de Keynes, ocorrem benefícios para as atividades do turismo. Na maior parte dos países, o turismo já é uma atividade desenvolvida a partir da ação conjunta entre a iniciativa privada e o setor público. A forma desta parceria depende da orientação socioeconômica e política de cada país.

Quanto maior o desenvolvimento do turismo, maior será o nível de estruturação pública do setor, sendo que, em países onde a atividade turística tem maior peso econômico, existem fortes políticas de turismo e normalmente um ministério exclusivo para tratar desse setor.

Resumo

Nesta aula, você analisou as alterações na presença do Estado na economia mundial e teorias relacionadas, identificando o liberalismo econômico e o keynesianismo. Enquanto o primeiro defende a não-intervenção do Estado na economia, o segundo busca o contrário.

Historicamente, observou-se um momento em que as políticas econômicas são norteadas pelas idéias liberais. A partir de 1930, começa a adoção de políticas baseadas nas idéias de Keynes, e num terceiro momento ocorre o retorno da não-intervenção, com o neoliberalismo, a partir de 1970.

No Brasil, identificamos três momentos distintos nas alterações do padrão de presença do Estado na economia: o período até a década de 1920, caracterizado pelo liberalismo econômico hegemônico; o período de 1930 a 1989, caracterizado por forte intervenção do Estado, e o período a partir de 1990, com a ruptura do padrão de intervenção do Estado na economia brasileira.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, você estudará a infra-estrutura e as principais organizações do turismo no Brasil e no mundo.

Até lá!

18

Infra-estrutura, organizações e turismo

Meta da aula

Apresentar a infra-estrutura e as principais organizações do turismo no Brasil e no mundo.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1** identificar e analisar os principais problemas de infra-estrutura para o turismo no Brasil;
- 2** reconhecer as principais organizações do turismo nacionais e internacionais.

Introdução

Para o setor de turismo prosperar em determinado país, é muito importante uma boa infra-estrutura. Nesta aula, analisaremos alguns dos principais problemas relacionados a isso. Foi dada especial atenção à estrutura de transportes no país.

Um país com as dimensões do Brasil não possuir uma malha rodoviária em bom estado, além da precariedade de outros meios de transporte, é extremamente prejudicial ao desenvolvimento do turismo, além de problemas nos principais terminais rodoviários e aeroportos, como falta de manutenção, excesso de passageiros, falta de investimentos e outros.

Observaremos ainda quais são as principais organizações do turismo tanto internacionalmente quanto em âmbito nacional, suas principais funções, atribuições, e como podem auxiliar empresas e turistas num setor cada vez mais competitivo.

Infra-estrutura e turismo

A infra-estrutura é a base e corresponde às condições indispensáveis para a qualidade de vida de uma população em uma economia globalizada. Numa cidade, a infra-estrutura corresponde ao conjunto de instalações necessárias às atividades humanas, como rede de esgotos e de abastecimento de água, energia elétrica, transportes, rede de telecomunicações, gás canalizado, coleta de lixo e outros.

No turismo, todos esses pontos devem ser considerados como atrativos ou impedimentos na hora de o turista escolher seu destino. A existência de amplas redes ferroviárias ou rodoviárias, de abundantes fontes de energia, de preocupação com o meio ambiente, de estrutura da rede de telecomunicações influencia positivamente na escolha de um país ou cidade para serem visitados.

O primeiro *ranking* mundial de competitividade no turismo, divulgado em março de 2007 pelo Fórum Econômico Mundial,

ajudou a dimensionar o atraso nacional no setor. A entidade avaliou 124 nações, atribuindo notas em quesitos fundamentais para a indústria turística, como segurança e infra-estrutura. Os campeões do levantamento foram Suíça, Áustria e Alemanha.

O Brasil acabou em 59º lugar. Segundo os responsáveis pelo levantamento, os problemas de violência, as péssimas condições das estradas e os gargalos dos aeroportos estão entre as causas que contaram mais pontos para a avaliação negativa do país. Observamos, portanto, que a infra-estrutura, em especial dos transportes, é um grande gargalo a ser superado.

Veja no **Quadro 18.1**, a seguir, o resultado de uma pesquisa realizada pela revista *Anuário de Turismo Exame 2007* sobre os problemas que devem ser resolvidos com urgência, na opinião de noventa dos principais empresários e executivos do setor de turismo no país. Foram questionados quais os principais problemas que afastam o turista estrangeiro do Brasil e como estimular o turismo no país.

Quadro 18.1: Gargalos e prioridades no turismo no Brasil, 2007

1 - O que mais afasta o turista estrangeiro do Brasil?	
Violência	56%
Poucos vôos diretos para o país	19%
Infra-estrutura precária	9%
Distância da Europa/Estados Unidos em relação ao Brasil	7%
Baixa qualidade dos serviços	7%
Imagem do país ligada ao turismo sexual	2%
2 - Quais devem ser as cinco prioridades para estimular o turismo?	
1ª - Melhoria na segurança	
2ª - Maior abertura do mercado aéreo	
3ª - Aumento da verba de marketing para divulgar o país	
4ª - Fim da exigência de visto para os americanos	
5ª - Melhoria da sinalização e da informação aos turistas	

Fonte: Mendes (2007).

Dentre os principais gargalos, a infra-estrutura foi citada como um dos principais problemas no país. Considerando-se

que o setor de transporte e logística está associado à infra-estrutura, você tem noção da importância desse setor para o turismo no país (**Quadro 18.1**).

Os principais pontos da infra-estrutura para análise do turismo são: transporte, energia e telecomunicações. Contudo, vamos nos deter em um ponto da infra-estrutura que é intrínseco ao setor, que é o transporte, com os fatores que envolvem essa atividade. A situação do Brasil em infra-estrutura de transportes teve avanços significativos nos últimos anos, mas ainda não é considerada boa.

Vamos dividir a análise em diferentes meios de transporte: terrestre (rodoviário, metroviário e ferroviário), aquaviário (marítimo e fluvial) e aéreo.

No modal rodoviário, onde há uma concentração do turismo doméstico no país e que tem importância também no turismo internacional, há também um grande problema de falta de pavimentação, de investimentos e manutenção das rodovias.



Historicamente, há uma defasagem em nossas estradas. Segundo Palhares (2002), na década de 1940 só existiam 423 quilômetros de rodovias pavimentadas; em 1980 aumentou para 47 mil; e em 1998 havia apenas 161 mil quilômetros pavimenta-

dos (do total de 1,7 milhão de quilômetros de estradas no país). No último dado, de 1998, podemos observar que apenas menos de 10% do total das estradas eram pavimentadas.

Para tentar contornar os problemas na malha rodoviária, o governo está privatizando as rodovias. Com a transferência das rodovias para o setor privado, crescem o número de pedágios e o valor das tarifas. Apesar de maiores custos para os motoristas, observa-se, por outro lado, que as condições de segurança, sinalização e estado do piso são realmente muito superiores à média nacional. O estado de São Paulo é um grande exemplo no Brasil de rodovias privatizadas.



De acordo com resultado da Pesquisa Rodoviária 2007 da Confederação Nacional do Transporte (CNT), que analisou mais de 87 mil quilômetros da malha viária brasileira, os dez melhores trechos rodoviários do país são administrados por empresas privadas e estão localizados no estado de São Paulo. Veja o quadro a seguir com os melhores trechos rodoviários do Brasil e suas respectivas notas.

Melhores trechos rodoviários do Brasil	Nota
1 - Limeira (SP) - São José do Rio Preto (SP)	99,9
2 - Barretos (SP) - Bueno de Andrade (SP)	99,0
3 - Bauru (SP) - Itirapina (SP)	98,8
4 - São Paulo (SP) - Itaí (SP)	97,6
5 - Engenheiro Miller (SP) - Jupia (SP)	96,6
6 - São Paulo (SP) - Limeira (SP)	96,3
7 - Rio Claro (SP) - Itapetininga (SP)	95,7
8 - São Paulo (SP) - Uberaba (MG)	95
9 - Campinas (SP) - Jacareí (SP)	94,7
10 - Sorocaba (SP) - Cascata (SP)	94,4

Fonte: Costa (2007).

Uma pesquisa da Confederação Nacional dos Transportes (CNT) escolheu os 20 melhores trechos rodoviários do país. Entre estes, 17 estão sob comando de empresas privadas. Entre 1996 e 2005, as concessionárias investiram 10,5 bilhões de reais nos trechos que administram (*Anuário de Turismo Exame 2007*).

No modal ferroviário, o Brasil dispõe de pouco mais de 28 mil quilômetros de malha ferroviária (1998). A própria Argentina – bem menor que o Brasil – possui mais de 35 mil quilômetros de ferrovias, e os Estados Unidos, mais de 170 mil. E a quase totalidade da utilização das ferrovias é para transporte de cargas e não de passageiros. Cerca de 35% de nossas ferrovias operam há mais de 60 anos, em condições precárias. Observa-se total falta de investimento e abandono desse sistema de transporte no país (PALHARES, 2002).

Além do turismo doméstico, as estradas são importantes por terem papel fundamental no acesso dos turistas oriundos do continente sul-americano – com destaque para argentinos, paraguaios e uruguaios –, mas também para o trânsito interno de turistas no continente.

No transporte marítimo, o aumento significativo dos cruzeiros é limitado pela falta de infra-estrutura nos portos, ou mesmo pela falta de portos. Atualmente, os cruzeiros concentram-se nas cidades do Rio de Janeiro, Santos e Salvador, por contarem com uma razoável estrutura.

No transporte aéreo, o grande problema está na falta de investimento nos aeroportos, tanto internacionais quanto nacionais. Há falta de uma maior competitividade nas empresas aéreas e uma maior quantidade de vôos diretos para os destinos.



A **Tabela 18.1** mostra dados de 2005, referentes à capacidade e ao fluxo real de passageiros nos principais aeroportos do Brasil. Os dados são referentes tanto a embarques quanto a desembarques.

Tabela 18.1: Fluxo de passageiros nos principais aeroportos do Brasil (2005) em milhões

Aeroporto	Capacidade	Real
Aeroporto Internacional de São Paulo – Guarulhos	17,0	15,8
Aeroporto Internacional de Congonhas (SP)	15,0	17,1
Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro	15,0	8,7
Aeroporto Internacional de Brasília	10,0	9,4
Aeroporto Internacional de Salvador	6,0	4,6
Aeroporto Internacional de Recife	5,0	3,6
Aeroporto Internacional de Porto Alegre	4,0	3,6
Aeroporto Internacional de Confins (BH)	3,5	2,9
Aeroporto Internacional de Curitiba	3,5	3,4
Aeroporto Internacional de Belém	2,7	1,5
Aeroporto Santos Dumont (RJ)	1,8	3,6
Aeroporto de Pampulha	1,5	1,3
Aeroporto de São Luís	1,0	0,6
Aeroporto de Goiânia	0,6	1,2
Aeroporto de Vitória	0,6	1,5

Fonte: <http://www.dufrysouthamerica.com/abt-travel-retail-ba.htm>.

Observamos como a capacidade limite de passageiros em muitos aeroportos foi ultrapassada, como no de Congonhas (SP), no Santos Dumont (RJ), no de Goiânia (GO) e no de Vitória (ES), e em outros aeroportos operam com a capacidade máxima (**Tabela 18.1**). É urgente que haja investimentos, ampliação e manutenção dos aeroportos.

Os principais centros do país em volume de passageiros transportados são, pela ordem: São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Porto Alegre, Curitiba, Fortaleza e Manaus.

No geral, o Brasil necessita de planejamento e investimento em infra-estrutura para consolidar-se no turismo internacional, tanto por meio de investimento públicos quanto privados em todos os meios de transporte.

Resposta Comentada

O setor de turismo caracteriza-se por uma feroz concorrência, no âmbito mundial, entre países que querem atrair o maior número possível de turistas. Um país como o Brasil, que possui uma infinidade de belezas naturais, culturais e históricas, teria todas as condições de ser um grande destaque, mas perde muito, entre outros motivos, pela falta de investimento em infra-estrutura, que é um dos grandes gargalos do turismo no país.

O Brasil acaba perdendo espaço para outros países do mundo que também possuem diversos atrativos, mas diferentemente de nós investem em infra-estruturação e em promoção do turismo. O país precisa urgentemente investir em infra-estrutura e segurança, para conseguir receber melhor e mais turistas.

Organizações do turismo

Existem instituições internacionais e nacionais que regulam, inspecionam, planejam e estudam o setor de turismo. Muitas destas são responsáveis por elaborar e coletar dados sobre o setor como um todo, ou parte (por área), como em hotelaria ou transportes aéreos. Esses dados servem para fomentar planejamento nas diferentes empresas e instituições públicas ou privadas, são base para análises em estudos e em pesquisas, além de formarem importantes arquivos históricos para o setor.

Iniciamos com a análise das organizações nacionais, públicas e privadas, do turismo no Brasil. No sistema público, destacamos alguns órgãos nacionais, estaduais e municipais.

Em âmbito nacional, a Embratur – Instituto Brasileiro de Turismo –, do Ministério do Turismo, é o órgão público responsável pelas políticas deste setor.

A Embratur é a autarquia responsável pela execução da Política Nacional de Turismo no que diz respeito à promoção, ao marketing e ao apoio à comercialização dos destinos, serviços e produtos turísticos brasileiros no mercado internacional.



A Embratur, criada em 18 de novembro de 1966, teve sua atribuição direcionada exclusivamente para a promoção internacional a partir de 2003, com a criação do Ministério do Turismo.

Relacionamos, de maneira sistemática, algumas atribuições da Embratur:

- elaboração e implementação da Política Nacional do Turismo;
- promoção do turismo brasileiro no exterior;
- elaboração e divulgação de campanhas promocionais do turismo interno;
- capacitação de recursos humanos;
- desenvolvimento de campanhas de conscientização no turismo (combate ao turismo sexual, limpeza nas praias etc.);
- administração e viabilização de fundos para a infra-estrutura turística no país.



Para conhecer melhor a Embratur, você pode visitar a página www.turismo.gov.br, do Ministério do Turismo do Brasil.

Já nos níveis estadual e municipal existem secretarias, departamentos ou outros órgãos responsáveis por este setor, em todo o país. No caso do Rio de Janeiro, temos como exemplos a TurisRio – a Empresa de Turismo do Estado do Rio de Janeiro – e, no nível municipal, a Riotur – Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro S.A. Ambas são empresas mistas (contudo, a maioria de suas ações é pública).

A TurisRio, empresa gestora do turismo fluminense, é vinculada à Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer. Seu objetivo é promover o turismo e as atividades correlatas, em consonância com a política de desenvolvimento econômico e social do estado e o Plano Diretor de Turismo.

A Riotur é o órgão executivo da Secretaria Especial de Turismo e tem por objetivo a implementação da política de turismo do município do Rio de Janeiro, formulada pela Secretaria, em consonância com as diretrizes e os programas ditados pela Administração Municipal.



Para conhecer melhor a TurisRio, você pode visitar a página www.turismo.rj.gov.br; e, para visitar a Riotur, você pode visitar a página www.riodejaneiro-turismo.com.br.

No Brasil, algumas organizações privadas possuem importante papel no turismo nacional, cada uma em sua área. Destacamos três principais, a seguir:

- 1) Associação Brasileira de Agências de Viagens (ABAV).
- 2) Associação Brasileira de Operadoras de Turismo (Braztoa).
- 3) Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH).



Para conhecer melhor as associações do turismo relacionadas a seguir, visite as páginas na internet:

Organizações	Sites
Associação Brasileira de Agências de Viagens (ABAV)	www.portalabav.com.br
Associação Brasileira de Operadoras de Turismo (Braztoa)	www.braztoa.com.br
Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH)	www.abih.com.br

A Associação Brasileira de Agências de Viagens possui hoje aproximadamente três mil associados. Foi criada em 1953, no Rio de Janeiro.

A ABAV é a responsável pela realização do Congresso Brasileiro de Agências de Viagens e Turismo, considerado o maior e mais importante evento profissional do turismo na América Latina.

Já a Associação Brasileira de Operadoras de Turismo, fundada em 1989 e com sede em São Paulo, tem como função principal organizar e executar programas turísticos coletivos vendidos ao consumidor diretamente ou por intermédio de agências de viagens. Atualmente, é responsável por mais de 85% da comercialização de pacotes nacionais e internacionais.

A Associação Brasileira da Indústria de Hotéis é uma das mais antigas entidades brasileiras ligadas ao turismo. Foi fundada em 1936, e sua sede fica no Rio de Janeiro.



Existem outras entidades do setor privado do turismo também importantes em suas áreas. Seguem *sites* caso você queira conhecer melhor:

- Associação Brasileira de Empresas de Eventos (Abeoc)
www.abeoc.org.br
- Associação Brasileira de Locadoras de Automóveis (Abla)
www.abla.com.br
- Associação Brasileira de Centros e Convenções e Feiras (Abraccef)
www.abraccef.org.br
- Associação Brasileira de Restaurantes e Empresas de Entretenimento (Abrasel)
www.abrasel.com.br
- Associação Brasileira de Gastronomia, Hospitalidade e Turismo (Abresi)
www.abresi.com.br

Passaremos agora a estudar as instituições internacionais.

Veja as principais existentes atualmente:

- a) Organização Mundial do Turismo (OMT) ou, em inglês, World Tourism Organization (WTO).
- b) Conselho Mundial de Viagens e Turismo ou, em inglês, World Travel & Tourism Council (WTTC).
- c) Organização Internacional da Aviação Civil ou, em inglês, International Civil Aviation Organization (ICAO).
- d) Associação Internacional de Especialistas Científicos em Turismo ou, em francês, Association Internationale D'Experts Scientifiques du Tourisme (AIEST).

Organização Mundial do Turismo (OMT) – World Tourism Organization (WTO)

A Organização Mundial do Turismo é, hierarquicamente, o mais elevado organismo internacional de turismo e possui caráter governamental. Sua sede está localizada em Madri, na Espanha. Em 2003, foi transformada em organismo especializado das Organizações das Nações Unidas (ONU).

É extremamente relevante sua importância no turismo no mundo. A OMT tem como associados 141 países e territórios e mais 350 membros filiados, que representam governos locais, setor privado, associações de turismo e instituições docentes.

O objetivo fundamental da OMT é promover o desenvolvimento do turismo, com vistas a contribuir para o desenvolvimento econômico, a paz internacional, a prosperidade, o respeito universal e a observância dos direitos humanos e das liberdades fundamentais para todos (sem distinção de raça, sexo, língua ou religião).

Conselho Mundial de Viagens e Turismo – World Travel & Tourism Council (WTTC)

O Conselho Mundial de Viagens e Turismo é formado pela coalizão global de dirigentes de todos os setores do turismo. Estão incluídas as atividades de transporte, o alojamento, a provisão de alimentos, as atividades recreativas, culturais e de serviços e viagem, entre outras. A sede fica em Londres, e existem escritórios regionais.

O WTTC foi criado em 1990 com o intuito de reunir num mesmo foro todas as grandes empresas que tinham um objetivo comum: promover o turismo e as viagens em seu conjunto, ressaltando seu impacto econômico, sua capacidade de gerar emprego e a conscientização ambiental.

O objetivo principal do conselho é trabalhar com os governos de todos os países do mundo levando sua estratégia, que é baseada em quatro pontos:

- fazer das viagens e do turismo uma prioridade econômica estratégica e geradora de emprego;
- avançar para mercados abertos e competitivos;
- promover o desenvolvimento sustentável do turismo;
- eliminar as barreiras que impedem o crescimento do setor.



Para conhecer melhor as associações do turismo relacionadas a seguir, visite as páginas na internet:

Organizações	Sites
Organização Mundial do Turismo (OMT)	www.world-tourism.org
Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC)	www.wttc.org
Associação Internacional de Especialistas Científicos em Turismo (AIEST)	www.aiest.org
Organização Internacional da Aviação Civil (ICAO)	www.ca.org/ICAO

Organização Internacional da Aviação Civil – International Civil Aviation Organization (ICAO)

É uma organização de governos voltada para promover a aviação civil em escala mundial. Possui como objetivos fomentar a implementação de medidas de segurança nos vôos, garantir a regulamentação do transporte aéreo, desenvolver e adotar novos procedimentos para atender ao dinamismo do setor.

Associação Internacional de Especialistas Científicos em Turismo – Association Internationale D’Experts Scientifiques du Tourisme (AIEST)

A Associação Internacional de Especialistas Científicos em Turismo é uma organização de cunho científico. Foi criada em 1949 e possui sua sede em Saint Gallen, Suíça.

Entre seus principais objetivos, destacamos:

- promover a atividade científica entre seus membros;
- apoiar a atividade dos institutos científicos de turismo, os outros centros de pesquisa e educação especializados em turismo, desenvolvendo relações entre eles;
- organizar e cooperar com eventos de natureza científica (como congressos, encontros, cursos) sobre turismo.



Atividade

Atende ao Objetivo 2

2. Quais são as organizações, nacionais ou internacionais, referidas nos trechos descritos a seguir? Relacione as organizações às suas respectivas informações.

- ABAV
- ICAO
- Embratur
- OMT
- TurisRio

() A Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro, empresa gestora do turismo fluminense, é vinculada à Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer. Foi constituída originalmente no antigo estado do Rio de Janeiro, com o nome de Flumitur, em 1960. Atualmente, é uma sociedade de economia mista, da qual o estado detém 68,48% das ações. Seu objetivo é promover o turismo e as atividades correlatas, em consonância com a política de desenvolvimento econômico e social do estado e o Plano Diretor de Turismo.

() É a mais importante organização do turismo em âmbito internacional e a única organização que representa os interesses turísticos de organizações governamentais e oficiais.

() Organização responsável pelo transporte aéreo de passageiros no mundo, pois controla as empresas aéreas da aviação civil. As regulamentações, no transporte aéreo, seguem normas internacionais.

() Organização privada que congrega as operadoras e agências de viagens no Brasil. Entre outras atribuições, é responsável por eventos nesta área do turismo.

() Trabalha para a geração de desenvolvimento social e econômico do país, por meio da ampliação do fluxo turístico internacional aos destinos nacionais. É uma autarquia do Ministério do Turismo brasileiro.

Resposta

A seqüência de resposta é: E, D, B, A e C.

Conclusão

No que se refere à infra-estrutura no Brasil, especialmente referente aos transportes, existe muito a ser feito. Investimentos privados e públicos são fundamentais para a melhoria da logística em turismo. Existem várias organizações tanto públicas (no âmbito federal, estadual e municipal) quanto privadas responsáveis pelo turismo no Brasil, e possuem um importante papel. São essenciais para regulamentar, organizar, controlar, planejar e promover o setor no país e no mundo.



Atividade Final

Atende aos Objetivos 1 e 2

Faça uma dissertação a partir da interpretação da tabela a seguir com dados da Embratur. É importante para o turismólogo entender os fluxos dos turistas, de onde vêm, como vêm (transportes) e do que gostam. Os dados são elaborados pela Embratur.

Principais países emissores de turistas para o Brasil – 2006-2007

Principais países emissores	2006			2007		
	Número de turistas	%	Ranking	Número de turistas	%	Ranking
Argentina	933.061	18,60	1°	920.210	18,31	1°
Estados Unidos da América	721.633	14,38	2°	699.169	13,91	2°
Portugal	299.211	5,96	3°	280.438	5,58	3°
Itália	287.898	5,74	4°	268.685	5,35	4°
Chile	176.357	3,52	10°	260.430	5,18	5°
Alemanha	277.182	5,52	5°	257.719	5,13	6°
França	275.913	5,50	6°	254.367	5,06	7°
Uruguai	255.349	5,09	7°	226.111	4,50	8°
Espanha	211.741	4,22	8°	216.373	4,31	9°
Paraguai	198.958	3,97	9°	206.323	4,11	10°
Inglaterra	169.627	3,38	11°	176.948	3,52	11°
Peru	64.002	1,28	15°	96.336	1,92	12°
Holanda	86.122	1,72	12°	83.554	1,66	13°
Suíça	84.816	1,69	13°	72.763	1,45	14°
Canadá	62.603	1,25	16°	63.963	1,27	15°
Japão	74.638	1,49	14°	63.381	1,26	16°
Outros	838.140	16,71	-	879.064	17,49	-
Total	5.017.251 turistas			5.025.834 turistas		

Fonte: Embratur.

19

Economia brasileira em perspectiva histórica

Meta da aula

Apresentar em linhas gerais o processo de desenvolvimento econômico brasileiro, destacando as principais transformações sociais e produtivas.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1** reconhecer as transformações ocorridas na economia brasileira durante o século XX;
- 2** identificar os principais ciclos do desenvolvimento econômico do Brasil.

Introdução

Todo o esforço produtivo empreendido por uma sociedade pode ser resumido em uma expressão: melhoria das condições de vida e ampliação das oportunidades. Compõem esse esforço a busca por um maior desenvolvimento da estrutura produtiva, a ampliação e melhoria da infra-estrutura, qualidade do sistema educacional e de saúde, a preservação ambiental, a segurança, a redução da pobreza, entre outros itens.

A busca por esses objetivos é complexa e requer a conjugação de forças de várias esferas da sociedade. Esses resultados, obviamente, não são alcançados em curto prazo, por isso há necessidade de elaboração, execução e continuidade de políticas públicas comprometidas com o desenvolvimento econômico e social.

Do mesmo modo que outras nações, o Brasil vem buscando se estabelecer como uma nação desenvolvida, menos desigual e com melhor qualidade de vida. Os caminhos que conduzirão a esse resultado são motivos de controvérsias, o que não é estranho se considerarmos as variadas bases ideológicas que compõem os formuladores de políticas públicas brasileiros.

Ao longo do século XX, o Brasil passou por um acelerado processo de modernização econômica. Esse processo de modernização representou de fato um amplo esforço industrializador que construiu uma moderna e diversificada estrutura produtiva no país. A industrialização brasileira teve início na década de 1930 e foi marcada pela rápida expansão das atividades manufatureiras e estruturas urbanas.

Nesta aula, será apresentado a você um panorama do desenvolvimento da economia brasileira durante o século XX e os primeiros anos do século atual. Esperamos que você conheça um pouco mais sobre as origens e desafios enfrentados pela sociedade brasileira ao longo desses anos.

Modernização da economia brasileira em perspectiva histórica

A economia brasileira passou por um profundo processo de crescimento durante o século XX, iniciou como uma nação tipicamente agrária e alcançou a posição de uma das mais importantes economias em desenvolvimento do mundo.

Essa transformação não foi obra do acaso. Foi resultado de uma ampla gama de ações e políticas que buscaram alcançar os objetivos e superar os obstáculos que se apresentaram à sociedade brasileira.

Se, no começo do século passado, a maior parte de nosso povo residia no campo, em 2000, mais de 80% já viviam nas cidades. Isso aponta uma transformação não apenas do local de residência da população brasileira, mas nos permite inferir toda a dinâmica ocorrida no país, com a construção e a consolidação de espaços econômicos tipicamente urbanos.

A expansão da economia brasileira, em termos de crescimento do produto interno bruto, foi muito considerável. O Brasil, à semelhança do ocorrido no conjunto das economias capitalistas, experimentou acelerada expansão do produto, do emprego e da população. Estimativas dão conta de que o produto interno bruto brasileiro cresceu 120 vezes. Para dimensionar esse crescimento, basta compará-lo à taxa (acumulada) de expansão do PIB mundial: 40 vezes, entre 1900-2000.

É preciso salientar que o crescimento da economia brasileira não foi um processo homogêneo (em termos setoriais), nem tão pouco linear (em se tratando de períodos de tempo). O crescimento do PIB brasileiro alternou momentos de forte expansão, com outros de crescimento mais tímido. Na verdade, em alguns momentos, sobretudo no período posterior a 1980, tivemos anos de declínio do PIB.

O **Gráfico 19.1** nos fornece um panorama do comportamento do produto interno brasileiro ao longo do século passado. Veja que as taxas oscilam muito, conjugando fortes expansões

com momentos de retração, alguns absolutamente fora da esfera de controle da economia nacional, caso das taxas negativas nos períodos das guerras mundiais e da grande depressão da economia mundial iniciada em 1929.

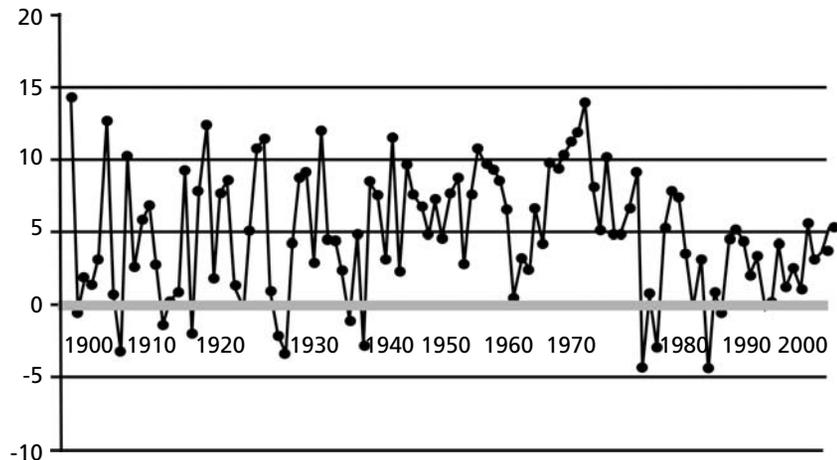


Gráfico 19.1: Crescimento do PIB brasileiro entre 1900-2007 (médias anuais).
Fonte: IBGE e IPEA (2007).

É preciso reafirmar que o crescimento econômico brasileiro teve como carro-chefe o setor industrial e de atividades urbanas (serviços), especialmente considerado a partir da década de 1930. A partir de agora, analisaremos mais detalhadamente esse crescimento.

Toda periodização é um risco. Ela pode reduzir ou “restringir” características, movimentos e singularidades que o simples demarcar de datas pode conduzir a equívocos. Contudo, para fins didáticos, poderíamos dividir o “movimento” econômico brasileiro em três grandes períodos:

- 1º) economia agroexportadora;
- 2º) industrialização por substituição de importações e
- 3º) estabilização monetária e abertura comercial.

Obviamente, por ser tratar de uma visão de longo prazo, essas grandes etapas são divididas em subperíodos que carregam características e determinantes próprios que, no entanto, não se diferem em suas linhas gerais, como veremos adiante.

A seguir você verá mais detalhes de cada uma destas etapas.

1ª) Economia agroexportadora

O período anterior à década de 1930 é denominado agro-exportador, a etapa foi marcada pela acentuada dependência da dinâmica interna da economia brasileira em relação ao desempenho do seu setor: o primário exportador. Em outras palavras: a economia brasileira era fortemente dependente do desempenho alcançado pela produção do setor primário que estava voltado às exportações.



De modo geral, a economia é dividida em três grandes setores: primário, secundário e terciário. O primário compreende as atividades agropecuárias e de extração vegetal. O secundário se refere às atividades industriais (tanto de transformação quanto extrativa mineral). O terciário diz respeito às atividades do setor de serviços.

Nesta etapa, quem determinava em maior grau a dinâmica interna do país não era o investimento ou o consumo doméstico, mas sim a demanda exterior. Dessa forma, o desenvolvimento de nossa economia era bem limitado e determinado pela dinâmica de consumo dos países importadores de produtos primários brasileiros.

Por exemplo: o café era o principal produto das exportações brasileiras e, conseqüentemente, o carro-chefe da economia interna dentro do modelo agroexportador. A dinâmica de nossa economia dependia dos resultados obtidos pelo setor

exportador de café, o que está relacionado diretamente ao desejo, do consumo de estrangeiros, notadamente ingleses e norte-americanos.



Figura 19.1: Trabalhadores no cultivo de café no Brasil na economia agroexportadora.

Essa acentuada dependência em relação à demanda externa tornava a economia brasileira elevadamente vulnerável a choques externos, ou seja, qualquer mudança na demanda por café, por parte dos estrangeiros, atingia drasticamente a renda interna brasileira.

Quais eram as características básicas do modelo agroexportador brasileiro?

Veja:

- A exportação é peça-chave na determinação da renda e do produto.

Na realidade, as exportações eram quase que exclusivamente a fonte do dinamismo interno da economia do país. Qualquer dificuldade no setor exportador logo era sentida pelos demais setores da economia do país.

- A pauta de exportações é concentrada em poucos produtos.

Há baixa diversificação da produção para exportação. O país era especializado, o que acarretava a acentuada dependência em relação a este setor. Por conta da especialização, a produtividade do setor exportador era bem mais elevada que a produtividade dos demais setores econômicos.

- Grande parte da demanda interna é suprida com importações.

A importação era o caminho para suprir parte da demanda interna, o que deveria ser financiado com os saldos da atividade exportadora.

- Base produtiva para exportação bem distante da estrutura de consumo interno.

A produção para exportação diferia em muito do conjunto de bens que a população consumia. Em países centrais, o que se exportava não se diferenciava muito do que a população local consumia.

No **Gráfico 19.2**, você pode visualizar a pauta de exportações brasileira do começo do século XX. Observe que o café respondia por dois terços das exportações. Somando-se açúcar e algodão ao café, o percentual é de 86%, ou seja, três produtos concentravam quase a totalidade de nossas exportações.

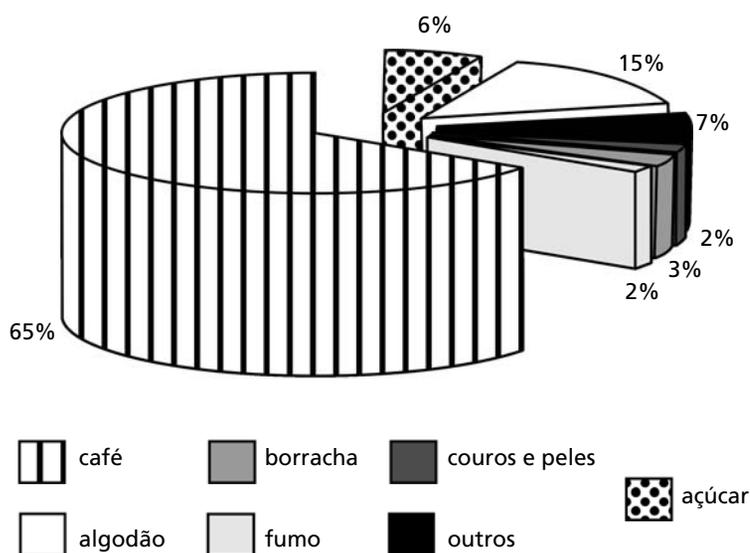


Gráfico 19.2: Pauta de exportação brasileira em 1900.
 Fonte: IBGE. www.ibge.gov.br.



Atividade

Atende ao Objetivo 1

1. As sentenças a seguir referem-se ao período da economia agroexportadora brasileira. Complete com V quando as afirmações forem verdadeiras e F quando falsas.

() Período da economia brasileira caracterizado pela exportação de produtos industrializados, devido à forte industrialização que o país havia passado.

() Nesta etapa, quem determinava em maior grau a dinâmica interna do país era o investimento ou o consumo doméstico.

() A exportação é peça-chave na determinação da renda e do produto na economia brasileira nesse período.

() A pauta de exportações é concentrada em poucos produtos primários, não havendo diversificação.

() A demanda interna em sua maioria é suprida com importações de produtos industrializados, financiados com os saldos da atividade exportadora.

Respostas Comentadas

(F) O processo de industrialização no Brasil só teve início na década de 1930; portanto, a sentença é falsa. Nessa época ocorria a exportação de produtos primários.

(F) Sentença falsa, pois na verdade, quem determinava em maior grau a dinâmica interna do país não era o investimento ou o consumo doméstico, mas sim a demanda exterior. O desenvolvimento de nossa economia era determinado pela dinâmica de consumo dos países importadores de produtos primários brasileiros.

(V) As exportações eram sim, quase que exclusivamente, a fonte do dinamismo interno da economia do país.

(V) A pauta de exportações é concentrada em poucos produtos, há sim baixa diversificação da produção para exportação.

(V) Grande parte da demanda interna é suprida com importações de produtos industrializados, financiados com os saldos da atividade exportadora. Na divisão internacional do trabalho, o Brasil exportava produtos primários e importava os produtos manufaturados, tendo em vista que ainda não havia passado por um processo de industrialização até o momento.

2ª) Industrialização por substituição de importações

Em 1929, após a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, o mundo capitalista passou por uma de suas mais graves crises. A Grande Depressão, como é conhecida a crise desse período, que se iniciou nos EUA, logo atingiu a Europa e, por conseguinte, o restante do mundo.



A Grande Depressão foi o período da maior crise econômica mundial, entre os anos de 1929 e 1933. Atingiu, em primeiro lugar e mais profundamente, a economia norte-americana, espalhando-se em seguida para a Europa e os países da África, Ásia e América Latina. A crise iniciou-se no âmbito do sistema financeiro na chamada Quinta-Feira Negra (24/10/1929), que a história registra como sendo o primeiro dia de pânico na Bolsa de Nova York. Era um momento de intensa especulação na Bolsa e a economia norte-americana estava em plena prosperidade. Nos Estados Unidos, entre 1929 e 1933, havia cerca de 15 milhões de desempregados, 5 mil bancos paralisaram suas atividades, 85 mil empresas faliram, as produções industrial e agrícola reduziram-se à metade. Quando a crise atingiu proporções internacionais, o comércio mundial ficou reduzido a um terço, e o número de desempregados chegou a cerca de 30 milhões (SANDRONI, 2000).

A queda do consumo e o desarranjo financeiro mundial atingiram a demanda internacional por café brasileiro, o que arrastou nossa economia para uma severa crise. Retorne ao **Gráfico 19.1** e veja que entre 1930 e 1932 há uma acentuada queda do produto interno bruto brasileiro.

As dificuldades alusivas à dependência da economia brasileira em relação à produção e à exportação de produtos

primários deixaram evidente que o Brasil precisaria alterar seu modelo de desenvolvimento econômico, caso desejasse reduzir a dependência em relação à demanda externa.

Com esta orientação, a partir de 1930 o Brasil passou a empreender um amplo esforço de industrialização, que almejava modernizar a estrutura produtiva do país, reduzindo sua fragilidade em relação a choques externos.



Figura 19.2: Trabalhador mudando do campo para a cidade, para procurar emprego na recente industrialização brasileira.



**Celso Furtado
(1920-2004)**

Importante economista brasileiro, ex-diretor da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (1949) e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (1953). Em função do golpe militar de 1964, exilou-se na França, onde lecionou na Sorbonne (Paris). É autor de obras clássicas, como *Formação econômica do Brasil* (1959), *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina* (1966), entre outras.

Nossa industrialização se deu por meio do chamado Modelo de Substituição de Importações (MSI), que objetivava deslocar o centro dinâmico da economia brasileira de “fora para dentro”, como expressou **Celso Furtado**. Ou seja: fazer com que o elemento central para a determinação do produto interno bruto do país deixasse de ser a demanda externa (fora) e se tornasse o consumo e os investimentos internos (dentro).

A industrialização por substituição de importações durou praticamente cinco décadas (1930-1980) e passou por etapas de características e resultados distintos, ainda que o objetivo (modernização) tenha permanecido inalterado. Vários programas e planos foram elaborados e executados sob a vigência do MSI. No **Quadro 19.1**, você verá a descrição e o resumo dos principais planos e momentos do MSI brasileiro.

Quadro 19.1: Principais programas econômicos do MSI brasileiro

Programa	Governo	Objetivos
Plano Quinquenal de Obras e Reaparelhamento da Defesa Nacional (1942) e Plano de Obras (1943)	Getúlio Vargas 	Melhoria bélica e de infra-estrutura.
Plano de Metas (1956-1961)	Juscelino Kubitschek 	Acelerar e diversificar a industrialização.
Plano Trienal (1962-1964)	João Goulart 	Expansão industrial. Reformas de base.
Plano de Ação Econômica do Governo (1964-1967)	Castelo Branco 	Estabilização monetária e macro-econômica.
II Plano Nacional de Desenvolvimento (1974-1979)	Geisel 	Completar a estrutura industrial. Acelerar o crescimento do PIB nacional.

Um das principais características da industrialização por substituição de importações era a chamada “industrialização fechada”. Esse termo diz respeito ao fato de a industrialização objetivar atender o mercado interno (e não produzir para exportação) e haver uma série de medidas que protegiam as indústrias sediadas no país da concorrência externa.

Outra característica central no MSI foi a participação estatal na economia. O Estado brasileiro atuou diretamente em diversas frentes, ora como financiador, ora como provedor de infra-estrutura e logística, ora como empresário direto, por meio das chamadas empresas estatais (CSN, Vale, Itaipu, BNH e outros).

3ª) Período de estabilização monetária e abertura comercial

Esse período corresponde à dinâmica mais recente da economia brasileira e compreende o intervalo de tempo 1980-2000. A década de 1980 é conhecida como a “década perdida”, pois foi um período de acentuadas dificuldades para a economia brasileira, que viriam a pôr fim ao ciclo histórico de desenvolvimento iniciado nos anos 1930.

Entre 1947 e 1980, o PIB brasileiro cresceu em média 7,2% ao ano. Na década de 1980, essa taxa foi de 2,1%. O arrefecimento da economia brasileira na época foi resultante dos seguintes fatores:

- a) Descontrole inflacionário: a inflação brasileira saiu do controle e atingiu diretamente a renda do trabalhador e, por conseguinte, o consumo interno.
- b) Crise da dívida externa: o desenvolvimento industrial brasileiro do período anterior foi em grande medida financiado por empréstimos estrangeiros. Na década de 1980, várias nações, incluindo o Brasil, encontraram dificuldades para pagar seus débitos e terem acesso a financiamentos.

c) Desajuste fiscal: o Estado brasileiro estava desarticulado financeiramente, o que impossibilitava manter o seu papel histórico no processo de desenvolvimento.

Após várias tentativas frustradas de estabilização monetária (combate à inflação) e após o cenário econômico e político tumultuado do começo da década de 1990 (governo Collor), o Brasil alcança relativo sucesso no combate à inflação com o lançamento do Plano Real, em 1993, no governo Itamar Franco.

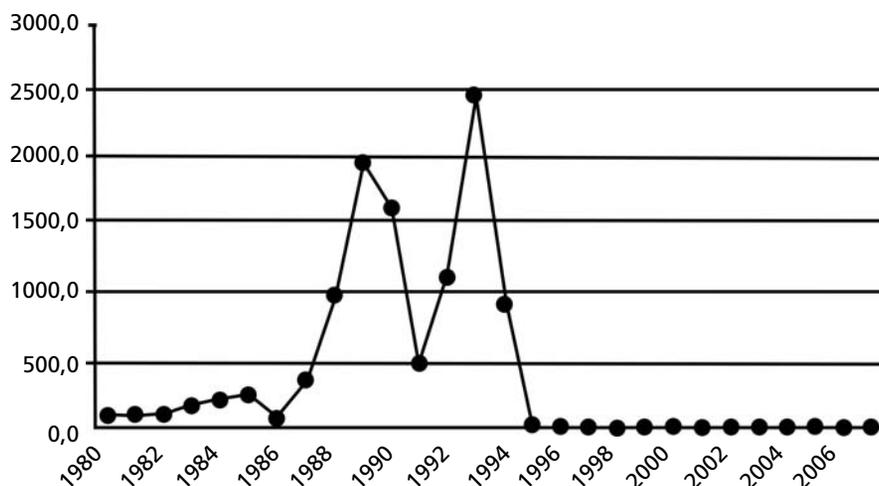


Gráfico 19.3 : Taxas anuais de inflação no Brasil (IPCA) – 1980-2000.
Fonte: IBGE. www.ibge.gov.br.

De 1994 aos dias atuais, o Brasil passou por três mandatos presidenciais completos: dois do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e um do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que atualmente está em seu segundo mandato.

De modo geral, podemos afirmar que o ambiente econômico brasileiro nesse período foi marcado por:

- a) relativa estabilização inflacionária;
- b) maior abertura comercial e inserção da economia brasileira nos fluxos do comércio mundial;

c) alternância de períodos de desemprego mais acentuado (anos de 1990), com outros de expansão do emprego e da renda (2004-2007);

d) reestruturação em vários setores produtivos e de serviços; e

e) aumento da dívida pública.

Veja mais detalhes do desempenho recente da economia brasileira nos gráficos e quadros a seguir:

Inicialmente, observe a **Tabela 19.1**: nela está exposto o movimento de expansão demográfica do Brasil entre 1940-2000. Observe que a população brasileira saltou de pouco mais de 41 milhões para 170 milhões em 2000. Nossa taxa de urbanização no período pulou de 31% para 81%. Nossa expectativa de vida subiu de 46 anos para 69 anos, nesse mesmo intervalo de tempo.

Tabela 19.1: Evolução da população brasileira (1940-2000)

Ano	Total	Urbano (%)	Rural (%)
1940	41.236.315	31	69
1950	51.944.397	36	64
1960	70.070.457	45	55
1970	93.139.037	56	44
1980	119.002.706	68	32
1991	146.825.475	76	24
1996	157.079.573	78	22
2000	169.799.170	81	19

Fonte: PNAD/IBGE. www.ibge.gov.br.

O produto por habitante (PIB *per capita*), em valores de 2007, saltou de pouco mais de R\$ 2.200,00 para R\$ 13.500,00, entre 1940 e 2007. Veja o **Gráfico 19.4**.

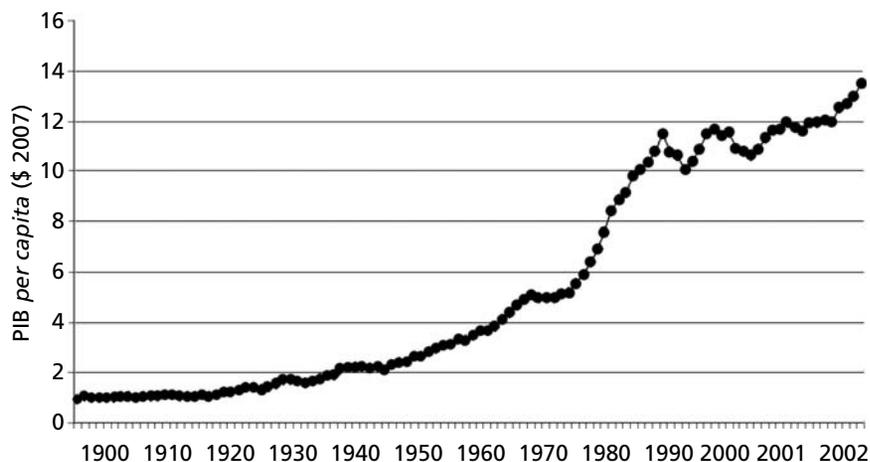


Gráfico 19.4: PIB *per capita* brasileiro 1980–2007.
 Fonte: PNAD/IBGE. www.ibge.gov.br.

Como anteriormente assinalado, o Brasil ao longo desses anos deixou de ser uma economia baseada na produção de produtos primários, voltados ao mercado exterior e tornou-se uma diversificada economia urbana e industrial.

Observe no **Gráfico 19.5** a evolução da participação dos setores no produto interno bruto brasileiro. Observe que a agricultura teve sua participação percentual consideravelmente reduzida, enquanto as atividades urbanas, especialmente os serviços, aumentaram sua presença no PIB do país.

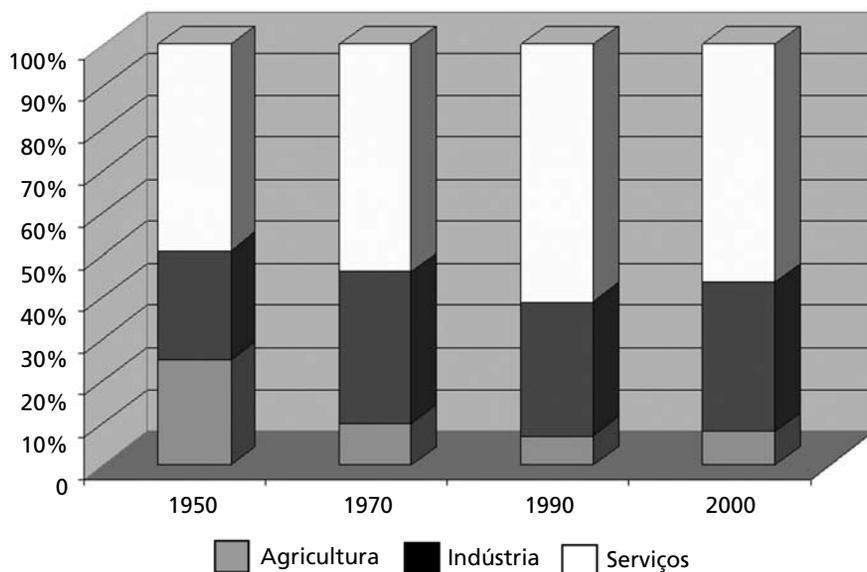


Gráfico 19.5: Composição setorial do PIB brasileiro: 1950–2000.
 Fonte: IBGE. www.ibge.gov.br

Para finalizar, algumas questões precisam ser assinaladas. Apesar de seu considerável crescimento econômico, o Brasil não conseguiu superar alguns entraves e problemas históricos que se apresentam como importantes e urgentes desafios para a sociedade. A modernização e a expansão do produto não foram capazes, considerando-se a magnitude desses processos, de alterar o padrão histórico de distribuição da renda pessoal.

A concentração de renda no Brasil, embora tenha ocorrido leve melhora nos últimos anos, continua sendo uma das mais acentuadas do mundo, o que tem efeitos diretos sobre a estrutura de consumo, o arcabouço político, o acesso a serviços básicos e a infra-estrutura. Vale assinalar que, em recente estudo, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada divulgou que o estrato social que corresponde aos 10% mais ricos detém 75,4% da renda brasileira, ou seja, 24,6% da renda nacional é compartilhada pelos 90% menos ricos.



Atividade

Atende ao Objetivo 2

2. Relacione os acontecimentos descritos aos três grandes períodos de evolução da economia brasileira:

- a. economia agroexportadora
- b. industrialização por substituição de importações.
- c. estabilização monetária e abertura comercial.

() Período recente da economia brasileira, caracterizado por relativa estabilização inflacionária e maior abertura comercial, e inserção da economia brasileira nos fluxos do comércio mundial, além da reestruturação em vários setores produtivos e de serviços, e aumento da dívida pública.

() A exportação era a principal variável na determinação da renda e do produto da economia brasileira, ou seja, era quase que exclusivamente a fonte do dinamismo interno do país. Qualquer dificuldade no setor exportador afetava os demais setores da economia.

() Período em que o Brasil deixou de ser uma economia baseada na produção de produtos primários voltados ao mercado exterior e se tornou uma diversificada economia urbana e industrial.

() O Estado brasileiro atuou diretamente em diversas frentes, ora como financiador, ora como provedor de infra-estrutura e logística, ora como empresário direto, por meio das chamadas empresas estatais (CSN, Vale, Itaipu, BNH e outros).

() A dinâmica interna de nossa economia dependia dos resultados obtidos pelo setor exportador de café, o que está relacionado diretamente ao desejo do consumo de estrangeiros, notadamente ingleses e norte-americanos.

Resposta

A seqüência correta é: C; A; B; B e A.

Conclusão

A industrialização brasileira, iniciada na década de 1930, foi marcada pela rápida expansão das atividades manufatureiras e urbanas, e resultou, como analisado, em diversificação produtiva e ampliação do produto interno bruto nacional. Por outro lado, esse processo não foi capaz de reduzir, a níveis aceitáveis, alguns dos traços históricos que infelizmente marcam nossa sociedade, tais como as desigualdades regionais e a exclusão social de algumas camadas de nossa população.



Atividade Final

Atende aos Objetivos 1 e 2

Aponte duas transformações ocorridas na economia e na sociedade brasileira, ao longo do século XX, e destaque duas conseqüências positivas oriundas dessas transformações. Após, destaque pelo menos dois problemas que o Brasil ainda não conseguiu superar e que atingem diretamente o setor de turismo.

Resposta Comentada

A industrialização brasileira, a partir da década de 1930, e a crescente urbanização são duas transformações que merecem destaque, pois deixaram de ser uma economia baseada na produção de produtos primários voltada ao mercado exterior e tornaram-se uma diversificada economia urbana e industrial. A industrialização do Brasil, por meio do Modelo de Substituição de Importações, conseguiu diminuir a dependência do país de importação de produtos, criou novos empregos, incentivando assim a saída das pessoas do campo para as cidades. Destacamos um significativo crescimento do produto interno bruto no país durante o século XX e de vários indicadores econômicos.

Apesar de o Brasil possuir significativos indicadores econômicos, no social existe muito a ser feito. No século XX, as melhorias na economia e na sociedade brasileira não conseguiram superar alguns problemas, entre estes, a grande concentração de renda e o grande número da população que vive na miséria.

Resumo

A economia brasileira passou por um profundo processo de transformações durante o século XX, combinando crescimento com modernização de sua estrutura produtiva e de serviços.

Em cerca de meio século, deixamos de ser um país tipicamente agrário e nos transformamos em uma das mais importantes economias industriais do mundo.

A modernização econômica brasileira não foi um processo homogêneo (em termos setoriais), nem linear (em se tratando de períodos de tempo). O crescimento do PIB brasileiro alternou momentos de forte expansão com outros de crescimento mais tímido.

O “movimento” econômico brasileiro no século XX pode ser dividido em três períodos principais: a economia agroexportadora, a industrialização por substituição de importações e a estabilização monetária, e a abertura comercial.

Muito embora o crescimento econômico brasileiro tenha sido elevado, ele não foi acompanhado em igual ritmo no que se refere à distribuição de renda entre a população brasileira.

O crescimento econômico brasileiro, considerando-se sua magnitude, não conseguiu promover maior inclusão social e romper com certos problemas históricos do país.

Informações sobre a próxima aula

Na próxima aula, você estudará um dos temas mais relevantes na economia mundial atual: a formação de blocos econômicos regionais. Você aprenderá um pouco mais sobre a inserção do Brasil nos fluxos regionais do comércio mundial.

Até lá!

20

Blocos econômicos regionais e a economia brasileira

Meta da aula

Apresentar os principais blocos econômicos regionais e a relação com a economia brasileira.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1** identificar as diferentes modalidades de integração econômica;
- 2** identificar quais são os principais blocos econômicos regionais e a importância desses na economia brasileira.

Introdução

Nesta aula, você estudará quais são os principais blocos econômicos regionais existentes atualmente no mundo, as modalidades de integração entre os países e os resultados desse processo para o setor de turismo.

Quase todas as grandes economias mundiais encontram-se, de alguma forma, envolvidas em processos de integração econômica: Estados Unidos (Nafta), Europa (União Européia e Efta), América Latina (Pacto Andino e Mercosul), Ásia (Apec) e África (SADC).

As formas de integração baseiam-se, fundamentalmente, na vontade dos Estados de obter vantagens econômicas, aumento geral de produção e produtividade, aumento de concorrência. Tais tipos de integração facilitam a atividade de turismo, especialmente dentro dos blocos, pois diminui a burocracia na entrada e saída de pessoas nos países envolvidos.

Principais blocos econômicos no mundo

Os blocos econômicos foram criados com a finalidade de desenvolver o comércio de determinada região. Para alcançar esse objetivo, os países eliminam as barreiras alfandegárias, o que diminui o custo dos produtos. Com isso, criam maior poder de compra dentro do bloco, elevando o nível de vida de suas populações.

Como o mercado passa a ser disputado também por empresas de outros países-membros do bloco econômico, cresce a concorrência, o que gera a melhoria de qualidade (de produtos e serviços) e a redução de custos.

Os processos de integração econômica são conjuntos de medidas de caráter econômico e comercial que têm por objetivo promover a aproximação e, eventualmente, a união entre as economias de dois ou mais países.

Esses processos concentram-se, em um primeiro momento, na diminuição ou mesmo na eliminação de **barreiras tarifárias e não-tarifárias** que inibem o comércio de bens entre esses países. Uma etapa mais adiantada de integração exigirá esforço adicional, podendo envolver a definição de uma Tarifa Externa Comum (TEC), ou seja, uma tarifa a ser aplicada por todos os sócios ao comércio de bens com terceiros mercados (países extra-zona).

Modalidades de integração econômica

De acordo com as teorias do comércio internacional, consideram-se quatro as situações clássicas de integração econômica:

- a. zona (ou área) de livre comércio;
- b. união aduaneira;
- c. mercado comum;
- d. união econômica e monetária.



Figura 20.1: Fases da integração econômica entre países.

Fonte: Carvalho; Silva (2000) apud Simões; Morini (2002).

Barreiras tarifárias e não-tarifárias

Por barreiras tarifárias entende-se as tarifas incidentes sobre os produtos importados, ou seja, os impostos de importação.

Já as barreiras não-tarifárias são restrições como regulamentos sanitários, de saúde, ambientais, normas técnicas e padrões de segurança, isto é, práticas que discriminam o produto estrangeiro. São exemplos de barreiras não-tarifárias: proibição a importações em caráter geral ou seletivo, ou em função da origem; cotas de importação; exigência de depósitos compulsórios; controles de preços; controles cambiais; exigências quanto a embalagem e marcas de origem; regulamentações sanitárias; normas de qualidade e outros.

Zona de livre comércio

Numa zona de livre comércio, ocorre livre circulação de mercadorias entre os países-membros, ou seja, não há impostos na circulação de produtos entre esses países. Consiste, portanto, na eliminação de todas as barreiras tarifárias e não-tarifárias que incidem sobre o comércio dos países do grupo.

A moeda de cada país é mantida. Contudo, cada um deles define o imposto de importação para os produtos vindos de nações não-pertencentes ao bloco.

Só é considerada uma zona de livre comércio quando pelo menos 80% dos bens são comercializados sem taxas alfandegárias. O principal exemplo é o Nafta (Acordo de Livre Comércio da América do Norte).



De acordo com as normas estabelecidas pelo General Agreement on Tariffs and Trade (GATT) – acordo sobre comércio internacional que vem sendo negociado em rodadas sucessivas desde 1947 e que deu origem à Organização Mundial de Comércio (OMC) em 1994 –, um acordo é considerado zona de livre comércio quando abarca ao menos 80% dos bens comercializados entre os membros do grupo.

União aduaneira

Na união aduaneira, os países – membros de uma zona de livre comércio adotam uma mesma tarifa às importações provenientes de mercados externos, a Tarifa Externa Comum (TEC).

O principal exemplo é o Mercosul (Mercado Comum do Sul), composto por Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Venezuela. Chile, Bolívia, Peru, Colômbia e Equador são países associados ao Mercosul, ou seja, participam do livre comércio, mas não da união aduaneira.

Mercado comum

Visa à livre circulação de pessoas, mercadorias, capitais e serviços. A integração, portanto, vai além da livre circulação apenas de mercadorias, englobando os fatores produtivos (capital e trabalho). Da liberalização desses fatores decorre, de um lado, a livre circulação de pessoas (trabalhadores ou empresas) e, de outro, a livre circulação de capitais (investimentos e remessas de lucro, entre outros).

Existe um imposto de importação comum para os países que não fazem parte do bloco. Além disso, o mercado comum pressupõe a coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais (definição de metas comuns em matéria de juros, cambial e outros). O único exemplo é a União Européia.

União econômica e monetária

A união econômica e monetária (UEM) constitui a etapa mais avançada e complexa de um processo de integração. Ela está associada, em primeiro lugar, à existência de uma moeda única e de uma política comum em matéria monetária conduzida por um Banco Central comunitário.

O único exemplo de uma união econômica e monetária, ainda em processo de construção, é a União Européia. Em 2002 adotaram o euro como moeda única. Apenas treze países pertencem à zona do euro: Áustria, Bélgica, Finlândia, França, Alemanha, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Holanda (Países Baixos), Portugal, Grécia, Espanha e Eslovênia. Foi criado, igualmente, o Banco Central Europeu, que está sediado na Alemanha.

Na **Figura 20.2**, observamos um resumo dos principais pontos de diferença entre as modalidades de integração: zona de livre comércio, união aduaneira, mercado comum e união econômica e monetária.

ZONA DE LIVRE COMÉRCIO	<ul style="list-style-type: none">• Livre circulação de mercadorias, ou seja, não há impostos na circulação de produtos entre os países-membros.• A moeda nacional é mantida.• Cada país define o imposto de importação para os produtos vindos de nações não-pertencentes ao bloco e as regras para o trânsito de capitais, serviços e pessoas.
UNIÃO ADUANEIRA	<ul style="list-style-type: none">• Livre circulação de mercadorias.• Cada país define suas regras para a circulação de capitais, serviços e pessoas.• A moeda nacional é mantida.• Impostos de importação comum para as mercadorias vindas de nações não-pertencentes ao bloco.
MERCADO COMUM	<ul style="list-style-type: none">• Livre circulação de mercadorias, capitais, serviços e pessoas.• Impostos de importação comum para as mercadorias vindas de nações não-pertencentes ao bloco.• A moeda nacional é mantida.
UNIÃO ECONÔMICA E MONETÁRIA	<ul style="list-style-type: none">• Livre circulação de mercadorias.• Imposto comum para produtos vindos de fora do bloco.• Livre circulação de capitais, serviços e pessoas.• moeda é comunitária. Exemplo: euro, na União Européia.

Figura 20.2: Comparação entre diferentes modalidades de integração.



Atividade

Atende ao Objetivo 1

1. Relacione as diferentes modalidades de integração e dê um exemplo de cada uma:

- a. Zona de livre comércio;
- b. União aduaneira;
- c. Mercado comum;
- d. União econômica e monetária.

() Possui uma moeda comum e livre circulação entre pessoas, serviços e mercadorias.

() Mantêm-se a moeda nacional, a livre circulação de mercadorias e cada país define o imposto de importação para os produtos vindos de nações não-pertencentes ao bloco.

() O imposto de importação é comum para produtos vindo de nações não-pertencentes ao bloco.

() Cada país define suas regras para a circulação de capitais, serviços e pessoas. Ocorre a livre circulação de mercadorias e a moeda nacional é mantida.

Resposta

(d) União européia e monetária, ainda em construção.

(a) Nafta.

(c) União Européia.

(b) Mercosul.

Principais blocos econômicos regionais

Destacamos neste tópico alguns dos principais blocos econômicos, em quais continentes estão localizados, a modalidade de integração, quando foram criados e quais são os principais países-membros. Na figura, você poderá observar a localização de alguns blocos econômicos regionais.

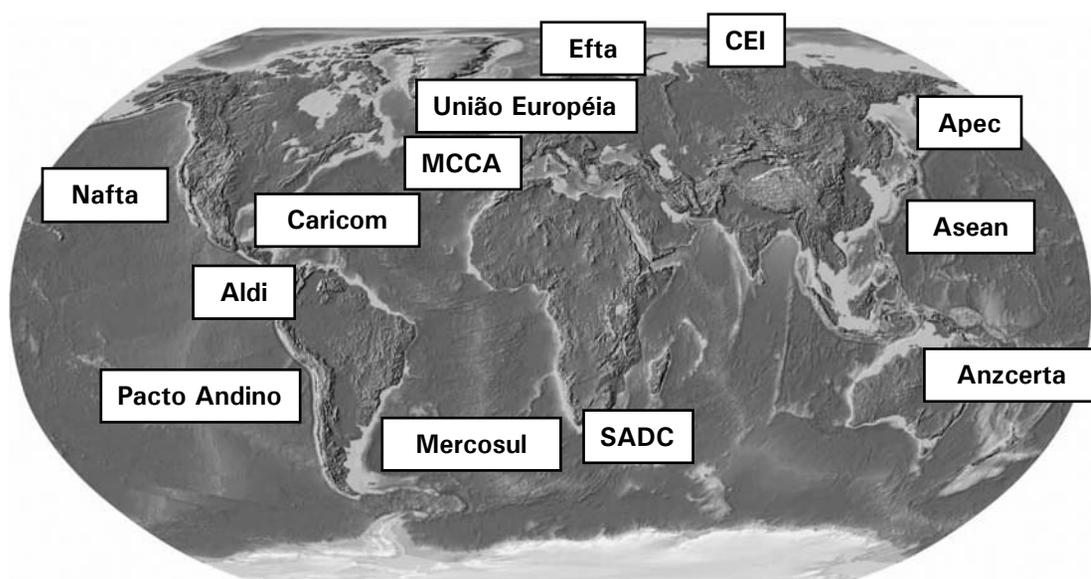


Figura 20.3: Principais blocos regionais no mundo.
Fonte: www.camara.gov.br.

União Européia

Associação pioneira que teve início por volta dos anos 1950 (como Comunidade Econômica Européia – CEE). O exemplo desta união é muito importante e incentivou a origem de outros mercados econômicos internacionais.

O Tratado da União Européia foi aprovado em 1991 (Tratado de Maastricht) e entrou em vigor em 1993. É composto por dois outros: o da união política e o da união monetária e econômica, o qual estabelece a criação de uma moeda única. No âmbito social, são definidos quatro direitos básicos dos cidadãos da União Européia: livre circulação, assistência previdenciária, igualdade entre homens e mulheres e melhores condições de trabalho.

Desde 2002, circulam as notas de euro em todos os países da União Européia, com poder legal para efetuar quaisquer pagamentos, e as moedas nacionais foram extintas.



O **Tratado de Maastricht** foi assinado em 7 de dezembro de 1992, em Maastricht (Holanda), sobre a União Européia. O tratado prevê a plena unificação dos países europeus signatários, com uma única moeda, a European Currency Unit (ECU), e a constituição do Banco Central Europeu, ambos convivendo com as moedas nacionais e com os bancos centrais de cada país, mas subordinados ao primeiro. O Tratado de Maastricht foi aprovado por praticamente todos os países da CEE, após negativas da Dinamarca e da Inglaterra, que ao longo de 1993 mudaram suas posições. No entanto, as estreitas margens de vitória do “sim” ao tratado indicaram que os países signatários estavam reticentes quanto à perda de parte da soberania que a adesão à União Européia representaria e temerosos quanto aos efeitos econômicos negativos (especialmente o desemprego) que adviriam ao serem seguidas regras tão rígidas (SANDRONI, 2000).

Com o euro, uma moeda europeia forte lastreada em economias poderosas passa a competir com o dólar norte-americano no mercado internacional.

O dia 1º de maio de 2004 é um marco histórico na consolidação da União Europeia. Nesse dia, a UE recebeu a adesão de dez novos membros, passando a ter na sua composição 25 países, sendo a maioria deles socialistas e fortemente influenciados pela antiga e extinta União Soviética.

Seus países-membros são: Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Holanda (Países Baixos), Portugal, Reino Unido e Suécia. A partir de maio de 2004, passou a contar com sete países do Leste Europeu: Lituânia, Letônia, Polônia, República Tcheca, Eslováquia, Hungria e Eslovênia e duas ilhas mediterrâneas, Chipre e Malta. Em 1º de janeiro de 2007, com a entrada de Romênia e Bulgária, a UE passa a ter 27 integrantes.

Com essa nova configuração, a União Europeia passou a contar com uma população de quase 500 milhões de pessoas, 20 línguas oficiais e PIB (Produto Interno Bruto) em 2004 de aproximadamente 12,6 trilhões de dólares, superior ao PIB americano (11,5 trilhões de dólares).

Em junho de 2004, a União Europeia realizou a maior eleição de sua história, e foram escolhidos 732 deputados, representantes no Parlamento europeu, que é uma instituição da União Europeia.

Nafta

O Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) é um instrumento de integração das economias dos EUA, Canadá e México. Iniciado em 1988 por norte-americanos e canadenses, o bloco recebeu a adesão dos mexicanos em 1993. Com ele, consolidou-se o intenso comércio regional da América do Norte.

O Nafta entrou em vigor em janeiro de 1994, com um prazo de 15 anos para a total eliminação das barreiras alfandegárias entre os três países-membros: EUA, Canadá e México.

Mercosul

Criado em 1991, o Mercado Comum do Sul (Mercosul) é composto de Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, nações sul-americanas que adotam políticas de integração econômica e aduaneira. Observe na **Tabela 20.1** a comparação de informações sobre estes quatro países-membros do Mercosul:

Tabela 20.1: Quadro comparativo dos países-membros do Mercosul

Índices Ano 2005	Países-membros			
	Argentina	Brasil	Paraguai	Uruguai
Ano de independência	1816	1822	1811	1825
Presidente	Néstor Kirchner	Luís Inácio Lula da Silva	Nicanor Duarte Frutos	Tabaré Ramón Vázquez Rosas
Capital	Buenos Aires	Brasília	Assunção	Montevideú
Área (km ²)	2.766.889	8.514.215,3	406.752	176.215
População (milhões)	38.592.000	185.369.043	6.068.000	3.385.000
População urbana	90,6%	81,7%	59,6%	93,1%
População rural	9,4%	18,3%	40,4%	6,9%
Taxa de crescimento demográfico (percentagem)	1,2%	1,4%	2,4%	0,7%
Expectativa de vida (anos)	74,1	71	70,8	75,2
Analfabetismo (percentagem)	3,2%	11,1%	5,6%	2%
Mortalidade Infantil (por 1000)	20,0	26,6	37,0	13,1

Fonte: www.aladi.org.

A origem do Mercosul está nos acordos comerciais entre Brasil e Argentina elaborados em meados dos anos 80. No início da década de 90, o ingresso do Paraguai e do Uruguai tornou a proposta de integração mais abrangente. Em 1995, instalou-se uma zona de livre comércio.

Cerca de 90% das mercadorias fabricadas nos países-membros podem ser comercializadas internamente sem tarifas de importação. Alguns setores, porém, mantêm barreiras tarifárias temporárias, que deverão ser reduzidas gradualmente. Além da extinção de tarifas internas, o bloco estipula a união aduaneira, com a padronização das tarifas externas para diversos itens.

O Mercosul, cuja estrutura física e administrativa está sediada em Montevidéu, tem um mercado potencial de 220 milhões de consumidores e um PIB de 1,1 trilhão de dólares. Se considerarmos que, no decorrer do século XXI, a água será um elemento estratégico essencial, é importante destacar que dentro do Mercosul estão as duas maiores bacias hidrográficas do planeta: a do Prata e a da Amazônia.

Venezuela, Chile, Bolívia, Peru, Colômbia e Equador são países associados ao Mercosul, ou seja, participam do livre comércio, mas não da união aduaneira. Na **Tabela 20.2**, você poderá observar um comparativo dos países-associados do Mercosul:

Tabela 20.2: Quadro comparativo dos países associados ao Mercosul

Índices Ano 2005	Países Associados					
	Bolívia	Chile	Colômbia	Equador	Peru	Venezuela
Ano de independência	1825	1810	1810	1809	1821	1811
Presidente	Evo Morales	Ricardo Lagos	Alvaro Uribe Velez	Alfredo Palacio	Alejandro Toledo Manrique	Hugo Rafael Chávez Frías
Capital	La Paz	Santiago	Bogotá	Quito	Lima	Caracas
Área (km²)	1.098.581	756.626	1.141.748	256.370	1.285.216	916.445
População	9.227.000	16.267.000	46.039.000	13.572.000	27.947.000	26.577.000
População urbana	68,2%	86,9%	76,6%	65,8%	73,5%	88,8%
População rural	31,8%	13,1%	23,4%	34,2%	26,5%	11,2%
Taxa de crescimento demográfico	2,2%	1,0%	1,6%	1,4%	1,5%	1,7%
Expectativa de vida (anos)	63,8	77,7	72,2	74,2	69,8	72,8
Analfabetismo	11,7%	3,5%	7,1%	7,0%	8,4%	6,0%
Mortalidade Infantil (por 1000)	55,6	8,0	25,6	24,9	33,4	17,5

Fonte: www.aladi.org.

Pacto Andino

Esse bloco econômico foi instituído em 1969 pelo Acordo de Cartagena – seu nome oficial –, com o objetivo de aumentar a integração comercial, política e econômica entre seus países-membros. Também é conhecido como Grupo ou Comunidade Andina.

Membros: Bolívia, Colômbia, Equador e Peru (1969); Venezuela (1973). O Chile saiu em 1976. O Panamá participa como observador.

Apec

A Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (Apec) é um bloco econômico formado para promover a abertura de mercado entre 20 países e Hong Kong (China), que respondem por cerca de metade do PIB e 40% do comércio mundial. Oficializada em 1993, pretende estabelecer a livre troca de mercadorias entre todos os países do grupo até 2020. Membros: Austrália, Brunei, Canadá, Indonésia, Japão, Malásia, Nova Zelândia, Filipinas, Cingapura, Coréia do Sul, Tailândia, EUA (1989), China, Hong Kong (China), Taiwan (Formosa) (1991), México, Papua-Nova Guiné (1993), Chile (1994), Peru, Federação Russa, Vietnã (1998).

SADC

A Comunidade da África Meridional para o Desenvolvimento (SADC) foi estabelecida em 1992 para incentivar as relações comerciais entre seus catorze países-membros, com o objetivo de criar um mercado comum e também promover esforços para estabelecer a paz e a segurança na conturbada região.

Membros: Angola, África do Sul, Botsuana, Lesoto, Malauí, Maurício, Moçambique, Namíbia, República Democrática do Congo, Seichelles, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue.

Alca

A idéia de uma Área de Livre Comércio das Américas (Alca) surgiu em 1994, com o objetivo de eliminar as barreiras alfandegárias entre os 34 países americanos, exceto Cuba. Não foi criada até agora. Os Estados Unidos (EUA) propuseram a implementação imediata de acordos parciais, com abertura total do mercado em 2005, o que não ocorreu.

Já o Brasil e o Mercosul prevêm grande dificuldade na adaptação de suas economias a essa integração. As discussões estão paralisadas atualmente, visto que a sua criação visava também a minimizar a influência do Brasil na América do Sul.

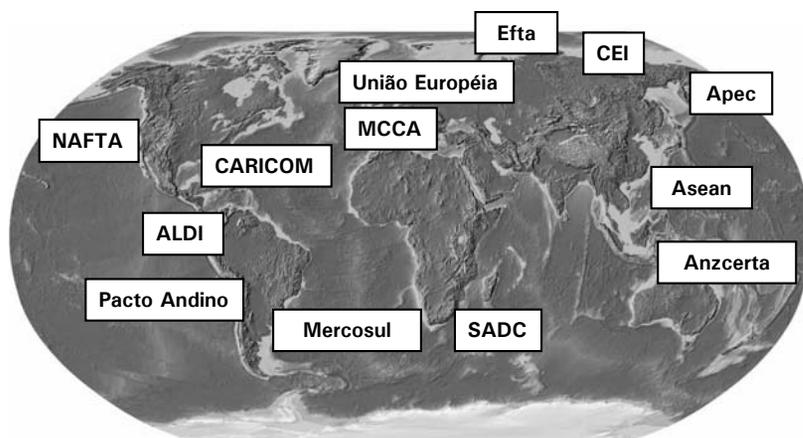


Atividade

Atende ao Objetivo 2

2. O mapa do mundo a seguir traz a locação de vários importantes blocos econômicos, a saber: Aladi; Anzcerta; Apec; Asean; Caricom; CEI; Efta; MCCA; Mercosul; Nafta; Pacto Andino; SADC; e União Européia.

A partir do mapa, identifique quais são os blocos destacados e quais são seus países-membros. Alguns não foram explicados em aula. Caso seja possível, pesquise na internet mais informações sobre os blocos.



5) *Caricom – Mercado Comum e Comunidade do Caribe.*

Países-membros: Barbados, Guiana, Jamaica, Trinidad e Tobago; Antígua e Barbuda, Belize, Dominica, Granada, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas, São Cristóvão e Névis; Suriname; Bahamas, Haiti; Territórios: Montserrat; ilhas Virgens Britânicas, Ilhas Turks e Caicos, Anguilla.

6) *CEI – Comunidade dos Estados Independentes.*

Países-membros: Armênia, Belarus, Cazaquistão, Federação Russa, Moldávia, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão, Ucrânia, Uzbequistão; Geórgia, Azerbaijão.

7) *Efta – Associação Européia de Livre Comércio.*

Países-membros: Islândia, Liechtenstein, Noruega e Suíça.

8) *MCCA – Mercado Comum Centro-Americano.*

Países-membros: Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua.

9) *Mercosul – Mercado Comum do Sul.*

Países-membros: Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Venezuela. Chile, Bolívia, Peru, Colômbia e Equador.

10) *Nafta – Acordo de Livre Comércio da América do Norte.*

Países-membros: Estados Unidos, Canadá e México.

11) *Pacto Andino*

Países-membros: Bolívia, Colômbia, Equador, Peru; Venezuela.

12) *SADC – Comunidade da África Meridional para o Desenvolvimento.*

Países-membros: Angola, África do Sul, Botsuana, Lesoto, Malauí, Maurício, Moçambique, Namíbia, República Democrática do Congo, Seicheles, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue.

13) *União Européia*

Países membros: Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Holanda (Países Baixos), Portugal, Reino Unido e Suécia, Lituânia, Letônia, Polónia, República Tcheca, Eslováquia, Hungria e Eslovênia, Chipre e Malta (duas ilhas mediterrâneas), Romênia e Bulgária.

Conclusão

É essencial o papel dos blocos econômicos num mundo regido pela internacionalização econômica. Eles são criados com a finalidade de aumentar as vantagens econômicas dos países envolvidos, levando ao maior poder de compra dentro do bloco e elevando o nível de vida de suas populações.

Resumo

As quatro modalidades principais de integração econômica são: zona de livre comércio, união aduaneira, mercado comum e união econômica e monetária. Resumimos, no quadro a seguir, os principais blocos econômicos regionais.

Bloco	Criação	Abrangência
Aladi – Associação Latino-Americana de Integração	1980	Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.
Apec – Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico	1993	Austrália, Brunei, Canadá, Indonésia, Japão, Malásia, Nova Zelândia, Filipinas, Cingapura, Coréia do Sul, Tailândia, EUA (1989); China, Hong Kong (China), Taiwan (Formosa) (1991); México, Papua-Nova Guiné (1993); Chile (1994); Peru, Federação Russa, Vietnã (1998).
Asean – Associação das Nações do Sudeste Asiático	1967	Indonésia, Malásia, Filipinas, Cingapura, Tailândia (1967), Brunei (1984), Vietnã (1995), Mianmar, Laos (1997), Camboja (1999).
Anzcerta – Acordo Comercial Sobre Relações Econômicas entre	1983	Austrália e Nova Zelândia.
Caricom – Mercado Comum e Comunidade do Caribe	1973	Barbados, Guiana, Jamaica, Trinidad e Tobago (1973); Antígua e Barbuda, Belize, Dominica, Granada, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas, São Cristóvão e Névis (1974); Suriname (1995); Bahamas (1983), Haiti (1997), Territórios: Montserrat (1974); Ilhas Virgens britânicas, Ilhas Turks e Caicos (1991); Anguilla (1999).
CEI – Comunidade dos Estados Independentes	1991	Armênia, Belarus, Cazaquistão, Federação Russa, Moldávia, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão, Ucrânia, Uzbequistão (1991); Georgia, Azerbaijão (1993).
Efta – Associação Européia de Livre Comércio	1960	Islândia, Liechtenstein, Noruega e Suíça.
MCCA – Mercado Comum Centro-Americano	1960	Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua.
Mercosul – Mercado Comum do Sul	1991	Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Venezuela. Chile, Bolívia, Peru, Colômbia e Equador.
Nafta – Acordo de Livre Comércio da América do Norte	1994	Estados Unidos, Canadá e México.

SADC Comunidade da África Meridional para o Desenvolvimento	1992	Angola, África do Sul, Botsuana, Lesoto, Malauí, Maurício, Moçambique, Namíbia, República Democrática do Congo, Seicheles, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue.
Pacto Andino	1969	Bolívia, Colômbia, Equador e Peru (1969); Venezuela (1973). O Chile sai em 1976. O Panamá participa como observador.
União Européia	Déc. 1950	Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Holanda (Países Baixos), Portugal, Reino Unido e Suécia Lituânia, Letônia, Polônia, República Tcheca, Eslováquia, Hungria e Eslovênia e Chipre, Malta (duas ilhas mediterrâneas), Romênia e Bulgária.

Fonte: Elaboração do autor, dados da www.camara.gov.br.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, você estudará o desenvolvimento regional e o turismo na região Sul do Brasil. Até lá!

21

Desenvolvimento regional e turismo no Brasil: a região Sul

Meta da aula

Apresentar a importância do setor de turismo para a economia da região Sul do Brasil.

Objetivo

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 identificar elementos no setor de turismo que auxiliam no desenvolvimento econômico da região Sul.

Introdução

A partir desta aula, você aplicará seus conhecimentos em ciências econômicas na análise do desenvolvimento do turismo no Brasil, estudando o setor em cada uma das cinco regiões do país. Iniciamos com a análise da região Sul e seus respectivos estados.

Em cada uma das aulas será analisada a relevância econômica do turismo para o desenvolvimento da região, além da descrição dos principais atrativos turísticos e da verificação de alguns indicadores do setor nos estados (número de turistas, perfil, tamanho desse setor nos estados, infra-estrutura, segurança e outros).

A região Sul destaca-se no setor de turismo do país por, entre vários motivos, boa infra-estrutura, constantes investimentos públicos e privados, e uma diversidade de atrativos tanto naturais quanto históricos.

A importância econômica do turismo na região Sul

A região Sul do Brasil é formada pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com uma população de aproximadamente 26 milhões de habitantes, segundo dados do IBGE referentes ao ano de 2007. É um grande pólo turístico, econômico e cultural, que sofre grande influência européia, principalmente de origem italiana e germânica.

Essa região apresenta altos índices sociais e econômicos, possui um produto interno bruto de R\$ 356 bilhões (IBGE, 2005) e o maior IDH do Brasil, com 0,83. Possui também o segundo maior PIB *per capita* do país (R\$ 13.208,00), atrás apenas da região Sudeste. Além disso, é a região mais alfabetizada, com um percentual de 94,8% do total da população.



A região Sul tem uma área total de aproximadamente 577 mil km², a menor dentre as outras regiões, ocupando apenas 6,8% do território brasileiro. Possui clima subtropical, exceto na região norte do Estado do Paraná, onde predomina o clima tropical. A vegetação acompanha essa variação da temperatura, ou seja, nos locais mais frios predominam as matas de araucárias (pinhais) e, nos pampas, os campos de gramíneas. A região possui grande potencial hidrelétrico, destacando-se a usina de Itaipu, localizada no rio Paraná, na fronteira com o Paraguai.

Inicialmente baseada na agropecuária, a economia da região Sul desenvolveu importante parque industrial nas últimas décadas, cujos centros se encontram nas áreas metropolitanas da cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, e Curitiba, capital do Estado do Paraná.

Fonte: “Brasil: informações gerais sobre as diferentes regiões”, texto do acervo do Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

As informações gerais e econômicas dos três estados que compõem a região foram resumidamente descritas no **Quadro 21.1**, a seguir. Nele podemos observar dados gerais como população e área, e alguns dados econômicos como PIB, PIB *per capita* e IDH.

Vale destacar que, na análise dos dados econômicos dos estados da região, o Rio Grande do Sul possui o maior produto interno bruto – PIB (141 bilhões de reais) e o maior PIB *per capita* da região (R\$ 13.320,00). Já o estado de Santa Catarina possui o maior índice de desenvolvimento humano da região (0,86).

Os estados da região destacam-se no setor de turismo brasileiro e possuem como principais atrações turísticas suas belezas naturais, praias, cidades históricas e suas colônias européias, além das estações bem definidas e um clima marcado principalmente pelo inverno rigoroso.

Quadro 21.1: Dados gerais e econômicos dos estados da região Sul

	Paraná (PR)	Santa Catarina (SC)	Rio Grande do Sul (RS)
População	10.155.274 (estimativa de 2005)	5.866.568 (estimativa de 2005)	10.978.587 (estimativa de 2006)
Área	≈199 mil km ²	≈95 mil km ²	≈282 mil km ²
Produto Interno Bruto (PIB)	R\$ 109 bilhões (2004)	R\$ 70 bilhões (2004)	R\$ 142 bilhões (2003)
Renda <i>per capita</i>	R\$ 10.725,00 (2004)	R\$ 12.159,00 (2004)	R\$ 13.320,00 (2004)
IDH	0,787 (PNUD – 2000)	0,863 (PNUD – 2000)	0,814 (PNUD – 2000)

Fonte: Dados do IBGE (www.ibge.gov.br).

A região Sul é a única região brasileira a apresentar clima temperado e possuir estações bem definidas. As serras gaúcha e catarinense atraem turistas no inverno rigoroso, que aproveitam as temperaturas mais baixas em cidades como Gramado (RS), a cidade turística mais representativa do gênero no país, Canela (RS) e Urubici (SC).

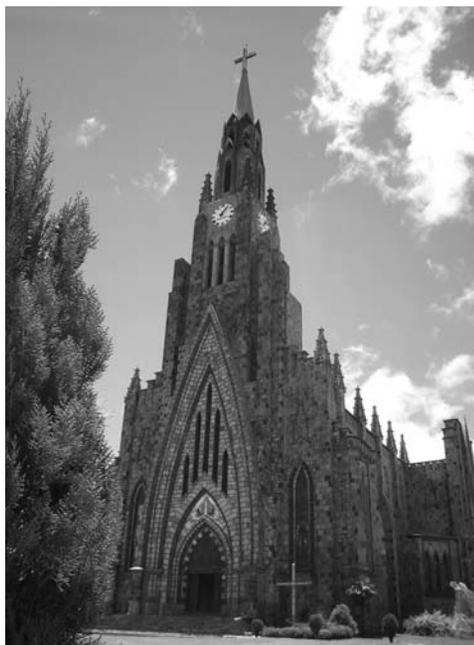


Figura 21.1: Catedral Nossa Senhora de Lourdes em Canela (RS), em estilo gótico inglês.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/90850>.

Portanto, destacamos que o turismo de inverno é um grande atrativo na região. A Serra Catarinense apresenta as temperaturas mais baixas, com uma média anual de 13°C e podendo alcançar 10° C negativos, não sendo rara a ocorrência de neve, sobretudo em São Joaquim.

As serras gaúchas também apresentam temperaturas abaixo de 0°C e possuem ótima infra-estrutura em cidades como Gramado e Canela. Em Cambará do Sul (RS), localiza-se o Parque Nacional de Aparados da Serra, onde fica o cânion do Itaimbezinho.

O artigo “Investimentos para turbinar a capital” do *Anuário Turismo* da revista *Exame* cita os investimentos em infra-estrutura no estado do Rio Grande do Sul para fomentar o turismo. Ressalta também os principais investimentos para incrementar o fluxo de turistas, como a revitalização da orla do Guaíba e do cais do porto, e a criação de um aeroporto na Serra Gaúcha, tentando beneficiar a região da serra das cidades (como Canela, Gramado e Nova Petrópolis). O artigo destaca ainda sobre o setor de turismo:

Conta com excelente infra-estrutura — tem uma das melhores malhas rodoviárias do país, com 42% de estradas classificadas como ótimas ou boas — e oferece uma grande variedade de opções de turismo, do ecológico ao cultural, do religioso ao de negócios. Por sua proximidade com os países do Mercosul, o Rio Grande do Sul é muito procurado por turistas argentinos e uruguaios, que formam boa parte dos mais de 600 mil estrangeiros que visitaram o estado em 2006.

(Investimentos para turbinar a capital: Planos para incentivar o turismo em Porto Alegre incluem a reforma da orla do Guaíba e do cais do porto. *Anuário Turismo* da revista *Exame*, 5 abril de 2007.)

A região Sul também é importante no turismo nos dias quentes de verão: as praias catarinenses são procuradas por turistas do Brasil inteiro e de países estrangeiros. Florianópolis

■ **Parque Nacional do Iguazu**

Onde se localizam as Cataratas do Iguazu, está localizado no extremo oeste do estado do Paraná e atrai turistas do mundo inteiro. Sua área total é de aproximadamente 185 mil hectares e em 1986 recebeu o título, concedido pela Unesco, de Patrimônio Mundial.

é uma das capitais brasileiras mais visitadas, atrás apenas das cidades do Rio de Janeiro (RJ) e Salvador (BA). Com o fim da crise econômica nos países do Mercosul, parte do movimento de argentinos, uruguaios e paraguaios voltou ao proveito do turismo de verão, em cidades balneárias como Balneário Camboriú e Barra Velha.

São pontos turísticos os patrimônios da humanidade: Cataratas do Iguazu, no **Parque Nacional do Iguazu**, no Paraná, e as **Ruínas Jesuítico-Guaranis de São Miguel das Missões**, no Rio Grande do Sul.

■ **Ruínas Jesuítico-Guaranis de São Miguel das Missões**

Em São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul, que foi fundada em 1632 pelos jesuítas da Companhia de Jesus e congregou milhares de indígenas guaranis que foram catequizados. Hoje em dia, após quase 400 anos de sua fundação, as ruínas podem ser visitadas pelos turistas.



Figura 21.2: Cataratas do Iguazu (PR).
Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/734316>.

Vale destacar também que o estado do Rio Grande do Sul possui um grande potencial para o turismo em sítios paleontológicos e museus, no Geoparque da Paleorrota. Há uma grande área no centro do estado que pertence ao período triássico, na Formação Santa Maria e Formação Caturrita, que datam de 230 milhões de anos.

As cidades de Santa Maria, Candelária, São Pedro do Sul, Mata e Agudo, pertencem a *Rota Paleontológica* (ou *paleorrota*), onde viveram dinossauros (rincossauros, exaeretodons, estauricossauros, guaibassauros, saturnalia tupiniquim, sacissauros, unayssauros e muitos outros).



A Rota Paleontológica, ou geoparque da Paleorrota (*Paleoroute* em inglês), localiza-se no centro do estado do Rio Grande do Sul, cuja área contém diversos fósseis da era triássica (há 230 milhões de anos), no tempo em que havia apenas o continente Pangéia.

A região possui vários sítios paleontológicos que pertencem às camadas geológicas Formação Santa Maria e Formação Caturrita. Nestes sítios são encontrados os fósseis de antigos animais vertebrados. O estauricossauro foi o primeiro dinossauro brasileiro e foi coletado em Santa Maria no Sítio Paleontológico Jazigo Cinco, pelo paleontólogo Llewellyn Ivor Price.

A oeste da rota está a cidade de Mata, que, juntamente com as cidades de São Pedro do Sul e Santa Maria, formam um grande depósito de paleobotânica. Em uma extensão de mais de 70 km, existem vários depósitos de madeira fossilizada.

No **Quadro 21.2**, a seguir, listamos os principais pontos turísticos e culturais do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Observamos que o turismo na região Sul é bastante diversificado, contemplando o patrimônio natural, cultural e histórico.

Quadro 21.2: Principais pontos turísticos e culturais dos estados da região Sul

Paraná (PR)	Santa Catarina (SC)	Rio Grande do Sul (RS)
<ul style="list-style-type: none"> - Ilha do Mel - Cataratas do Iguaçu - Museu Paranaense (Curitiba) - Museu David Carneiro - Museu de Artes de Cascavel - Museu da Imagem e do Som - Museu Oscar Niemeyer - Museu de Arte Contemporânea - Museu Metropolitano de Arte de Curitiba - Teatro Guairá - Bosque Alemão - Catedral Basílica - Memorial da Cidade (Curitiba) - Memorial Japonês (Curitiba) 	<ul style="list-style-type: none"> - Balneário Camboriú - Praias de Florianópolis - Museu Histórico - Museu Etnográfico - Casa de Vitor Meireles - Museu de Arte Moderna - Museu do Índio - Ponte Hercílio Luz - Museu do Homem do Sambaqui - Catedral de Lages 	<ul style="list-style-type: none"> - Ruínas Jesuítas de São Miguel das Missões - Cânion de Itaimbezinho - Santuário de Nossa Senhora do Caravaggio (Farroupilha) - Mercado Público de Pelotas - Cascata Osório (Osório) - Cascata do Caracol (Canela) - Praia da Guarita (Torres) - Parque da Redenção (Porto Alegre) - Lago Negro (Gramado) - Parque Estadual do Caracol - Catedral Gótica de Santa Cruz do Sul - Parque Histórico da cidade de Lajeado

Fonte: <http://www.suapesquisa.com/estadosbrasilieiros>.



Figura 21.3: Balneário Camboriú (SC).
Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/258373>



Atividade

Atende ao Objetivo 1

1. Leia, a seguir, um trecho do artigo do *Anuário Turismo* da revista *Exame* de 2007 sobre o setor de turismo e os investimentos nesse setor no estado de Santa Catarina, e responda o que se pede:

O artigo “Em busca de novos públicos” destaca o fato de o estado de Santa Catarina incentivar o aumento do número de turistas estrangeiros e os investimentos do governo do estado para infra-estrutura do setor de turismo. O artigo destaca que, entre os anos 1980 e 90, o espanhol foi o idioma oficial das belas praias de Santa Catarina. Comenta ainda que, no ano de 2007, estavam previstos os gastos de quase 30 milhões de reais na promoção do estado no exterior e outros investimentos, como podemos ver no trecho citado a seguir:

Ao longo de 2007, vão ser investidos quase 30 milhões de reais na promoção do estado no exterior. Em termos de fomento à indústria, há duas outras frentes importantes de investimentos. Uma delas envolve a ampliação do potencial turístico de pequenas cidades ainda pouco explora-

Indicadores do setor de turismo de alguns estados da região Sul

Em artigos do *Anuário Turismo* da revista *Exame* foram descritos dados do setor de turismo para o estado de Santa Catarina e o Rio Grande do Sul. Esses dados e indicadores dão uma noção da importância e do tamanho do setor para esses estados.

Primeiramente, analisando os dados do Rio Grande do Sul (ver **Tabela 21.1**), destacamos que o estado, no ano de 2005, recebeu mais de um milhão e trezentos mil turistas, sendo que o gasto médio do turista por dia é de 180 reais. A participação do turismo no PIB do estado é de 2,01%.

Ainda observando as informações da **Tabela 21.1**, no ano de 2005, sobre o perfil de turistas que visitaram o estado do Rio Grande do Sul, ressaltamos que 55% tinham procedência de outros estados do Brasil e 45% de fora do país.

As regiões do estado mais importantes como atrativos turísticos e que mais receberam turistas foram, em primeiro lugar, a região metropolitana; em segundo, a Região da Uva e do Vinho; e em terceiro, a Região das Hortênsias (Gramado e Canela).

No que se refere à infra-estrutura (**Tabela 21.1**), o estado do RS possui quatro aeroportos no ano de 2006, com 225 linhas de ônibus interestaduais e aproximadamente 160 mil quilômetros de malha rodoviária. Ainda em 2006, o estado contabilizou 8.568 vôos internacionais e 55.525 vôos nacionais.

Tabela 21.1: Indicadores do turismo do Rio Grande do Sul

O tamanho da indústria	
Número de visitantes (por ano)	1.330.000
Gasto <i>per capita</i> (em R\$ por dia)	180*
Faturamento (em R\$ milhões por ano)	4.451
Estabelecimentos ligados ao turismo	17.157
Empregados ligados ao turismo	115.243
Participação do turismo no PIB do estado (em %)	2,05
Investimentos na promoção do turismo (em R\$ milhões por ano)	3,5
Participação da verba de fomento do turismo no orçamento do estado (em%)	0,07
*Região das Serras Gaúchas	

Infra-estrutura	
Número de vôos por ano	
Internacionais	Nacionais
8.568	55.525
Aeroportos	4
Linhas de ônibus interestaduais	225
Malha rodoviária (em km)	159.280
Participação de rodovias pedagiadas em relação à malha (em %)	1,6
Estado de conservação das rodovias (em %)	
Ótimo/bom	42
Deficiente	45
Ruim/péssimo	13

Fonte: Anuário Turismo Exame, 5/4/2007.

Atrações turísticas

Principais (visitantes por ano)	
1ª Região Metropolitana	ND
2ª Região da Uva e do Vinho	3.000.000
3ª Região das Hortências (Canela e Gramado)	2.500.000
Mais bem avaliadas pelo Guia 4 Rodas	
1ª Parque Nacional de Aparados da Serra (Cambará do Sul)	
2ª Museu de Ciências e Tecnologia (PUC) (Porto Alegre)	
3ª Ruínas da São Miguel (São Miguel das Missões)	
Que serão incentivadas em 2007	
1ª Porto Alegre, serra e litoral	
2ª Pedras e águas que encantam (Viamão, Ijuí etc.)	
3ª Caminho Farroupilha (Guaíba, Pelotas, Bagé etc.)	

Na **Tabela 21.2** observamos os dados do setor de turismo referentes ao estado de Santa Catarina. Destacamos que o estado, no ano de 2005, recebeu mais de três milhões e cem mil turistas, sendo que o gasto médio do turista por dia foi de 53 reais. É bastante significativa a participação do turismo no PIB do estado, corresponde a 10% do total.

Ainda no que diz respeito às informações da **Tabela 21.2**, no ano de 2005, sobre o perfil de turistas que visitaram o estado de Santa Catarina, ressaltamos que 80% tinha procedência de outros estados do Brasil e 20% vinha do exterior.

As regiões do estado mais representativas como atrativos turísticos e que mais receberam turistas foram em primeiro lugar o Balneário Camboriú, seguido de Florianópolis e Bombinhas (ver **Tabela 21.2**).

No que se refere à infra-estrutura, o estado de Santa Catarina possui quatro aeroportos no ano de 2006, com 267 linhas de ônibus interestaduais e aproximadamente 108 mil quilômetros de malha rodoviária. Ainda em 2006, o estado contabilizou 2.563 vôos internacionais e 44.577 vôos nacionais.

Tabela 21.2: Indicadores do turismo do estado de Santa Catarina

O tamanho da indústria	
Número de visitantes (por ano)	3.150.000
Gasto <i>per capita</i> (em R\$ por dia)	53
Faturamento (em R\$ milhões por ano)	2.134
Estabelecimentos ligados ao turismo	11.620
Empregados ligados ao turismo	72.729
Participação do turismo no PIB do estado (em %)	10
Investimentos na promoção do turismo (em R\$ milhões por ano)	30
Participação da verba de fomento do turismo no orçamento do estado (em%)	0,73

Infra-estrutura	
Número de vôos por ano	
Internacionais	Nacionais
2.563	44.577
Aeroportos	4
Linhas de ônibus interestaduais	267
Malha rodoviária (em km)	107.790
Participação de rodovias pedagiadas em relação à malha (em %)	
Estado de conservação das rodovias (em %)	
Ótimo/bom	18
Deficiente	49
Ruim/péssimo	33

Atrações turísticas	
Principais (visitantes por ano)	
1ª Balneário Camboriú	2.200.000
2ª Florianópolis	1.200.000
3ª Bombinhas	230.000
Mais bem avaliadas pelo Guia 4 Rodas	
1ª Ilha do Campeche (Florianópolis)	
2ª Praia Lagoinha do Leste (Florianópolis)	
3ª Projeto Baleia-Franca (Imbituba)	
Que serão incentivadas em 2007	
1ª Roteira da Serra do Mar (Urubici, Laguna, Gravatal etc.)	
2ª Rota dos Sonhos (Navegantes, Itajaí etc.)	
3ª Caminhos da Natureza (na Grande Florianópolis)	

Fonte: Anuário Turismo Exame, 5/4/2007.

Resposta Comentada

Os estados da região destacam-se no setor de turismo brasileiro e possuem uma diversidade de atrações turísticas, que abrange o patrimônio natural, cultural e histórico, com destaque para as praias, suas colônias européias, cidades históricas, entre outros.

A região Sul possui um diferencial em relação ao resto do país: o clima temperado, com estações bem definidas e um inverno rigoroso que atrai muitos turistas, especialmente para as serras gaúcha e catarinense. Em algumas regiões pode até nevar, como na serra catarinense (São Joaquim).

O turismo na região conta ainda com uma boa infra-estrutura em relação ao restante do país, por exemplo, no que se refere aos transportes, em portos e aeroportos bem-estruturados e a previsão de mais investimentos do governo para fomentar o setor. A proximidade de países como a Argentina e o Uruguai atrai muitos turistas estrangeiros, especialmente latino-americanos, tanto no inverno quanto no verão.

Resumo

A região Sul atrai milhares de turistas especialmente por possuir estações bem definidas, com inverno rigoroso. Em todos os três estados o setor de turismo corresponde a um significativo percentual de seus PIBs, sendo o maior o de Santa Catarina, que corresponde a 10% do total do produto interno bruto.

As principais cidades que destacam-se por atrair muitos turistas no inverno rigoroso são das serras gaúcha e catarinense: Gramado (RS), Canela (RS), Urubici (SC) e São Joaquim (SC).

No turismo de verão, as praias catarinenses são procuradas por turistas do Brasil inteiro e de países estrangeiros (argentinos, uruguaios e paraguaios) em cidades balneárias como Balneário Camboriú e Barra Velha.

Destacam-se ainda os pontos turísticos que são patrimônios da humanidade como: Cataratas do Iguaçu, no Parque Nacional do Iguaçu, no Paraná, e as Ruínas Jesuítico-Guaranis de São Miguel das Missões (RS). Além disso, o estado do Rio Grande do Sul possui um grande potencial para o turismo paleontológico, com muitos sítios paleontológicos e museus, no Geoparque da Paleorrota.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, você estudará o desenvolvimento regional e o turismo na região Norte do Brasil.

Até lá!

22

Desenvolvimento regional e turismo no Brasil: a região Norte

Meta da aula

Apresentar a importância do setor de turismo para a economia da região Norte do Brasil.

Objetivo

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1** identificar elementos do setor de turismo que interferem no desenvolvimento econômico da região Norte.

Introdução

A região Norte é a maior do país em extensão, e nela se encontram sete dos estados brasileiros. Por ser uma região pouco habitada e de ocupação mais tardia, o ecossistema ainda se encontra preservado, o que propicia as atividades de ecoturismo. Um número muito expressivo de turistas estrangeiros vem ao Brasil exclusivamente por causa do mais importante atrativo da região: a floresta Amazônica.

O turismo na região Norte está muito relacionado ao patrimônio natural, mas também ao cultural e ao histórico, com destaque para o turismo de eventos folclóricos e religiosos que mobilizam milhões de pessoas.

Nesta aula, estudaremos o turismo na região, destacando o desenvolvimento e a importância do setor econômico deste para cada um dos estados. Ademais, descreveremos os principais atrativos turísticos e analisaremos alguns dos mais relevantes indicadores do setor nos estados (número de turistas, perfil, tamanho desse setor, infra-estrutura, segurança e outros). Além disso, citaremos algumas informações econômicas e sociais de cada um dos estados.

A importância econômica do turismo na região Norte

A região Norte do Brasil é formada pelos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Roraima, Rondônia e Tocantins, com uma população de aproximadamente 15 milhões de habitantes, segundo dados do IBGE referentes ao ano de 2005.

Essa região possui um Índice de Desenvolvimento Humano considerado médio, de 0,764, e um Produto Interno Bruto de aproximadamente 107 bilhões de reais (IBGE/2005). O PIB *per capita*, também para o ano de 2005, correspondia a R\$ 7.247,00.

A região Norte possui uma área de 3.870 milhões de km², que corresponde a 45,27% do território brasileiro, e está localiza-

da entre o maciço das Guianas, ao norte, o planalto Central, ao sul, a cordilheira dos Andes a oeste e o oceano Atlântico, a noroeste. De clima equatorial, é banhada pelos grandes rios das bacias Amazônica e do Tocantins. Seu relevo tem três patamares de altitude – igapós, várzeas e baixos platôs ou terra firme –, sendo definido pelo volume de água dos rios, em função das chuvas.

A economia da região Norte baseia-se no extrativismo vegetal de produtos como látex, açaí, madeiras e castanha; no extrativismo mineral, de ouro, diamantes, cassiterita e estanho; e na exploração de minérios em grande escala, principalmente o ferro na serra dos Carajás (PA) e o manganês na serra do Navio (AP). Duas ferrovias viabilizam o escoamento dos minérios extraídos da região: a Estrada de Ferro Carajás e a Estrada de Ferro do Amapá.

O Governo Federal oferece incentivos fiscais para a instalação de indústrias no Amazonas, especialmente montadoras de produtos eletrônicos. Esse processo é administrado pela Superintendência da Zona Franca de Manaus (Ministério das Relações Exteriores do Brasil, 2009).



A Zona Franca de Manaus (ZFM) foi criada ainda no período da ditadura militar (no governo Castelo Branco). Lá, as empresas gozam de incentivos fiscais, especiais componentes de um plano geoeconômico para impulsionar o desenvolvimento da região norte do Brasil que, até a criação da ZFM, tinha toda a produtividade concentrada apenas na capital do Pará, Belém.

Na ZFM são garantidos os seguintes benefícios fiscais às empresas: isenção ou redução no Imposto sobre Importação (II); isenção do Imposto de Exportação (IE); isenção ou crédito do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI); redução de 75% do Imposto de Renda de Pessoas Jurídicas (IRPJ); isenção, crédito ou restituição do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS); isenção por dez anos do IPTU, taxa de serviço de limpeza e conservação pública e taxa de licença de funcionamento.

Atualmente, a Zona Franca engloba 508 empresas e um faturamento anual de cerca de US\$ 27 bilhões (2007), respondendo por mais de 50% do PIB amazonense. É de extrema importância para a economia do estado.

(Fonte: <http://www.infoescola.com/economia/zona-franca-de-manaus>).

As informações gerais e econômicas dos sete estados que compõem a região Norte foram resumidamente descritas na **Tabela 22.1**, a seguir. Nela, podemos observar dados gerais como população e área, e alguns dados econômicos como Produto Interno Bruto (PIB), PIB *per capita* e IDH.

Vale destacar que, na análise dos dados econômicos entre os estados, o Amazonas possui o maior Produto Interno Bruto (36 bilhões de reais), seguido do Pará (28 bilhões). O maior PIB *per capita* da região também é do Amazonas (R\$ 11.103,00), e o segundo é de Rondônia (R\$ 8.533,69). Já no que se refere ao Índice de Desenvolvimento Humano, o Amapá (0,753) está em primeiro lugar, apesar de os outros estados terem um índice muito próximo.

Tabela 22.1: Dados gerais e econômicos dos estados da região Norte

	Acre (AC)	Amapá (AP)	Amazonas (AM)	
População	686.652 (estimativa de 2006)	615.715 (estimativa de 2006)	3.332.330 (estimativa de 2006)	
Área	≈ 153 mil km ²	≈ 143 mil km ²	≈ 1,571 milhão de km ²	
Produto Interno Bruto (PIB)	R\$ 2,7 bilhões (2003)	R\$ 3 bilhões (2004)	R\$ 36 bilhões (2005)	
Renda <i>per capita</i>	R\$ 4.338,00 (2003)	R\$ 6.796,00 (2004)	R\$ 11.103,00 (2005)	
IDH	0,697 (PNUD – 2004)	0,753 (PNUD – 2000)	0,713 (PNUD – 2000)	
	Pará (PA)	Rondônia (RO)	Roraima (RR)	Tocantins (TO)
População	7.110.465 (estimativa de 2006)	1.562.417 (estimativa de 2006)	391.317 (estimativa de 2005)	1.305.728 (estimativa de 2005)

Área	≈ 1.248 milhão de km ²	≈ 238 mil km ²	≈ 224 mil km ²	≈ 278 mil km ²
Produto Interno Bruto (PIB)	R\$ 28 bilhões (2003)	R\$ 13 bilhões (2003)	R\$ 1,7 bilhão (2003)	R\$ 4 bilhões (2003)
Renda <i>per capita</i>	R\$ 4.443,00 (2003)	R\$ 8.533,69 (2004)	R\$ 4.881,00 (2004)	R\$ 3.776,00 (2003)
IDH	0,723 (PNUD – 2000)	0,735 (PNUD – 2000)	0,746 (PNUD – 2000)	0,710 (PNUD – 2000)

Fonte: Dados do IBGE (www.ibge.gov.br).

O turismo na região Norte está muito relacionado ao patrimônio natural, além do cultural e do histórico. No primeiro caso, a importância do turismo deve-se ao meio ambiente, tendo em vista que na região existe o predomínio de belezas naturais específicas, como uma floresta densa e heterogênea, o clima quente e úmido e os rios extensos e caudalosos drenando terras de altitude geralmente pouco elevada.

Tendo em vista o fato de ser pouco habitada e de ter sofrido ocupação mais tardia, a região caracteriza-se por um ecossistema regional preservado, o que propicia as atividades de ecoturismo. Existe uma constante preocupação de preservação do meio ambiente da região por parte da população, do governo nacional, de instituições internacionais, entre outros.

Nesse conjunto do patrimônio natural da região Norte, em destaque está a maior floresta do mundo, a Floresta Amazônica, que atrai tanto turistas nacionais quanto estrangeiros de todo o mundo. Nesse caso, o turismo deve ser sustentável, sempre norteado pela preservação dessa beleza gigante que é a floresta.



Figura 22.1: Floresta Amazônica.

Fonte: www.fmc.am.gov.br.

Há muitos anos a Amazônia sofre com problemas de desmatamento ilegal e predatório. Madeiras instalam-se na região para cortar e vender troncos de árvores nobres, e fazendeiros provocam queimadas na floresta para ampliação de áreas de cultivo (principalmente de soja). Mecanismos governamentais tentam conter esse mal, por meio de políticas norteadas pelo **desenvolvimento sustentável**. Outro problema é a biopirataria na Floresta Amazônica: cientistas estrangeiros entram na floresta, sem autorização de autoridades brasileiras, para obter amostras de plantas ou espécies animais.

A definição mais aceita para **desenvolvimento sustentável** é aquele capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro.

Essa definição surgiu na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pelas Nações Unidas para discutir e propor meios de harmonizar dois objetivos: o desenvolvimento econômico e a conservação ambiental.

Fonte: <http://www.wwf.org.br>



A Floresta Amazônica possui uma extensão de aproximadamente 7 mil quilômetros quadrados, espalhada por territórios do Brasil, da Venezuela, da Colômbia, do Peru, da Bolívia, do Equador, do Suriname, da Guiana e da Guiana Francesa. Porém, a maior parte dela está em território brasileiro, ocupando Amazonas, Amapá, Rondônia, Acre, Pará e Roraima. Em função de sua biodiversidade e importância internacional, foi apelidada de “pulmão do mundo”.

Trata-se de uma floresta tropical fechada, formada em boa parte por árvores de grande porte. A grande maioria das espécies de animais desta floresta vive nas árvores, e eles são de pequeno e médio porte. O clima que encontramos na região desta floresta é o equatorial, com temperaturas e índice pluviométrico elevados.

Já no que se refere ao patrimônio cultural, destacamos as grandes festas do folclore e as ligadas à religião. As principais atrações são: a) o Festival Folclórico de Parintins; b) o Círio de Nazaré, em Belém(PA); c) o Sairé em Santarém(PA); d) as danças típicas – marujada, carimbó e cirandas (como sambalelé e outros). As festas folclóricas e religiosas são muito comuns e importantes na região; podemos, portanto, classificar o Norte como referência no chamado de “turismo de eventos”.



Figura 22.2: Círio de Nazaré, em Belém – PA.

Fonte: www.portal.iphan.gov.br.

O ciclo da borracha converteu as cidades amazônicas em prósperos centros econômicos e culturais e deixou herança na arquitetura com os mais belos teatros do Brasil: o Teatro Amazonas, localizado em Manaus(AM), e o Theatro da Paz, localizado em Belém(PA). Uma

mistura da arte barroca, rococó e outras, além de ser o principal símbolo do período áureo da borracha, na época em que Manaus e Belém eram as localidades mais ricas do Brasil.



Figura 22.3: Teatro Amazonas (Manaus – AM).

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/957691>

As cidades que recebem o maior número de turistas estão em um levantamento sobre a região Norte. Neste grupo constam todas as capitais dos estados e algumas outras, como destacamos a seguir:

- Manaus
- Belém
- Presidente Figueiredo
- Salinópolis
- Santarém
- Parintins
- Macapá
- Coari
- Porto Velho
- Bragança
- Parauapebas
- Palmas
- Boa Vista
- Rio Branco



Manaus foi uma das primeiras cidades brasileiras a possuir o Amazon Bus, veículo oferecido aos turistas que visitam a cidade, nos moldes de veículos turísticos que já operam em cerca de setenta cidades turísticas do exterior. O Amazon Bus percorre mais de 30 pontos turísticos manauenses, como o Teatro Amazonas e a praia da Ponta Negra. Segundo reportagem do jornal estadao.com.br:

A partir de janeiro, dois ônibus vermelhos de dois andares cruzarão Manaus durante a semana mostrando 31 pontos turísticos em dois roteiros aos visitantes. Os Amazon Bus, que custaram R\$ 1,2 milhão com patrocínio do governo federal, terão acesso com rampas a deficientes e as passagens devem custar o equivalente a US\$ 60 (ALBUQUERQUE, 2008).

No **Quadro 22.1**, a seguir, listamos os principais pontos turísticos e culturais do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Roraima, Rondônia e Tocantins. Observamos que o turismo na região Norte é bastante diversificado, contemplando o patrimônio natural, cultural e histórico.

Quadro 22.1: Principais pontos turísticos e culturais dos estados da região Norte

Acre (AC)	Amapá (AP)	Amazonas (AM)
<ul style="list-style-type: none"> - Rios, Floresta Amazônica e outras belezas naturais - Palácio Rio Branco (sede do governo) - Museu da Borracha - Horto Florestal - Lago do Amapá - Parque Ambiental Chico Mendes - Casa do Seringueiro 	<ul style="list-style-type: none"> - Belezas naturais (rios, Floresta Amazônica, cachoeiras) - Feiras de artesanato - Fortaleza de São José - Linha do Equador 	<ul style="list-style-type: none"> - Belezas naturais (florestas, rios, cachoeiras) - Teatro Amazonas - Praia da Ponta Negra - Parque do Mindu - Zoológico do Exército - Porto flutuante (Roadway) - Bosque da Ciência do INPA - Museu de Ciências Naturais (Colônia Agrícola Japonesa) - Palácio Rio Negro - Catedral de N. S. da Conceição

<ul style="list-style-type: none"> - Obelisco aos heróis da Revolução Acreana - Feiras de artesanato 	<ul style="list-style-type: none"> - Vila de Curiaú - Zôo Botânico - Porto de Santana - Museu Ângelo Costa Lima 	<ul style="list-style-type: none"> - Igreja da Matriz - Central de Artesanato Branco e Silva - Monumento à Abertura dos Portos - Museu do Seringal "Vila Paraíso" - Memorial dos Povos da Amazônia - Museu do Índio 	
Pará (PA)	Rondônia (RO)	Roraima (RR)	Tocantins (TO)
<ul style="list-style-type: none"> - Theatro da Paz (Belém) - Ilha de Marajó - Belezas naturais: Floresta Amazônica, rios, lagos e cachoeiras - Feiras de artesanato - Forte do Castelo - Igreja da Sé - Museu Emílio Goeldi - Bosque Rodrigues Alves 	<ul style="list-style-type: none"> - Floresta Amazônica - Museu da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré - Prédio do Relógio - Reserva Ecológica Lago de Cuniã - Vila do Maici - Catedral de Porto Velho - Fortaleza do Abunã - Museu Estadual de Rondônia - Parque Natural Municipal de Porto Velho 	<ul style="list-style-type: none"> - Sítio Arqueológico da Pedra Pintada - Monte Roraima - Parque Nacional de Monte Roraima - Parque Nacional do Viruá - Estação Ecológica de Maracá - Estação Ecológica de Niquiá 	<ul style="list-style-type: none"> - Cachoeira do Roncador - Morro do Governador - Bosque dos Pioneiros - Praia da Graciosa - Parque Cesamar - Reserva Ecológica do Lajeado - Trilha do Brejo da Lagoa

Fonte: <http://www.suapesquisa.com/estadosbrasileiros>.



Figura 22.4: Festival folclórico de Parintins – Boi-bumbá Garantido.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Parintins>.



Atividade

1. Leia, a seguir, o trecho de um artigo do *Anuário do Turismo* da revista *Exame* de 2007 sobre o setor de turismo no Amazonas, e analise as características do turismo no estado e os investimentos no setor destacados no artigo.

que vêm a esse estado é de fora do país, e a Floresta Amazônica e suas belezas são o principal atrativo.

Investimentos e incentivos do governo para ampliar essa demanda são fundamentais para o crescimento do turismo na região. Além do investimento privado de empresas turísticas para melhorar a infra-estrutura para receber esses turistas, como ressaltado no texto, vem ocorrendo a ampliação da rede hoteleira e de outros serviços, como cruzeiros no rio Amazonas.

Esses fatos demonstram a atenção com a diversificação da oferta de novos produtos turísticos, novos segmentos e de novas oportunidades, essenciais na estruturação e no pleno desenvolvimento do turismo na região.

Indicadores do setor de turismo em alguns estados da região Norte

Em artigos do *Anuário do Turismo* da revista *Exame*, foram descritos dados para o Amazonas e o Pará, que possuem um setor de turismo mais representativo para suas economias. Esses dados e indicadores dão uma noção da importância e do tamanho do setor para esses estados.

Primeiramente, analisando os dados do estado do Amazonas (ver **Tabela 22.2**), destacamos que, em 2005, o estado recebeu trezentos e cinquenta mil turistas, sendo que o gasto médio do turista por dia foi de R\$ 428,00. A participação do turismo no PIB do estado é de 3,2%.

Ainda observando as informações da **Tabela 22.2** sobre o perfil de turistas que visitaram o Amazonas no ano de 2005, ressaltamos que 56% tinham procedência de outros estados do Brasil e 44% de fora do país.

Os três principais atrativos turísticos do Amazonas que mais receberam turistas em 2005 foram relativos ao patrimônio cultural da região: em primeiro lugar, o Festival Folclórico de Parintins, seguido da Ciranda de Manacapuru, e o terceiro, o Festival da Canção de Itacoatiara.

No que se refere à infra-estrutura (**Tabela 22.2**), em 2006, o estado possuía três aeroportos e contabilizou um total de 4.376 vôos internacionais e 34.610 vôos nacionais. No modal rodoviário existiam 10 linhas de ônibus interestaduais e aproximadamente 15 mil quilômetros de malha rodoviária.

Tabela 22.2: Indicadores do turismo do estado do Amazonas

O tamanho da indústria	
Número de visitantes (por ano) ⁽¹⁾	350 000
Gasto per capita (em R\$ por dia) ⁽¹⁾	428
Faturamento (em R\$ milhões por ano) ⁽⁹⁾	891
Estabelecimentos ligados ao turismo ⁽³⁾	1 227
Empregados da indústria do turismo ⁽³⁾	24 178
Participação do turismo no PIB do estado (em %) ⁽¹⁾	3,2*
Investimento na promoção do turismo (em R\$ milhões por ano) ⁽⁴⁾	2
Participação da verba de fomento do turismo no orçamento do estado (em %) ⁽⁴⁾	1,3

* Estimativa baseada no faturamento

Características da rede de serviços	
Hotéis ⁽⁵⁾	50
Quartos ⁽⁵⁾	3 115
Restaurantes ⁽⁶⁾	1 353
Locadoras de automóveis que atendem o estado (número de lojas) ⁽⁷⁾	16
Frota das locadoras ⁽⁷⁾	1 990
Extensão de praia (em km) ⁽⁸⁾	0
Shopping centers ⁽⁹⁾	6
Parques temáticos ⁽¹⁰⁾	0
Teatros ⁽¹¹⁾	13

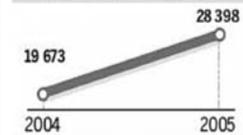
Turismo internacional	
Visitas de estrangeiros por motivo da viagem ⁽²⁾	
Lazer	



Negócios	
----------	--

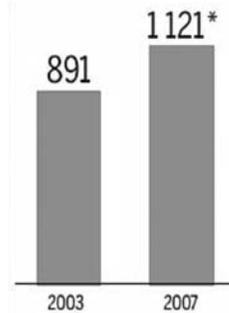


Visita a amigos ou parentes, estudos e outros motivos	
---	--



Principais turistas estrangeiros (visitantes por ano) ⁽²⁾	
1º Americanos	17 100
2º Chineses	6 800
3º Japoneses	6 600

Evolução do faturamento (em R\$ milhões) ⁽²⁾ ⁽⁹⁾



* Projeção

Perfil do turista

Procedência (em %) ⁽¹²⁾



Tempo de permanência (em %) ⁽¹²⁾

Até três dias	78
De quatro a dez dias	20
Mais de dez dias	2

Hospedagem (em %) ⁽¹⁰⁾

Hotel	93
Flat/Apart	0
Pousada	7
Imóvel próprio ou alugado	0
Casa de parentes ou amigos/Outros	0

Meio de transporte (em %) ⁽¹⁵⁾

Avião	93
Ônibus	1
Carro	2
Outros	4

Atrações turísticas

Principais (visitantes por ano) ⁽¹³⁾ ⁽¹⁴⁾

1º Festival Folclórico de Parintins	50 000
2º Ciranda de Maracápurú	50 000
3º Festival da Canção de Itacoatiara	30 000

Mais bem avaliadas pelo Guia 4 Rodas ⁽¹³⁾

1º Teatro Amazonas (Manaus)
2º Encontro das Águas (Manaus)
3º Palácio Rio Negro (Manaus)

Que serão incentivadas em 2007 ⁽²⁾

1º Roteiro Boi Bumbá (Maués, Parintins e Manaus)
2º Roteiro do Tucunaré (Manaus e Barcelos)
3º Roteiro Mamirauá (Manaus e Tefé)

Infra-estrutura

Número de vôos por ano ⁽¹⁵⁾

Internacionais	Nacionais
4 376	34 610

Aeroportos ⁽¹⁴⁾	3
Linhas de ônibus interestaduais ⁽¹⁵⁾	10
Malha rodoviária (em km) ⁽¹⁷⁾	15 083
Participação de rodovias pedagógicas em relação à malha (em %) ⁽¹⁸⁾	0

Estado de conservação das rodovias (em %) ⁽¹⁹⁾

Ótimo/Bom	4
Deficiente	26
Ruim/Péssimo	70

Indicadores de segurança

Número de homicídios (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	16,2
Número de assaltos a mão armada (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	310,1
Número de estupro (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	20,8
Número de sequestros (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	4,8
Número de ocorrências envolvendo turistas ⁽²¹⁾	ND
Número de mortes de turistas ⁽²¹⁾	1
Há delegacia de atendimento especial ao turista? ⁽²¹⁾	Não

Fontes: (1) Sec. de Turismo do estado. (2) Embratur. (3) Relatório Anual de Informações Sociais (Rais), 2005. (4) Sec. de Turismo e de Planejamento do estado. (5) Guia 4 Rodas, 2005. (6) IBGE. (7) Assoc. Bras. de Locadoras de Automóveis (Abia), 2005. (8) IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Cartografia. (9) Assoc. Bras. de Lojistas de Shopping (Abishop), 2006. (10) Assoc. das Empresas de Parques de Diversões do Brasil (Adibra), 2006. (11) Funarte, 2005. (12) Sec. de Turismo do estado/admin. local. (13) Guia 4 Rodas, 2006. (14) Infraero, 2007. (15) Infraero, 2006; inclui táxi aéreo. (16) Ag. Nac. de Transportes Terrestres (ANTT), 2006. (17) Dep. Nac. de Infra-Estrutura de Transportes (Dnit), 2005. (18) Assoc. Bras. de Concessionárias de Rodovias (ABCR), 2006. (19) Confed. Nac. do Transporte (CNT), 2006. (20) Sec. Nac. de Segurança Pública, 2005. (21) Sec. de Segurança Pública/Polícia Civil/Polícia Militar. (22) Inclui turistas do próprio estado. ND: Não disponível. Obs.: Na conversão de valores, foi utilizada a cotação de 31/12/2006 (1 dólar = 2,34 reais).

Na **Tabela 22.3** a seguir, observamos os dados do setor de turismo referentes ao estado do Pará. Destacamos que o estado, em 2005, recebeu mais de 520 mil turistas, sendo que o gasto médio do turista por dia foi de 139 reais. E a participação do turismo no PIB do estado corresponde a 2,4% do total.

Ainda no que diz respeito às informações da **Tabela 22.3** sobre o perfil de turistas que visitaram o estado do Pará em 2005, ressaltamos que 92% tinham procedência de outros estados do Brasil e que 8% vinham do exterior. Note que esse dado é bem diferente do Amazonas, em que quase a metade dos turistas são estrangeiros.

Os três principais atrativos turísticos do Pará que mais receberam turistas em 2005 foram: em primeiro lugar o Círio de Nazaré (que recebe mais de 2 milhões de pessoas por ano), seguido da Festa do Sairé e dos Jogos Indígenas.

No que se refere à infra-estrutura, em 2006, o estado possuía seis aeroportos, contabilizando 2.431 vôos internacionais e 81.756 vôos nacionais. No tocante à rede rodoviária, possuía 88 linhas de ônibus interestaduais e aproximadamente 42 mil km de malha rodoviária.

Tabela 22.3: Indicadores do turismo do estado do Pará

O tamanho da indústria		Características da rede de serviços		Turismo internacional							
Número de visitantes (por ano) ⁽¹⁾	521 000	Hotéis ⁽⁵⁾	74	Visitas de estrangeiros por motivo da viagem ⁽²⁾							
Gasto per capita (em R\$ por dia) ⁽¹⁾	139	Quartos ⁽⁵⁾	3 189	Lazer							
Faturamento (em R\$ milhões por ano) ⁽⁶⁾	710	Restaurantes ⁽⁶⁾	1 496								
Estabelecimentos ligados ao turismo ⁽³⁾	2 140	Locadoras de automóveis que atendem o estado (número de lojas) ⁽⁷⁾	68	Negócios							
Empregados da indústria do turismo ⁽³⁾	29 374	Frota das locadoras ⁽⁷⁾	4 732								
Participação do turismo no PIB do estado (em %) ⁽³⁾	2,4 *	Extensão de praia (em km) ⁽⁸⁾	562	Visita a amigos ou parentes, estudos e outros motivos							
Investimento na promoção do turismo (em R\$ milhões por ano) ⁽⁴⁾	-	Shopping centers ⁽⁹⁾	3								
Participação da verba de fomento do turismo no orçamento do estado (em %) ⁽⁴⁾	0,03	Parques temáticos ⁽¹⁰⁾	0	Principais turistas estrangeiros (visitantes por ano) ⁽²⁾							
		Teatros ⁽¹¹⁾	16	<table border="1"> <tr> <td>1ª Franceses</td> <td>7 400</td> </tr> <tr> <td>2ª Americanos</td> <td>5 300</td> </tr> <tr> <td>3ª Italianos</td> <td>3 200</td> </tr> </table>		1ª Franceses	7 400	2ª Americanos	5 300	3ª Italianos	3 200
1ª Franceses	7 400										
2ª Americanos	5 300										
3ª Italianos	3 200										
* Estimativa baseada no faturamento											

Evolução do faturamento (em R\$ milhões) ⁽⁷⁾ ⁽⁸⁾		Perfil do turista															
2003	710																
2007	899*	<table border="1"> <thead> <tr> <th>Procedência (em %) ⁽¹²⁾</th> <th>Hospedagem (em %) ⁽¹⁰⁾</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Turistas de outros estados</td> <td>92</td> </tr> <tr> <td>Turistas do exterior</td> <td>8</td> </tr> </tbody> </table>		Procedência (em %) ⁽¹²⁾	Hospedagem (em %) ⁽¹⁰⁾	Turistas de outros estados	92	Turistas do exterior	8								
Procedência (em %) ⁽¹²⁾	Hospedagem (em %) ⁽¹⁰⁾																
Turistas de outros estados	92																
Turistas do exterior	8																
		<table border="1"> <thead> <tr> <th>Tempo de permanência (em %) ⁽¹³⁾</th> <th>Meio de transporte (em %) ⁽¹⁴⁾</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Até três dias</td> <td>59</td> </tr> <tr> <td>De quatro a dez dias</td> <td>3</td> </tr> <tr> <td>Mais de dez dias</td> <td>6</td> </tr> <tr> <td></td> <td>3</td> </tr> <tr> <td></td> <td>7</td> </tr> <tr> <td></td> <td>31</td> </tr> </tbody> </table>		Tempo de permanência (em %) ⁽¹³⁾	Meio de transporte (em %) ⁽¹⁴⁾	Até três dias	59	De quatro a dez dias	3	Mais de dez dias	6		3		7		31
Tempo de permanência (em %) ⁽¹³⁾	Meio de transporte (em %) ⁽¹⁴⁾																
Até três dias	59																
De quatro a dez dias	3																
Mais de dez dias	6																
	3																
	7																
	31																

Atrações turísticas		Infra-estrutura		Indicadores de segurança	
Principais (visitantes por ano) ⁽²²⁾ ⁽²³⁾		Número de vôos por ano ⁽¹⁵⁾		Número de homicídios (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
1ª Círio de Nazaré	2 000 000	Internacionais	2 431	35	
2ª Festa Sairé	60 000	Nacionais	81 756	Número de assaltos a mão armada (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
3ª Jogos Indígenas	15 000	Aeroportos ⁽¹⁶⁾	6	647	
Mais bem avaliadas pelo Guia 4 Rodas ⁽¹³⁾		Linhas de ônibus interestaduais ⁽¹⁶⁾	88	Número de estupro (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
1ª Theatro da Paz (Belém)		Malha rodoviária (em km) ⁽¹⁷⁾	42 497	19,1	
2ª Casa das 11 Janelas (Belém)		Participação de rodovias pedagiadas em relação à malha (em %) ⁽¹⁸⁾	0	Número de seqüestros (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
3ª Mangal das Garças (Belém)		Estado de conservação das rodovias (em %) ⁽¹⁹⁾		0,04	
Que serão incentivadas em 2007 ⁽²⁾		Ótimo/Bom	10	Número de ocorrências envolvendo turistas ⁽²¹⁾	
1ª Amazônia Quilombola		Deficiente	41	314	
2ª Amazônia do Marajó		Ruim/Péssimo	49	Número de mortes de turistas ⁽²¹⁾	
3ª Tapajós: Amazônia, Selva e História				0	
				Há delegacia de atendimento especial ao turista? ⁽²¹⁾	
				Sim (1)	

Fontes: (1) Sec. de Turismo do estado. (2) Embratur. (3) Relatório Anual de Informações Sociais (Rais), 2005. (4) Sec. de Turismo e de Planejamento do estado. (5) Guia 4 Rodas, 2005. (6) IBGE. (7) Assoc. Bras. de Locadoras de Automóveis (Abia), 2005. (8) IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Cartografia. (9) Assoc. Bras. de Lojistas de Shopping (Alshop), 2006. (10) Assoc. das Empresas de Parques de Diversões do Brasil (Adibra), 2006. (11) Funarte, 2005. (12) Sec. de Turismo do estado/admin. local. (13) Guia 4 Rodas, 2006. (14) Infraero, 2007. (15) Infraero, 2006; inclui táxi aéreo. (16) Ag. Nac. de Transportes Terrestres (ANTT), 2006. (17) Dep. Nac. de Infra-Estrutura de Transportes (Dnit), 2005. (18) Assoc. Bras. de Concessionárias de Rodovias (ABCR), 2006. (19) Confed. Nac. de Transporte (CNT), 2006. (20) Sec. Nac. de Segurança Pública, 2005. (21) Sec. de Segurança Pública/Polícia Civil/Polícia Militar. (22) Inclui turistas do próprio estado. ND: Não disponível. Obs.: Na conversão de valores, foi utilizada a cotação de 31/12/2006 (1 dólar = 2,34 reais).

Fonte: Anuário do Turismo da revista Exame, 5/4/2007.

Comentário

O estado do Pará, juntamente com o do Amazonas, são os dois mais importantes do turismo na região. Contudo, possuem várias características diferentes para o setor. Uma delas diz respeito ao fato de que quase a totalidade dos turistas que visitam o Pará serem brasileiros, enquanto o Amazonas recebe um percentual alto de visitantes estrangeiros.

Como já estudamos, os investimentos na diversificação e segmentação do setor de turismo são importantes para conseguir atrair mais pessoas para visitar o estado e mais investimentos privados para o setor.

O Pará já conta com o seu principal atrativo turístico, que são as festas folclóricas e religiosas, as quais mobilizam milhões de pessoas – como o Círio de Nazaré. Agora, o estado está investindo em uma nova e interessante atração que é utilizar um potencial já existente, o das usinas hidrelétricas, como a de Tucuruí, para roteiro de pesca. Esse fato favorece o crescimento do turismo da região, assim como gera emprego e renda para a população.

Conclusão

Os estados da região Norte possuem, em geral, os piores indicadores econômicos e sociais dentre os estados brasileiros e, assim como o restante do país, caracterizados por forte concentração de renda. Reconhecidos pela pobreza de grande parte de sua população, os investimentos em um setor como o do turismo, que gera muito emprego e renda, são importantes tanto para os indicadores econômicos quanto sociais.

Atualmente, ocorrem muitos investimentos para ampliar o setor de turismo nos estados do Norte. É interessante ressaltar a preocupação em investir e diversificar o produto turístico, contribuindo para o desenvolvimento da região.

Vale destacar, além disso, que Amazonas e Pará são os que mais recebem turistas e, coincidentemente, possuem os melhores indicadores econômicos e sociais da região, além de uma melhor infra-estrutura em transportes, hotelaria e serviços diversos.

No patrimônio cultural citamos os grandes eventos folclóricos e religiosos que mobilizam milhões de pessoas, como o Festival Folclórico de Parintins; o Círio de Nazaré, em Belém; o Sairé em Santarém(PA); as danças típicas – marujada, carimbó, cirandas, entre outras. Tais eventos geram um montante de recursos que é responsável pelo sustento de várias pessoas nessas cidades.

No que se refere ao patrimônio histórico, observamos a herança na arquitetura e outras contribuições do período áureo do ciclo da borracha na região. Manaus e Belém eram consideradas as cidades mais ricas do Brasil, com destaque para o Teatro Amazonas (Manaus – AM) e o Theatro da Paz (Belém – PA), bem como vários outros museus, teatros, prédios. Recebem muitos turistas domésticos e estrangeiros.

Resumo

O turismo na região Norte tem seus principais atrativos turísticos relacionados aos patrimônios natural, cultural e histórico. Contudo, o primeiro tem uma relevância muito grande no desenvolvimento do turismo. Destacamos as belezas naturais como a Floresta Amazônica e o rio Amazonas, além de grandes rios e cachoeiras.

No patrimônio cultural destacamos os grandes eventos folclóricos e religiosos que mobilizam milhões de pessoas, como o Festival Folclórico de Parintins; o Círio de Nazaré, em Belém; o Sairé em Santarém(PA); as danças típicas, marujada, carimbó e cirandas. No tocante ao patrimônio histórico, observamos as localidades de Manaus e Belém, com destaque para o Teatro Amazonas (Manaus – AM) e o Theatro da Paz (Belém – PA), e vários outros museus, teatros, prédios.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula você estudará o desenvolvimento regional e turismo na região Nordeste do Brasil. Até lá!

23

Desenvolvimento regional e turismo no Brasil: a região Nordeste

Meta da aula

Apresentar a importância do setor de turismo para a economia da região Nordeste do Brasil.

Objetivo

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 identificar os elementos do setor de turismo que interferem no desenvolvimento econômico da região Nordeste.

Introdução

A região Nordeste do Brasil possui um papel extremamente relevante no turismo nacional, que é significativo tanto no segmento doméstico como no internacional. O imenso litoral com belas praias coloca o Nordeste entre as grandes rotas de turismo mundial. O setor é responsável por um maior percentual de participação no Produto Interno Bruto de seus estados, comparado com os de outras regiões.

Nesta aula, estudaremos o turismo na região, destacando o desenvolvimento e a importância do setor para cada um de seus estados. Descrevemos ainda os principais atrativos turísticos e analisamos alguns dos mais relevantes indicadores do setor nos estados (número de turistas, perfil, tamanho desse setor, infraestrutura, segurança e outros). Também citaremos algumas informações gerais e econômicas de cada estado.

A importância econômica do turismo na região Nordeste

A região Nordeste é a que possui maior número de estados no Brasil: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, com uma população superior a 52 milhões de habitantes, segundo dados do IBGE referentes ao ano de 2007.

Essa região possui um Índice de Desenvolvimento Humano considerado médio, de 0,720 (PNUD, 2005), e um Produto Interno Bruto de aproximadamente R\$ 281 bilhões de reais em 2005 (IBGE, 2008).

Também para 2005, o PIB *per capita* no Nordeste correspondia a R\$ 5.498,00, um dos menores das regiões brasileiras. Dois grandes problemas caracterizam essa região e contribuem para que os índices sociais e econômicos sejam baixos: a seca e a concomitante pobreza por trás dela. Esse fato pode ser especialmente observado na área denominada Polígono das Secas, tema de estudos e políticas públicas, contudo com poucos resultados

concretos de melhora. As principais metrópoles regionais são as cidades de Salvador, capital da Bahia, Recife, capital de Pernambuco, e Fortaleza, capital do Ceará.

A região do Nordeste possui um território de 1,6 milhão de km² (18,2% do território nacional). Em função das diferentes características físicas que apresenta, a região encontra-se dividida em quatro sub-regiões: Zona da Mata, Agreste, Sertão e Polígono das Secas.

A *Zona da Mata* estende-se do Rio Grande do Norte ao sul da Bahia, numa faixa litorânea de até 200km de largura. O solo dessa área é fértil, e a vegetação natural é a Mata Atlântica, já praticamente extinta e substituída por lavouras de cana-de-açúcar.

O *Agreste* é a área de transição entre a Zona da Mata e o sertão semi-árido. Nessa sub-região os terrenos mais férteis são ocupados por minifúndios, com culturas de subsistência e pecuária leiteira.

O *Sertão* é uma extensa área de clima semi-árido, nos estados do Rio Grande do Norte e Ceará. O rio São Francisco é o maior da região e única fonte perene de água e, nele, existem várias represas e usinas hidrelétricas (como a de Sobradinho e a de Paulo Afonso). Nessa área, a economia baseia-se na pecuária extensiva e no cultivo de algodão em grandes propriedades de terra.

O *Polígono das Secas* foi delimitado em 1951 para combater as secas do Nordeste. Essa área abrange praticamente todos os estados, com exceção do Maranhão e do litoral leste do Nordeste. O combate tradicional às secas vem sendo feito com a construção de açudes e a distribuição de verbas aos prefeitos.

A economia da região Nordeste baseia-se na agroindústria do açúcar e do cacau, além da exploração do petróleo e do turismo. O petróleo é explorado no litoral e na plataforma continental e processado na Refinaria Landolfo Alves, em Salvador, e no Pólo Petroquímico de Camaçari, também na Bahia (BRASIL. Ministério das Relações Exteriores, 2009).

As informações gerais e econômicas dos nove estados que compõem a região Nordeste foram resumidamente descritas na **Tabela 23.1**, a seguir. Nela, podemos observar dados gerais, como população e área, e alguns dados econômicos, como PIB, PIB *per capita* e IDH.

Vale destacar na análise dos dados econômicos que, entre os estados, a Bahia possui o maior Produto Interno Bruto (R\$ 86,9 bilhões) no ano de 2004, seguida de Pernambuco (R\$ 47,7 bilhões, também em 2004). O maior PIB *per capita* é do estado do Sergipe, com R\$ 6.782,00 em 2003, e o segundo é o da Bahia – R\$ 6.350,00 em 2005.

No que se refere ao Índice de Desenvolvimento Humano, os estados com maiores índices da região são, empatados, Pernambuco e Rio Grande do Norte: 0,705 em 2000 (PNUD, 2009).

Tabela 23.1: Dados gerais e econômicos dos estados da região Nordeste

	Alagoas (AL)	Bahia (BA)	Ceará (CE)
População	3.015.912 (estimativa 2005)	13.950.146 (estimativa 2005)	8.183.880 (estimativa 2007)
Área	≈ 28 mil km ²	≈ 1,6 milhão km ²	≈ 146 mil km ²
Produto Interno Bruto (PIB)	R\$ 11,6 bilhões (2003)	R\$ 86,9 bilhões (2004)	R\$ 33,2 bilhões (2004)
Renda per capita	R\$ 3.831 (2004)	R\$ 6.350 (2005)	R\$ 4.170 (2005)
IDH	0,649 (PNUD – 2000)	0,688 (PNUD – 2000)	0,700 (PNUD – 2000)
	Maranhão (MA)	Paraíba (PB)	Pernambuco (PE)
População	6.184.538 (estimativa 2006)	3.650.303 (estimativa 2007)	8.413.593 (estimativa 2005)
Área	≈ 332 mil km ²	≈ 56 mil km ²	≈ 98 mil km ²
Produto Interno Bruto (PIB)	R\$ 16,5 bilhões (2003)	R\$ 14,8 bilhões (2004)	R\$ 47,7 bilhões (2004)
Renda <i>per capita</i>	R\$ 2.748 (2005)	R\$ 4.165 (2004)	R\$ 5.730 (2004)
IDH	0,636 (PNUD – 2000)	0,661 (PNUD – 2000)	0,705 (PNUD – 2000)
	Piauí (PI)	Rio Grande do Norte (RN)	Sergipe (SE)
População	3.036.290 (estimativa 2005)	3.003.087 (estimativa 2005)	1.967.791 (estimativa 2005)
Área	≈ 252 mil km ²	≈ 53 mil km ²	≈ 22 mil km ²
Produto Interno Bruto (PIB)	R\$ 7,3 bilhões (2003)	R\$ 13,9 bilhões (2003)	R\$ 11,7 bilhões (2003)
Renda <i>per capita</i>	R\$ 2.892 (2004)	R\$ 5.967 (2004)	R\$ 6.782 (2003)
IDH	0,673 (PNUD – 2000)	0,705 (PNUD – 2000)	0,682 (PNUD – 2000)

(PNUD - 2000)

Fonte: www.ibge.gov.br.

Diversidade no turismo no Nordeste: patrimônio natural, cultural e histórico

O setor de turismo possui um grande potencial de desenvolvimento na região Nordeste, sendo caracterizado por um imenso litoral com belas praias, que são somente comparadas às do Caribe. A região está entre as grandes rotas de turismo no mundo e recebe milhões de turistas estrangeiros e de outros estados do Brasil.



Figura 23.1: Lagoa do Paraíso – Jericoacoara (CE).
Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/286318>.

Os dados do turismo no Nordeste demonstram que ele vem crescendo consideravelmente nos últimos anos, pois há algum tempo os estados vêm investindo intensamente na melhoria da infra-estrutura e na criação de novos pólos turísticos. Você verá exemplos desses investimentos nas Atividades 1 e 2 propostas nesta aula.

O turismo no Nordeste possui como principal atrativo o patrimônio natural, mas o cultural e histórico também tem sua importância. Sobre as maravilhas naturais observamos as belíssimas praias, ilhas, arquipélagos, dunas, rios, manguezais, lagoas, formações rochosas, serras, enfim, um conjunto de atrativos encontrados em cada um dos estados. Destacamos a seguir alguns inúmeros lugares desse patrimônio natural da região.



Figura 23.2: Fernando de Noronha (PE).
<http://www.sxc.hu/photo/499501>

O arquipélago de Fernando de Noronha, com suas ilhas e praias de águas límpidas e cristalinas, também está ganhando destaque nacional e mundial. Nas ilhas é possível avistar os golfinhos rotadores, que são uma atração à parte.



Fernando de Noronha é um arquipélago pertencente ao estado de Pernambuco, formado por 21 ilhas e ilhotas, ocupando uma área de 26km², situado no oceano Atlântico. Constitui um distrito estadual de Pernambuco desde 1988, quando deixou de ser um território federal, e é gerido por um administrador-geral designado pelo governo do estado.

A ilha principal tem 17km² e fica a 545km de Recife e a 360km de Natal. Atualmente, possui mais de 3 mil habitantes (dados do IBGE, 2008). Em 1988, a maior parte do arquipélago foi declarada Parque Nacional, com cerca de 8km², para a proteção das espécies endêmicas lá existentes e da área de concentração dos golfinhos rotadores (*Stenella longirostris*), que lá se reúnem diariamente na baía dos Golfinhos – o lugar de observação mais regular da espécie em todo o planeta.

Antes de se tornar o paraíso turístico e ecológico dos dias atuais, o arquipélago foi local de detenção de condenados enviados a cumprir pena no presídio ali existente, que funcionou de 1737 a 1942, sendo de 1938 em diante apenas para presos políticos do Estado Novo.

Fonte: www.noronha.pe.gov.br.

Outro lugar de destaque no Nordeste são os Lençóis Maranhenses, um complexo de dunas, rios, lagoas e manguezais localizado no litoral do Maranhão. Destacamos ademais, no estado do Piauí, os parques nacionais das Sete Cidades, da serra das Confusões e da serra da Capivara, com formação rochosa e belas pinturas rupestres. Além disso, seu litoral possui o magnífico delta do Parnaíba.



Figura 23.3: Lençóis Maranhenses.
<http://www.sxc.hu/photo/54282>



Os Lençóis Maranhenses localizam-se no Pólo Parque dos Lençóis, no litoral oriental do Maranhão, envolvendo os municípios de Humberto de Campos, Primeira Cruz, Santo Amaro e Barreirinhas. Seu maior atrativo é o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, belo e intrigante fenômeno da natureza, que tem no município de Barreirinhas seu principal portão de entrada.

O Parque Nacional dos Lençóis é um paraíso ecológico com 155 mil hectares de dunas, rios, lagoas e manguezais. É caracterizado como um raro fenômeno geológico que foi formado ao longo de milhares de anos por meio da ação da natureza. Suas paisagens são deslumbrantes: imensidões de areias que fazem o lugar assemelhar-se a um deserto, mas com características bem diferenciadas. Na verdade, chove na região, que é banhada por rios, e as águas pluviais formam lagoas que se espalham em praticamente toda a área do parque, formando uma paisagem inigualável.

Fonte: <http://www.turismo.ma.gov.br/pt/polos/lencois/index.html>.

No que diz respeito ao *patrimônio cultural* na região, ressaltamos que este atrai um grande número de turistas, pois todos os estados têm folguedos e tradições diferentes. Olinda, em Pernambuco, São Luís, no Maranhão, e o Pelourinho, em Salvador, são os grandes atrativos histórico-culturais da região, sendo considerados Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco.



Figura 23.4: Sé ou Catedral de Olinda: Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela Unesco, em 1982. Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/906637>.

O turismo religioso vem crescendo cada vez mais na região, com as romarias, festas religiosas e datas comemorativas, destacando-se os municípios de Juazeiro do Norte (CE) (Padre Cícero), Bom Jesus da Lapa (BA) e Canindé (CE).

A tendência atual do setor de turismo de preocupação com o meio ambiente fez surgir o ecoturismo, ainda pouco explorado no Nordeste mas com grande potencialidade. Dentre os roteiros estão as trilhas da Mata Atlântica e a serra da Capivara, no Piauí, esta que é um dos principais parques arqueológicos do país.

No **Quadro 23.1**, a seguir, listamos os principais pontos turísticos e culturais de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Assim, observamos que o turismo na região Nordeste é bastante diversificado, contemplando o patrimônio natural, cultural e histórico.

Quadro 23.1: Principais pontos turísticos e culturais dos estados da região Nordeste

Alagoas (AL)	Bahia (BA)	Ceará (CE)
<ul style="list-style-type: none"> – Praias: Ponta Verde, Pajuçara e Jaraguá – Museu Pierre Chalita – Museu Théo Brandão – MISA - Museu da Imagem e do Som – Catedral Metropolitana – Teatro Deodoro – Igreja de Nossa Senhora do Livramento 	<ul style="list-style-type: none"> – Museu Afro-Brasileiro – Fundação Casa de Jorge Amado – Museu Geográfico da Bahia – Elevador Lacerda (Salvador) – Farol da Barra – Praias de Porto Seguro – Pelourinho – Mercado Modelo – Igreja do Nosso Senhor do Bonfim – Museu de Arte Moderna da Bahia – Parque das Dunas 	<ul style="list-style-type: none"> – Casa José de Alencar – Museu da Imagem e do Som do Ceará – Memorial da Cultura Cearense – Pinacoteca Floriano Teixeira – Museu das Secas – Jericoacoara – Floresta Nacional do Arararipe – Juazeiro do Norte e Canindé (turismo religioso) – Parque Nacional de Ubajara
Maranhão (MA)	Paraíba (PB)	Pernambuco (PE)
<ul style="list-style-type: none"> – Chapada das Mesas – Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses – Floresta dos Guarás – Centro Histórico de São Luís – Festa do Divino – Palácio dos Leões (sede do governo) 	<ul style="list-style-type: none"> – Parque do Povo – Praias – Pedra do Cordeiro – Área de Proteção Ambiental das Onças – Estação Ecológica do Pau-Brasil – Jardim Botânico Benjamim Maranhão (Mata do Buraquinho) – Monumento Natural Vale dos Dinossauros – Parque Arruda Câmara (Bica) 	<ul style="list-style-type: none"> – Praia da Boa Viagem – Praia de Muro Alto – Arquipélago de Fernando de Noronha – Porto de Galinhas (praias) – Ilha de Itamaracá – Ateliê de artes cerâmicas de Francisco Brennand – Bairro do Recife Antigo – Paço Alfândega Shopping – Olinda - Patrimônio Histórico da Humanidade – Casa da Cultura

	<ul style="list-style-type: none"> – Parque Estadual do Aratu (Mata do Aratu) – Parque Estadual Pedra da Boca – Reserva Biológica Guaribas – Reserva Ecológica Mata do Rio Vermelho 	<ul style="list-style-type: none"> – Cuba do Capibaribe - Espaço Cultural no Paço Alfândega
Piauí (PI)	Rio Grande do Norte (RN)	Sergipe (SE)
<ul style="list-style-type: none"> – Teatro 4 de Setembro – Igreja Nossa Senhora de Lourdes – Museu Histórico – Palácio de Karnak – Parque Ambiental Encontro dos Rios – Igreja de São Benedito – Parque da Cidade – Parque Ambiental de Teresina – Parque Municipal de Aca- rapé 	<ul style="list-style-type: none"> – Praia de Ponta Negra (Natal) – Catedral de Santa Luzia (Mossoró) – Praia de Tibau – Pico do Cabuji – Forte dos Reis Magos (Natal) – Estátuas dos Reis Magos (Natal) – Museu Câmara Cascudo (Natal) – Centro de Turismo de Natal 	<ul style="list-style-type: none"> – Praia de Atalaia – Praia de Pirambu – Cidade Histórica de São Cristóvão – Cidade Histórica de Laran- jeiras – Passeios de barco no Rio São Francisco – Mercado Antônio Franco – Praça Fausto Cardoso – Palácio Olímpio Campos – Ponte do Imperador

Fonte: <http://www.suapesquisa.com/estadosbrasileiros>.



Atividade

1. Leia, a seguir, o trecho de um artigo do Anuário de Turismo Exame de 2007 sobre o setor de turismo na Bahia. Destaque quais as principais estratégias de investimentos no turismo adotadas nesse estado atualmente e identifique sua importância para o desenvolvimento da região.

Nesse artigo, intitulado de “Já ouviu falar na Costa do Cacau? Com os pólos de Salvador e Porto Seguro já consolidados, o desafio é promover novos destinos”, são destacados o desenvolvimento e o processo de profissionalização do setor no estado a partir da década de 1980. Um demonstrativo dos bons resultados dessa política são as vendas da CVC (operadora de viagens): do total de pacotes comercializados em 2006, a Bahia foi o destino de 18% dos clientes (270.000 turistas). Os investimentos em infra-estrutura do governo estadual estão direcionados para a promoção de (novas) regiões no estado em que o turismo ainda não está consolidado, como se lê no trecho a seguir:



Figura 23.5: Praia do Resende em Itacaré (BA).

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/967448>.

Indicadores do setor de turismo em alguns estados da região Nordeste

Em artigos do *Anuário de Turismo* da Revista *Exame* de 2007 foram descritos dados do setor de turismo para a Bahia e o Ceará. Tais dados e indicadores dão uma noção da importância e do tamanho do setor para esses estados.

Primeiramente, analisando os dados da Bahia (ver **Tabela 23.2**), destacamos que esse estado recebeu mais de 5,6 milhões de turistas no ano de 2005. Esse número demonstra a importância do setor para a economia do estado.

A Bahia é um dos estados brasileiros que mais recebem turistas anualmente, atrás apenas de Rio de Janeiro e São Paulo. Ademais, o gasto médio do turista por dia foi de R\$ 63,00. Já a participação do turismo no PIB do estado foi de

7,8%, número bastante significativo.

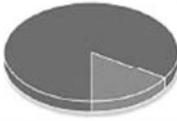
Ainda observando as informações da **Tabela 23.2** sobre o perfil de turistas que visitaram o estado da Bahia no ano de 2005, ressaltamos que 86% tinham procedência de outros estados do Brasil e 14% vinham de fora do país.

Os três principais atrativos turísticos da Bahia e que mais receberam turistas em 2005 foram: em primeiro lugar a cidade de Salvador, com mais de 2,2 milhões de visitantes, seguida de Porto Seguro, com mais de 1,2 milhão, e Morro de São Paulo, com 122.000 turistas.

No que se refere à infra-estrutura, observamos na **Tabela 23.2** que o estado da Bahia possui três aeroportos e contabilizou, em 2006, 3.998 vôos internacionais e 98.824 vôos nacionais. No mesmo ano, operavam 288 linhas de ônibus interestaduais em aproximadamente 139 mil quilômetros de malha rodoviária.

Tabela 23.2: Indicadores do turismo do estado da Bahia

O tamanho da indústria		Características da rede de serviços		Turismo internacional	
Número de visitantes (por ano) ⁽¹⁾	5 635 000	Hotéis ⁽²⁾	724	Visitas de estrangeiros por motivo da viagem ⁽²⁾	
Gasto per capita (em R\$ por dia) ⁽¹⁾	63	Quartos ⁽⁵⁾	23 285	Lazer	
Faturamento (em R\$ milhões por ano) ⁽⁶⁾	3 008	Restaurantes ⁽⁶⁾	10 225	418 490	
Estabelecimentos ligados ao turismo ⁽³⁾	9 175	Locadoras de automóveis que atendem o estado (número de lojas)	183	368 749	
Empregados da indústria do turismo ⁽³⁾	94 611	Frota das locadoras ⁽⁷⁾	9 500	2004	
Participação do turismo no PIB do estado (em %) ⁽⁴⁾	7,77	Extensão de praia (em km) ⁽⁸⁾	932	2005	
Investimento na promoção do turismo (em R\$ milhões por ano) ⁽⁴⁾	3,5	Shopping centers ⁽⁹⁾	29	Negócios	
Participação da verba de fomento do turismo no orçamento do estado (em %) ⁽⁴⁾	0,31	Parques temáticos ⁽¹⁰⁾	4	71 541	
		Teatros ⁽¹¹⁾	60	54 573	
				2004	
				2005	
				Visita a amigos ou parentes, estudos e outros motivos	
				117 853	
				100 553	
				2004	
				2005	
				Principais turistas estrangeiros (visitantes por ano) ⁽²⁾	
				1ª Italianos 121 000	
				2ª Portugueses 99 000	
				3ª Espanhóis 90 000	

Evolução do faturamento (em R\$ milhões) ⁽²⁾ ⁽⁹⁾		Perfil do turista													
2003	3 008	Procedência (em %) ⁽¹²⁾													
2007	3 798*														
		<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Hospedagem (em %) ⁽¹⁰⁾</th> </tr> </thead> <tbody> <tr><td>Hotel</td><td>36</td></tr> <tr><td>Flat/Apart</td><td>7</td></tr> <tr><td>Pousada</td><td>2</td></tr> <tr><td>Imóvel próprio ou alugado</td><td>9</td></tr> <tr><td>Casa de parentes ou amigos/Outros</td><td>46</td></tr> </tbody> </table>		Hospedagem (em %) ⁽¹⁰⁾		Hotel	36	Flat/Apart	7	Pousada	2	Imóvel próprio ou alugado	9	Casa de parentes ou amigos/Outros	46
Hospedagem (em %) ⁽¹⁰⁾															
Hotel	36														
Flat/Apart	7														
Pousada	2														
Imóvel próprio ou alugado	9														
Casa de parentes ou amigos/Outros	46														
		<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Meio de transporte (em %) ⁽¹⁰⁾</th> </tr> </thead> <tbody> <tr><td>Avião</td><td>84</td></tr> <tr><td>Ônibus</td><td>11</td></tr> <tr><td>Carro</td><td>5</td></tr> <tr><td>Outros</td><td>0</td></tr> </tbody> </table>		Meio de transporte (em %) ⁽¹⁰⁾		Avião	84	Ônibus	11	Carro	5	Outros	0		
Meio de transporte (em %) ⁽¹⁰⁾															
Avião	84														
Ônibus	11														
Carro	5														
Outros	0														
		<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Tempo de permanência (em %) ⁽¹⁰⁾</th> </tr> </thead> <tbody> <tr><td>Até três dias</td><td>39</td></tr> <tr><td>De quatro a dez dias</td><td>51</td></tr> <tr><td>Mais de dez dias</td><td>10</td></tr> </tbody> </table>		Tempo de permanência (em %) ⁽¹⁰⁾		Até três dias	39	De quatro a dez dias	51	Mais de dez dias	10				
Tempo de permanência (em %) ⁽¹⁰⁾															
Até três dias	39														
De quatro a dez dias	51														
Mais de dez dias	10														
		<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Turistas de outros estados</th> </tr> </thead> <tbody> <tr><td>Turistas de outros estados</td><td>86</td></tr> <tr><td>Turistas do exterior</td><td>14</td></tr> </tbody> </table>		Turistas de outros estados		Turistas de outros estados	86	Turistas do exterior	14						
Turistas de outros estados															
Turistas de outros estados	86														
Turistas do exterior	14														

Atrações turísticas		Infra-estrutura		Indicadores de segurança	
Principais (visitantes por ano) ⁽¹²⁾ ⁽²²⁾		Número de vôos por ano ⁽¹³⁾		Número de homicídios (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
1ª Salvador	2 280 000	Internacionais	Nacionais	22,6	
2ª Porto Seguro	1 200 000	3 998	98 824	Número de assaltos a mão armada (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
3ª Morro de São Paulo	122 000	Aeroportos ⁽¹⁴⁾	3	421,7	
Mais bem avaliadas pelo Guia 4 Rodas ⁽¹³⁾		Linhas de ônibus interestaduais ⁽¹⁵⁾		Número de estupros (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
1ª Parque Nacional da Chapada Diamantina		288		16,8	
2ª Praia do Espelho e Curuípe (Praia do Espelho)		Malha rodoviária (em km) ⁽¹⁷⁾		Número de seqüestros (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
3ª Convento de São Francisco (Salvador)		138 642		0,17	
Que serão incentivadas em 2007 ⁽²¹⁾		Participação de rodovias pedagiadas em relação à malha (em %) ⁽¹⁸⁾		Número de ocorrências envolvendo turistas ⁽²¹⁾	
1ª Parque Nacional Chapada Diamantina		0,15		657	
2ª Roteiro Integrado Costa do Dendê		Estado de conservação das rodovias (em %) ⁽¹⁹⁾		Número de mortes de turistas ⁽²¹⁾	
3ª Roteiro Integrado Salvador e Costa dos Coqueiros		Ótimo/Bom		0	
		11		Há delegacia de atendimento especial ao turista? ⁽²¹⁾	
		Deficiente		Sim (5)	
		41			
		Ruim/Péssimo			
		48			

Fontes: (1) Sec. de Turismo do estado. (2) Embratur. (3) Relação Anual de Informações Sociais (Rais), 2005. (4) Sec. de Turismo e de Planejamento do estado. (5) Guia 4 Rodas, 2005. (6) IBGE. (7) Assoc. Bras. de Locadoras de Automóveis (Abia), 2005. (8) IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Cartografia. (9) Assoc. Bras. de Lojistas de Shopping (Alishop), 2006. (10) Assoc. das Empresas de Parques e Diversões do Brasil (Adibra), 2005. (11) Funarte, 2005. (12) Sec. de Turismo do estado/admin. local. (13) Guia 4 Rodas, 2006. (14) Infraero, 2007. (15) Infraero, 2006; inclui táxi aéreo. (16) Ag. Nac. de Transportes Terrestres (ANTT), 2006. (17) Dep. Nac. de Infra-Estrutura de Transportes (Dnit), 2005. (18) Assoc. Bras. de Concessionárias de Rodovias (ABCR), 2006. (19) Confed. Nac. do Transporte (CNT), 2006. (20) Sec. Nac. de Segurança Pública, 2005. (21) Sec. de Segurança Pública/Polícia Civil/Polícia Militar. (22) Incluir turistas do próprio estado. N.D.: Não disponível. Obs.: Na conversão de valores, foi utilizada a cotação de 31/12/2006 (1 dólar = 2,34 reais).

Fonte: Vivas (2007).

Na **Tabela 23.3** a seguir, observamos os dados do setor de turismo referentes ao Ceará. Destacamos que o estado recebeu 1,97 milhão de turistas em 2005, sendo que o gasto médio do turista por dia foi de R\$ 113,00. Já a participação do turismo no PIB do estado corresponde a 11,8% do total, um valor bem alto, e representa a importância do turismo para a economia do estado.

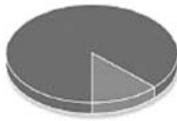
Ainda no que diz respeito às informações da **Tabela 23.3** sobre o perfil de turistas que visitaram o Ceará em 2005, ressaltamos que 87% tinham procedência de outros estados do Brasil e que 13% vinham do exterior.

Os três principais atrativos turísticos do Ceará e que mais receberam turistas em 2005 foram Beach Park, com 510 mil visitantes, seguido por Canoa Quebrada e Jericoacoara.

No que se refere à infra-estrutura, o Ceará possui dois aeroportos. Em 2006 o estado contabilizou 3.561 vôos internacionais e 46.565 vôos nacionais. No mesmo ano, 129 linhas de ônibus interestaduais operavam em aproximadamente 42 mil quilômetros de malha rodoviária.

Tabela 23.3: Indicadores do turismo do estado do Ceará

O tamanho da indústria		Características da rede de serviços		Turismo internacional	
Número de visitantes (por ano) ⁽¹⁾	1 968 000	Hotéis ⁽⁵⁾	225	Visitas de estrangeiros por motivo da viagem ⁽²⁾	
Gasto per capita (em R\$ por dia) ⁽¹⁾	113	Quartos ⁽⁵⁾	10 129	Lazer	
Faturamento (em R\$ milhões por ano) ⁽⁶⁾	1 182	Restaurantes ⁽⁶⁾	5 744	171 290	
Estabelecimentos ligados ao turismo ⁽²⁾	4 113	Locadoras de automóveis que atendem o estado (número de lojas)	51	162 746	
Empregados da indústria do turismo ⁽²⁾	43 228	Frota das locadoras ⁽⁷⁾	3 510	2004	
Participação do turismo no PIB do estado (em %) ⁽⁴⁾	11,8	Extensão de praia (em km) ⁽⁸⁾	573	2005	
Investimento na promoção do turismo (em R\$ milhões por ano) ⁽⁴⁾	22	Shopping centers ⁽⁹⁾	20	Negócios	
Participação da verba de fomento do turismo no orçamento do estado (em %) ⁽⁴⁾	0,25	Parques temáticos ⁽¹⁰⁾	2	34 395	
		Teatros ⁽¹¹⁾	29	26 507	
				2004	
				2005	
				Visita a amigos ou parentes, estudos e outros motivos	
				53 555	
				52 537	
				2004	
				2005	
				Principais turistas estrangeiros (visitantes por ano) ⁽²⁾	
				1ª Portugueses 61 000	
				2ª Italianos 38 500	
				3ª Franceses 18 300	

Evolução do faturamento (em R\$ milhões) ^{(2) (6)}		Perfil do turista													
2003	1 182	Procedência (em %) ⁽¹²⁾													
2007	1 495*														
		<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Hospedagem (em %) ⁽¹³⁾</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Hotel</td> <td>35</td> </tr> <tr> <td>Flat/Apart</td> <td>2</td> </tr> <tr> <td>Pousada</td> <td>17</td> </tr> <tr> <td>Imóvel próprio ou alugado</td> <td>6</td> </tr> <tr> <td>Casa de parentes ou amigos/Outros</td> <td>40</td> </tr> </tbody> </table>		Hospedagem (em %) ⁽¹³⁾		Hotel	35	Flat/Apart	2	Pousada	17	Imóvel próprio ou alugado	6	Casa de parentes ou amigos/Outros	40
Hospedagem (em %) ⁽¹³⁾															
Hotel	35														
Flat/Apart	2														
Pousada	17														
Imóvel próprio ou alugado	6														
Casa de parentes ou amigos/Outros	40														
		<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Meio de transporte (em %) ⁽¹⁴⁾</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Avião</td> <td>67</td> </tr> <tr> <td>Ônibus</td> <td>23</td> </tr> <tr> <td>Carro</td> <td>8</td> </tr> <tr> <td>Outros</td> <td>2</td> </tr> </tbody> </table>		Meio de transporte (em %) ⁽¹⁴⁾		Avião	67	Ônibus	23	Carro	8	Outros	2		
Meio de transporte (em %) ⁽¹⁴⁾															
Avião	67														
Ônibus	23														
Carro	8														
Outros	2														
		<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Tempo de permanência (em %) ⁽¹⁵⁾</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Até três dias</td> <td>18</td> </tr> <tr> <td>De quatro a dez dias</td> <td>56</td> </tr> <tr> <td>Mais de dez dias</td> <td>26</td> </tr> </tbody> </table>		Tempo de permanência (em %) ⁽¹⁵⁾		Até três dias	18	De quatro a dez dias	56	Mais de dez dias	26				
Tempo de permanência (em %) ⁽¹⁵⁾															
Até três dias	18														
De quatro a dez dias	56														
Mais de dez dias	26														

* Projeção

Atrações turísticas		Infra-estrutura		Indicadores de segurança	
Principais (visitantes por ano) ⁽¹²⁾⁽¹²⁾		Número de vôos por ano ⁽¹³⁾		Número de homicídios (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
1ª Beach Park	510 000	Internacionais	3 561	20,2	
2ª Canoa Quebrada	170 000	Nacionais	46 565	Número de assaltos a mão armada (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
3ª Jericoacoara	100 000	Aeroportos ⁽¹⁴⁾	2	898	
Mais bem avaliadas pelo Guia 4 Rodas ⁽¹³⁾		Linhas de ônibus interestaduais ⁽¹⁵⁾	129	Número de estupro (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
1ª Beach Park (Aquiraz)		Malha rodoviária (em km) ⁽¹⁷⁾	54 090	10,5	
2ª Centro Cultural Dragão do Mar (Fortaleza)		Participação de rodovias pedagiadas em relação à malha (em %) ⁽¹⁸⁾	0	Número de seqüestros (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
3ª Praia de Jericoacoara (Jericoacoara)		Estado de conservação das rodovias (em %) ⁽¹⁹⁾		0,17	
Que serão incentivadas em 2007 ⁽²⁾		Ótimo/Bom	15	Número de ocorrências envolvendo turistas ⁽²¹⁾	
1ª Costa do Sol Nascente (litoral leste e Fortaleza)		Deficiente	40	1 021	
2ª Costa do Sol Poente (litoral oeste, Vale do Curu etc.)		Ruim/Péssimo	45	Número de mortes de turistas ⁽²¹⁾	
3ª Cariri do Ceará				1	
				Há delegacia de atendimento especial ao turista? ⁽²¹⁾	
				Sim (1)	

Fontes: (1) Sec. de Turismo do estado. (2) Embratur. (3) Relatório Anual de Informações Sociais (Rais), 2005. (4) Sec. de Turismo e de Planejamento do estado. (5) Guia 4 Rodas, 2005. (6) IBGE. (7) Assoc. Bras. de Locadoras de Automóveis (Abia), 2005. (8) IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Cartografia. (9) Assoc. Bras. de Lojistas de Shopping (Abishop), 2006. (10) Assoc. das Empresas de Parques de Diversões do Brasil (Adibra), 2006. (11) Funarte, 2005. (12) Sec. de Turismo do estado/admin.local. (13) Guia 4 Rodas, 2006. (14) Infraero, 2007. (15) Infraero, 2006; inclui táxi aéreo. (16) Ag. Nac. de Transportes Terrestres (ANTT), 2006. (17) Dep. Nac. de Infra-Estrutura de Transportes (Dnit), 2005. (18) Assoc. Bras. de Concessionárias de Rodovias (ABCR), 2006. (19) Confed. Nac. de Transporte (CNT), 2006. (20) Sec. Nac. de Segurança Pública, 2005. (21) Sec. de Segurança Pública/Polícia Civil/Polícia Militar. (22) Incluir turistas do próprio estado. ND: Não disponível. Obs.: Na conversão de valores, foi utilizada a cotação de 31/12/2006 (1 dólar = 2,14 reais).

Fonte: Goldgrub (2007).

Comentário

Destaca-se no artigo que a forte expansão da indústria local de turismo nos últimos anos ajudou a transformar o Ceará num pólo de atração de investimentos de empresas nacionais e estrangeiras. O investimento público e privado é um fator importante para manter e aumentar a importância do setor no estado; contudo, ter uma infra-estrutura, especialmente em transporte, para fomentar esse crescimento, é essencial.

Nesse sentido, o artigo ressalta ainda os investimentos governamentais previstos para o melhoramento e a ampliação da infra-estrutura dos aeroportos, que são a porta de entrada de grande parte dos turistas e a primeira impressão destes com o local. O aeroporto Pinto Martins é o principal do estado e merece especial atenção, como destaca o artigo.

Existe ainda investimento com o objetivo de expandir a rede hoteleira, com a previsão de quatro grandes hotéis para o Ceará, de empresas multinacionais, especialmente portuguesas. Todos esses investimentos favorecem e fomentam o crescimento do turismo no estado.

Conclusão

O Nordeste é a região do país em que o setor de turismo possui uma maior relevância para a economia local, sendo responsável por um maior percentual de participação no Produto Interno Bruto em todos os seus estados. O imenso litoral com belas praias coloca o Nordeste entre as grandes rotas do turismo mundial; também é referência e principal destino no fluxo do turismo doméstico no país.

Os estados nordestinos, no geral, possuem indicadores econômicos menores que os do Sul e os do Sudeste e são caracterizados por forte concentração de renda. Reconhecidos pela pobreza de grande parte de sua população, os investimentos estratégicos em um setor como o de turismo podem gerar um maior número de postos de trabalho e, conseqüentemente, maior renda na região.

Bahia, Ceará e Pernambuco são os estados que mais recebem turistas e coincidentemente possuem os melhores indicadores econômicos e sociais da região, além de uma melhor infra-estrutura em transportes e hotelaria.

O turismo no Nordeste possui como principal norte o patrimônio natural. A região é caracterizada por um imenso litoral com belas praias, além de ilhas, manguezais, dunas e outros. Existem ademais importantes atrativos no patrimônio cultural e histórico: a cidade de Olinda (PE), São Luís (MA) e o Pelourinho, em Salvador (BA), festas folclóricas, religiosas, com as romarias, e outros.

Resumo

O turismo no Nordeste possui uma diversidade de atrativos turísticos especialmente em três âmbitos: patrimônio natural, cultural e histórico. No que se refere ao patrimônio natural, a região é caracterizada por um imenso litoral com belas praias, além de ilhas, manguezais, dunas e outros. Destacam-se como principais atrativos o arquipélago de Fernando de Noronha (PE), os Lençóis Maranhenses (MA), os parques nacionais das Sete Cidades, da serra das Confusões e da serra da Capivara, o delta do Parnaíba (PI) e muitos outros.

Como atrativos no patrimônio cultural e histórico tem-se as cidades de Olinda (PE), São Luís (MA) e o Pelourinho, em Salvador (BA), que são Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco. Além das festas folclóricas, religiosas, com as romarias, especialmente nos municípios de Juazeiro do Norte (CE), Bom Jesus da Lapa (BA) e Canindé (CE).

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, você estudará o desenvolvimento regional e o turismo na região Centro-Oeste do Brasil. Até lá!

24

Desenvolvimento regional e turismo no Brasil: a região Centro-Oeste

Meta da aula

Apresentar a importância do setor de turismo para a economia da região Centro-Oeste do Brasil.

Objetivo

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 identificar elementos do setor de turismo que interferem no desenvolvimento econômico da região Centro-Oeste.

Introdução

Nesta aula, estudaremos o setor de turismo na região Centro-Oeste do país, destacando o desenvolvimento e a importância desse setor para cada um dos três estados que a compõem e para o Distrito Federal.

O Centro-Oeste possui um grande território, sendo a segunda maior região do Brasil em superfície territorial; por outro lado, é a menos populosa do país. É uma região de contrastes, onde o velho local dos bandeirantes em busca de terras férteis se encontra com o novo, Brasília, a capital do país. Um cenário formado por cavernas, fauna e flora exuberantes e pelo Pantanal.

Descreveremos aqui os principais atrativos turísticos e analisaremos alguns dos mais relevantes indicadores do setor nos estados (número de turistas, perfil, tamanho desse setor, infra-estrutura, segurança e outros). Também citaremos algumas informações econômicas e sociais de cada um dos estados.

A importância econômica do turismo na região Centro-Oeste

A região Centro-Oeste do Brasil é formada por três estados – Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul – e pelo Distrito Federal, totalizando uma população de mais de 13,2 milhões de habitantes, segundo dados do IBGE, tendo como base o ano de 2006.

Essa região possui um Índice de Desenvolvimento Humano considerado alto: 0,815 em 2005 (PNUD, 2009), e no mesmo ano, um Produto Interno Bruto de aproximadamente 190 bilhões de reais (IBGE, 2008). Também em 2005, o PIB *per capita* correspondia a R\$ 14.604,00.

A região Centro-Oeste ocupa 18,86% do território brasileiro, numa área de aproximadamente 1,6 milhão de km². Localizada no extenso planalto Central, seu relevo caracteriza-se pela predominância de terrenos antigos e aplainados pela erosão, que

deu origem a chapadões. Na parte oeste do estado de Mato Grosso do Sul e no sudoeste do estado de Mato Grosso encontra-se a depressão do Pantanal mato-grossense, cortada pelo rio Paraguai e sujeita a cheias durante parte do ano. A vegetação do Pantanal é extremamente variada, e sua fauna, de uma riqueza muito grande. Já na região de planalto, predomina a vegetação de cerrado. O clima da região é tropical semi-úmido, com frequentes chuvas de verão.



Figura 24.1: Pantanal.
Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/771936>.

A economia da região Centro-Oeste baseou-se inicialmente na exploração de garimpos de ouro e diamantes e foi, gradativamente, sendo substituída pela pecuária. A transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília, em 1960, e a construção de ferrovias que facilitaram o acesso em direção ao oeste aceleraram o povoamento da região, contribuindo para o

seu desenvolvimento. Encontram-se nessa região as maiores reservas de manganês do país, localizadas no maciço do Urucum, no Pantanal. Tais reservas ainda são pouco exploradas (BRASIL. Ministério das Relações Exteriores, 2009).

As informações econômicas dos três estados e um distrito federal que compõem a região Centro-Oeste são resumidamente descritas na **Tabela 24.1**, a seguir. Nela podemos observar dados gerais, como população e área, e alguns dados econômicos, como PIB, PIB *per capita* e IDH.

Vale destacar na análise dos dados econômicos e sociais que Goiás possui o maior Produto Interno Bruto (R\$ 46 bilhões) em 2005, seguido do Distrito Federal (44 bilhões). O maior PIB *per capita* é do Distrito Federal, com R\$ 19.071,29, em 2005, e o segundo é do Mato Grosso, com R\$ 10.162,00, no mesmo ano.

No que se refere ao Índice de Desenvolvimento Humano, o Distrito Federal é o que possui o maior da região, com 0,849, dado de 2000 (PNUD, 2009), um bom indicador se comparado a países do primeiro mundo.

Tabela 24.1: Dados gerais e econômicos dos três estados e um distrito federal da região Centro-Oeste

	Goiás (GO)	Mato Grosso (MT)
População	5.619.917 (estimativa de 2005)	2.854.456 (estimativa de 2007)
Área	≈ 340 mil km ²	≈ 903 mil km ²
Produto Interno Bruto (PIB)	R\$ 46 bilhões (2004)	R\$ 28 bilhões (2004)
Renda <i>per capita</i>	R\$ 8.162,55 (2005)	R\$ 10.162,00 (2005)
IDH	0,776 (PNUD – 2000)	0,776 (PNUD – 2000)
	Mato Grosso do Sul (MS)	Brasília (DF)
População	2.265.021 (estimativa de 2007)	2.333.108 (estimativa de 2005)
Área	≈ 357 mil km ²	≈ 6 mil km ²
Produto Interno Bruto (PIB)	R\$ 20 bilhões (2004)	R\$ 44 bilhões (2004)
Renda <i>per capita</i>	R\$ 8.944,95 (2005)	R\$ 19.071,29 (2004)
IDH	0,778 (PNUD – 2000)	0,849 (PNUD – 2000)

Fonte: www.ibge.gov.br.

O turismo como atividade econômica vem se desenvolvendo rapidamente na região Centro-Oeste, atraindo visitantes de várias partes do mundo, especialmente com relação ao Patrimônio Natural, além de possuir atrativos relativos ao Patrimônio Histórico e Cultural.



Figura 24.2: Arara – Pantanal.
Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/767518>.

No que diz respeito ao Patrimônio Natural, o principal atrativo é o Complexo do Pantanal, uma das maiores planícies inundáveis do mundo e com um privilegiado ecossistema. É considerado pela Unesco Patrimônio Natural Mundial e Reserva da Biosfera. Muitos turistas brasileiros e estrangeiros visitam o Pantanal procurando desfrutar de suas grandes e raras flora e fauna. Oferece boa infra-estrutura de empresas turísticas, como hotéis, pousadas e outros serviços.



O Complexo do Pantanal, ou simplesmente Pantanal, é um ecossistema situado no coração da América do Sul com cerca de 160 mil km² de extensão, (altitude média de 100 metros) dos quais quase 90% pertencem ao Brasil, no sul do Mato Grosso e no noroeste do Mato Grosso do Sul. O restante encontra-se na parte leste da Bolívia (que é chamada de chaco boliviano) e nordeste do Paraguai. É considerado pela Unesco Patrimônio Natural Mundial e Reserva da Biosfera.

O Pantanal é uma das maiores planícies inundáveis do mundo e abriga uma grande concentração de vida silvestre. Aproximadamente 83% da planície do Pantanal estão em excelentes condições de conservação e abrigam populações saudáveis de espécies ameaçadas de grandes mamíferos e aves, que praticamente desapareceram em outros estados brasileiros.

Por seu estado de conservação, sua rica biodiversidade e suas particularidades, o Pantanal é considerado uma das 37 últimas Grandes Regiões Naturais da Terra, as quais apresentam alta diversidade biológica, grandes extensões e baixa densidade populacional humana.

Mesmo estando bastante conservado, o Pantanal sofre constantes ameaças. A pesca e o turismo sem controle são atividades potencialmente ameaçadoras à integridade desse conjunto de ecossistemas.

Fonte: <http://www.conservation.org.br/onde/pantanal>.



Figura 24.3: Chapada dos Veadeiros (GO).
Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/447775>.

Além do Pantanal, destacamos ainda as paisagens das chapadas presentes na maior parte da região: a Chapada dos Parecis, a oeste do Mato Grosso, e a Chapada dos Veadeiros, a nordeste do Mato Grosso e ao norte de Goiás. Na divisão com o Nordeste destaca-se o Espigão Mestre, que funciona como divisor de águas da bacia do Tocantins e da bacia do São Francisco.



A Chapada dos Veadeiros abriga o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e está localizada ao norte de Goiás. Criado em 1961 por Juscelino Kubitschek, esse parque possui uma área de 237 mil hectares e é administrado pelo Ibama. Abrange vários municípios, dentre eles São João d'Aliança, Alto Paraíso, Colinas do Sul e Cavalcante. Sua altitude ultrapassa 1.700 metros.

Considerada Patrimônio Natural Mundial, toda a região é protegida por lei (Área de Proteção Ambiental de Pouso Alto). A área é conhecida por sua beleza natural, destacando-se: Cachoeira Almécega, Cachoeira São Bento, Carioquinhas, corredeiras, Morada do Sol, Raizama (cânions), saltos de 80m e de 120m do rio Negro e Vale da Lua.

Fonte: <http://www.infobrasilia.com.br/altoparaíso.htm>.



Figura 24.4: Caldas Novas (GO).
Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/836176>.

Sobre as belezas naturais da região Centro-Oeste, citamos ainda as estâncias hidrotermais em Goiás (principalmente os municípios de Caldas Novas e Rio Quente), além de cachoeiras, grutas, rios e lagoas da cidade de Bonito, que fica no Mato Grosso do Sul, entre outros.



Figura 24.5: Belezas naturais de Bonito (MS).

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/93629>.

No que se refere ao patrimônio turístico histórico e cultural, destacamos as cidades com arquitetura colonial, como Goiânia (GO) e as festas como as cavalhadas, a Festa do Divino de Pirenópolis e outras festas folclóricas.

As cidades históricas goianas de Pirenópolis e Goiás (ex-capital do estado de Goiás) preservam casarios e igrejas do período colonial, com mais de 200 anos, e possuem boa rede hoteleira.



As cavalcadas de Pirenópolis são uma encenação ao ar livre da batalha entre mouros e cristãos. No século VI, Carlos Magno, guerreiro cristão, travou uma batalha épica contra os sarracenos, de religião islâmica, pela defesa de um território. “A Batalha de Carlos Magno e os 12 pares da França”, como ficou conhecido o conflito, acabou tornando-se um símbolo da resistência e dos avanços da religião cristã na luta por terras e novos fiéis.

No século XVIII, motivada por novos conflitos religiosos, a rainha Isabel de Portugal instituiu uma representação teatral a ser encenada por cavaleiros. Introduzida no Brasil pelos padres jesuítas com a função de catequizar índios e escravos, a festa das Cavalcadas é uma tradição que, desde 1820, mobiliza e emociona a população de Pirenópolis.

Comandados por seus reis (o mais importante componente de cada grupo), as duas frentes de batalha se encontram na casa onde é servida a “farofa” (um reforçado café-da-manhã) e, após rezas e danças folclóricas, seguem finalmente para o ensaio. Outra grande atração da festa são os mascarados, ou curucucus, irreconhecíveis com suas roupas coloridas.

Fonte: <http://www.pirenopolis.com.br>.



Figura 24.6: Cavalcadas (festa do folclore) – Pirenópolis (GO).
Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/745677>.

A capital do país, Brasília, também é um importante atrativo turístico, pela sua relevância política e beleza da arquitetura de seus prédios. Em 1960, a capital foi transferida do Rio de Janeiro para Brasília, o que incentivou o desenvolvimento e a maior ocupação populacional da região Centro-Oeste.

Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960, pelo então presidente Juscelino Kubitschek. Historicamente, é a terceira capital do Brasil: a primeira foi Salvador e, posteriormente, o Rio de Janeiro.

O plano urbanístico da capital, conhecido como Plano Piloto, foi elaborado pelo urbanista Lúcio Costa, que também concebeu o lago Paranoá, o qual armazena 600 milhões de metros cúbicos de água. Muitas das construções da Capital Federal foram projetadas pelo renomado arquiteto Oscar Niemeyer.



Figura 24.7: Congresso Nacional do Brasil – Brasília (DF).

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/589083>

No **Quadro 24.1** a seguir, listamos os principais pontos turísticos e culturais de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Quadro 24.1: Principais pontos turísticos e culturais dos estados da região Centro-Oeste

Goiás (GO)	Mato Grosso (MT)	Mato Grosso do Sul (MS)	Brasília (DF)
<ul style="list-style-type: none"> – Antiga Estação Ferroviária – Memorial do Cerrado – Parque Zoológico de Goiânia – Jardim Botânico de Goiânia – Parque dos Buritis – Planetário de Goiânia – Teatro Goiânia – Parque Ecológico Ulisses Guimarães – Centro Cultural Martim Cererê – Centro Cultural Oscar Niemeyer – Museu Estadual Prof. Zoroastro Artiaga – Museu de Arte Contemporânea de Goiânia 	<ul style="list-style-type: none"> – Igreja do Rosário – Igreja de São Benedito – Palácio da Instrução – Museu da Imagem e do Som de Cuiabá – Museu Rondon – Zoológico – Museu de Arte e Cultura Popular (UFMT) – Parque Mãe Bonifácia – Parque Mossairo Okamura – Parque Nacional do Pantanal Matogrossense – Obelisco do Centro Geodésico da América do Sul 	<ul style="list-style-type: none"> – Pantanal – Monumento à Imigração Japonesa – Cachoeiras e outras belezas naturais da cidade de Bonito – Parques ecológicos – Feiras de artesanato – Festas típicas da região – Monumento do Avião – Marco - Museu de Arte Contemporânea – Museu Dom Bosco – Museu do Índio 	<ul style="list-style-type: none"> – Congresso Nacional – Praça dos Três Poderes – Catedral de Brasília – Parque Nacional de Brasília – Jardim Botânico – Panteão da Pátria – Santuário Dom Bosco – Memorial JK

Fonte: <http://www.suapesquisa.com/estadosbrasileiros>.



Atividade

1. Leia, a seguir, um trecho de um artigo do *Anuário do Turismo* da revista *Exame* de 2007 sobre o setor de turismo no estado de Goiás. Destaque a importância dos investimentos que estão sendo feitos para fomentar o turismo e sua relação com o desenvolvimento econômico no estado.

Nesse artigo, de título “O sucesso dos novos roteiros – após consolidar o turismo em Caldas Novas e Rio Quente, o estado amplia as opções para os visitantes”, observamos a evolução e o desenvolvimento do setor de turismo em Goiás. O texto destaca que, até duas décadas atrás, o turismo em Goiás resumia-se ao circuito das águas termais formado por Caldas Novas e Rio Quente. Atualmente, além desses dois municípios, o estado conseguiu ampliar consideravelmente as opções para os visitantes. Nomes como Chapada dos Veadeiros, Alto Paraíso de Goiás e Pirenópolis, além da capital, Goiânia, passaram a fazer parte dos roteiros turísticos do país. O resultado desse crescimento pode ser lido no trecho do artigo transcrito a seguir:

Indicadores do setor de turismo para o estado de Goiás

Em artigos do *Anuário do Turismo* da revista *Exame* de 2007 foram descritos dados do setor de turismo para o estado de Goiás, que possui um setor de turismo bastante representativo para sua economia. Esses dados e indicadores dão uma noção da importância e do tamanho do setor para esse estado.

Em 2005, analisando a **Tabela 24.2**, Goiás recebeu mais de dois milhões de turistas, sendo o estado da região Centro-Oeste que mais recebeu visitantes no período, sendo que o gasto médio do turista por dia foi de R\$ 64,00. A participação do setor de turismo no PIB do estado foi de 10,5%, um valor bastante significativo que representa a importância do turismo para a economia de Goiás.

Sobre o perfil de turistas no estado de Goiás, em 2005, 98% tinham procedência de outros estados e 2% vinham de fora do país. Portanto, a quase totalidade de turistas pertencentes ao turismo doméstico, com pequena participação no turismo internacional.

Os três principais atrativos de Goiás e que mais receberam turistas em 2005 foram, em primeiro lugar, a região das águas termais de Caldas Novas e Rio Quente, seguida da região do Roteiro do Ouro (Pirenópolis, Goiânia), e em terceiro, da Chapada dos Veadeiros.

No que se refere à infra-estrutura, na **Tabela 24.2** observamos que o estado de Goiás possui apenas um aeroporto, e contabilizou em 2006, 73 vôos internacionais e 42.537 vôos nacionais. No mesmo ano operavam 287 linhas de ônibus interestaduais em aproximadamente 98 mil km de malha rodoviária. Grande parte da malha rodoviária do estado está ruim ou pessimamente conservada.

Tabela 24.2: Indicadores do turismo do estado de Goiás

O tamanho da indústria		Características da rede de serviços		Turismo internacional							
Número de visitantes (por ano) ⁽¹⁾	2 060 000	Hotéis ⁽⁵⁾	199	Visitas de estrangeiros por motivo da viagem ⁽²⁾							
Gasto per capita (em R\$ por dia) ⁽¹⁾	67	Quartos ⁽⁵⁾	7 761	Lazer							
Faturamento (em R\$ milhões por ano) ⁽⁶⁾	1 023	Restaurantes ⁽⁶⁾	5 592								
Estabelecimentos ligados ao turismo ⁽³⁾	4 910	Locadoras de automóveis que atendem o estado (número de lojas) ⁽⁷⁾	45	Negócios							
Empregados da indústria do turismo ⁽²⁾	38 342	Frota das locadoras ⁽⁷⁾	4 830								
Participação do turismo no PIB do estado (em %) ⁽⁴⁾	10,5	Extensão de praia (em km) ⁽⁸⁾	0	Visita a amigos ou parentes, estudos e outros motivos							
Investimento na promoção do turismo (em R\$ milhões por ano) ⁽⁴⁾	1,6	Shopping centers ⁽⁹⁾	13								
Participação da verba de fomento do turismo no orçamento do estado (em %) ⁽⁴⁾	0,15	Parques temáticos ⁽¹⁰⁾	3	Principais turistas estrangeiros (visitantes por ano) ⁽²⁾							
		Teatros ⁽¹¹⁾	17	<table border="1"> <tr> <td>1º Americanos</td> <td>-</td> </tr> <tr> <td>2º Alemães</td> <td>-</td> </tr> <tr> <td>3º Ingleses</td> <td>-</td> </tr> </table>		1º Americanos	-	2º Alemães	-	3º Ingleses	-
1º Americanos	-										
2º Alemães	-										
3º Ingleses	-										

Evolução do faturamento (em R\$ milhões) ^{(2) (6)}		Perfil do turista																																													
2003	1 023																																														
2007	1 293*	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Procedência (em %) ⁽¹²⁾</th> <th colspan="2">Hospedagem (em %) ⁽¹³⁾</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Turistas de outros estados</td> <td>98</td> <td>Hotel</td> <td>45</td> </tr> <tr> <td>Turistas do exterior</td> <td>2</td> <td>Flat/Apart</td> <td>0</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Pousada</td> <td>0</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Imóvel próprio ou alugado</td> <td>16</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Casa de parentes ou amigos/Outros</td> <td>39</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td colspan="2">Meio de transporte (em %) ⁽¹⁴⁾</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Avião</td> <td>2</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Ônibus</td> <td>12</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Carro</td> <td>84</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Outros</td> <td>3</td> </tr> </tbody> </table>		Procedência (em %) ⁽¹²⁾		Hospedagem (em %) ⁽¹³⁾		Turistas de outros estados	98	Hotel	45	Turistas do exterior	2	Flat/Apart	0			Pousada	0			Imóvel próprio ou alugado	16			Casa de parentes ou amigos/Outros	39			Meio de transporte (em %) ⁽¹⁴⁾				Avião	2			Ônibus	12			Carro	84			Outros	3
Procedência (em %) ⁽¹²⁾		Hospedagem (em %) ⁽¹³⁾																																													
Turistas de outros estados	98	Hotel	45																																												
Turistas do exterior	2	Flat/Apart	0																																												
		Pousada	0																																												
		Imóvel próprio ou alugado	16																																												
		Casa de parentes ou amigos/Outros	39																																												
		Meio de transporte (em %) ⁽¹⁴⁾																																													
		Avião	2																																												
		Ônibus	12																																												
		Carro	84																																												
		Outros	3																																												
		<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Tempo de permanência (em %) ⁽¹⁵⁾</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Até três dias</td> <td>65</td> </tr> <tr> <td>De quatro a dez dias</td> <td>20</td> </tr> <tr> <td>Mais de dez dias</td> <td>15</td> </tr> </tbody> </table>		Tempo de permanência (em %) ⁽¹⁵⁾		Até três dias	65	De quatro a dez dias	20	Mais de dez dias	15																																				
Tempo de permanência (em %) ⁽¹⁵⁾																																															
Até três dias	65																																														
De quatro a dez dias	20																																														
Mais de dez dias	15																																														

* Projeção

Atrações turísticas		Infra-estrutura		Indicadores de segurança	
Principais (visitantes por ano) ⁽¹²⁾⁽¹⁷⁾		Número de vôos por ano ⁽¹⁸⁾		Número de homicídios (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
1ª	Caldas Novas/Rio Quente	Internacionais	73	21,7	
2ª	Roteiro do Ouro (Pirenópolis, Goiás etc.)	Nacionais	42 537	Número de assaltos a mão armada (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
3ª	Chapada dos Veadeiros	Aeroportos ⁽¹⁴⁾	1	401,8	
Mais bem avaliadas pelo Guia 4 Rodas ⁽²¹⁾		Linhas de ônibus interestaduais ⁽¹⁵⁾	287	Número de estupros (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
1ª	Cânions 1 e 2 do rio Preto (Alto Paraíso de Goiás)	Malha rodoviária (em km) ⁽¹⁷⁾	98 090	22,9	
2ª	Casa de Cora Coralina (Goiás)	Participação de rodovias pedagiadas em relação à malha (em %) ⁽¹⁸⁾	0	Número de sequestros (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
3ª	Hot Park (Rio Quente)	Estado de conservação das rodovias (em %) ⁽¹⁹⁾		0,7	
Que serão incentivadas em 2007 ⁽²¹⁾		Ótimo/Bom		Número de ocorrências envolvendo turistas ⁽²¹⁾	
1ª	Caminho do Ouro (Pirenópolis, Goiânia etc.)	Deficiente		-	
2ª	Chapada dos Veadeiros	Ruim/Péssimo		-	
3ª	Águas Quentes (Rio Quente, Caldas Novas)			Número de mortes de turistas ⁽²¹⁾	
				-	
				Há delegacia de atendimento especial ao turista? ⁽²¹⁾	
				Não	

Fontes: (1) Sec. de Turismo do estado. (2) Embratur. (3) Relatório Anual de Informações Sociais (Rais), 2005. (4) Sec. de Turismo e de Planejamento do estado. (5) Guia 4 Rodas, 2005. (6) IBGE. (7) Assoc. Bras. de Locadoras de Automóveis (Abia), 2005. (8) IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Cartografia. (9) Assoc. Bras. de Lojistas de Shopping (Alishop), 2006. (10) Assoc. das Empresas de Parques de Diversões do Brasil (Adibra), 2006. (11) Funarte, 2005. (12) Sec. de Turismo do estado/admin. local. (13) Guia 4 Rodas, 2006. (14) Infraero, 2007. (15) Infraero, 2006; inclui táxi aéreo. (16) Ag. Nac. de Transportes Terrestres (ANTT), 2006. (17) Dep. Nac. de Infra-Estrutura de Transportes (Dnit), 2005. (18) Assoc. Bras. de Concessionárias de Rodovias (ABCR), 2006. (19) Confed. Nac. do Transporte (CNT), 2006. (20) Sec. Nac. de Segurança Pública, 2005. (21) Sec. de Segurança Pública/Polícia Civil/Polícia Militar. (22) Inclui turistas do próprio estado. ND: Não disponível. Obs.: Na conversão de valores, foi utilizada a cotação de 31/12/2006 (1 dólar = 2,34 reais).

Conclusão

O turismo vem se desenvolvendo rapidamente no Centro-Oeste, atraindo visitantes do Brasil e de várias partes do mundo, especialmente para a região mais conhecida, que é o Pantanal mato-grossense. Outros pontos de interesse são as chapadas, Brasília e as cidades históricas goianas.

A importância econômica do setor de turismo para Goiás deve ser ressaltada, tendo em vista que esse setor responde por 10,5% do PIB do estado. Goiás destaca-se criando estratégias de diversificação de turismo consolidadas em novos atrativos que vêm incentivando o aumento do número de visitantes na região.

A infra-estrutura, especialmente em transporte, é um grande gargalo para o setor de turismo no Centro-Oeste. Necessita-se de investimentos em infra-estrutura para fomentar o crescimento desse setor e, conseqüentemente, a geração de emprego e renda para a região. Tal fato resulta e configura em um processo de melhor qualidade de vida para a população e de desenvolvimento econômico nos estados.



Atividade Final

A partir das informações estudadas nesta aula sobre o setor de turismo na região Centro-Oeste do país, relacione os elementos relevantes do setor de turismo para o desenvolvimento dessa região, enfatizando quais são os principais segmentos e atrativos turísticos.

Ademais, destacamos o Patrimônio Turístico Histórico e Cultural e as cidades com arquitetura colonial (Goiânia), a capital Brasília, as cavalhadas (folgedos que simulam batalhas medievais entre cristãos e mouros), a Festa do Divino de Pirenópolis e outras festas folclóricas.

Informações sobre a próxima aula

Na próxima aula, você estudará o desenvolvimento regional e o turismo na região Sudeste do Brasil. Até lá!

25

Desenvolvimento regional e turismo no Brasil: a região Sudeste

Meta da aula

Apresentar a importância do setor de turismo para a economia da região Sudeste do Brasil.

Objetivo

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 identificar elementos do setor de turismo que auxiliam o desenvolvimento econômico da região Sudeste do Brasil.

Introdução

A região Sudeste é a mais desenvolvida economicamente do país. Seus indicadores sociais e econômicos são, no geral, melhores do que os das outras regiões, e o turismo destaca-se como um setor importante na economia dos quatro estados. Nesta aula, estudaremos a relevância econômica do turismo na região, destacando o desenvolvimento e a importância do setor para cada um de seus estados.

Descreveremos ademais os principais atrativos turísticos e analisaremos alguns dos mais relevantes indicadores do setor nos estados (número de turistas, perfil, tamanho desse setor nos estados, infra-estrutura, segurança e outros). Também citaremos algumas informações gerais e econômicas de cada estado.

A importância econômica do turismo na região Sudeste

A região Sudeste é a mais povoada, industrializada, urbanizada e rica do país, sendo formada pelos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Totaliza uma população superior a 77,9 milhões de habitantes, segundo dados do IBGE referentes ao ano de 2007.

A região possui o maior Produto Interno Bruto e o maior PIB *per capita* do Brasil, respectivamente, aproximadamente 1,2 trilhão de reais e R\$ 15.468,00 (IBGE, 2005).

O Sudeste possui um Índice de Desenvolvimento Humano considerado elevado, de 0,824 (PNUD, 2005), perdendo apenas para a região Sul. Abriga ainda as três metrópoles mais importantes do país – as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte –, além de ser o maior colégio eleitoral do Brasil.

A região Sudeste ocupa 10,85% do território brasileiro, com área de 927.286,2km², e situa-se na parte mais elevada do Planalto Atlântico, onde se encontram as serras da Mantiqueira, do Mar e do Espinhaço.

A região é a de maior população no país e também aquela com maior densidade demográfica e o mais alto índice de urbanização (90,5%). Abriga as duas mais importantes metrópoles nacionais, São Paulo e Rio de Janeiro, localizadas em estados que levam os mesmos nomes. A cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, também é considerada importante metrópole regional.

A economia da região Sudeste é a mais desenvolvida e industrializada dentre as de todas as regiões, nela se concentrando mais da metade da produção do país. Possui ainda os maiores rebanhos bovinos, além de significativa produção agrícola, que inclui o cultivo de cana-de-açúcar, laranja e café em lavouras que apresentam bom padrão técnico e alta produtividade. Possui ainda reservas de ferro e manganês na serra do Espinhaço no estado de Minas Gerais, e petróleo em quantidade razoável na bacia de Campos, no estado do Rio de Janeiro (BRASIL, 2009).

As informações gerais e econômicas dos quatro estados que compõem a região Sudeste foram resumidamente descritas na **Tabela 25.1**, a seguir. Nela, podemos observar dados gerais como população e área, e alguns dados econômicos como PIB, PIB *per capita* e IDH.

Vale destacar na análise dos dados econômicos que, entre os estados da região, o de São Paulo possui o maior Produto Interno Bruto (R\$ 547 bilhões) e o maior Índice de Desenvolvimento Humano (0,820). Ele é seguido nos dois indicadores pelo Rio de Janeiro, com PIB de 223 bilhões e IDH de 0,807.

No que se refere ao maior PIB *per capita* do Sudeste, ocorre uma posição contrária ao dado já citado: em 2004 o estado do Rio de Janeiro ficou com o primeiro lugar, com R\$ 14.639,00, seguido de São Paulo, com R\$ 13.725,00.

Tabela 25.1: Dados gerais e econômicos dos estados da região Sudeste

	Espírito Santo (ES)	Minas Gerais (MG)
População	3.464.285 (estimativa de 2006)	20.595.499 (estimativa de 2006)
Área	≈ 46 mil km ²	≈ 589 mil km ²
Produto Interno Bruto (PIB)	R\$ 34,5 bilhões (2004)	R\$ 167 bilhões (2004)
Renda <i>per capita</i>	R\$ 10.289,00 (2005)	R\$ 8.771 (2004)
IDH	0,765 (PNUD – 2000)	0,773 (PNUD – 2000)
	Rio de Janeiro (RJ)	São Paulo (SP)
População	15.383.407 (estimativa de 2005)	41.055.734 (estimativa de 2006)
Área	≈ 44 mil km ²	≈ 248 mil km ²
Produto Interno Bruto (PIB)	R\$ 223 bilhões (2003)	R\$ 547 bilhões (2004)
Renda <i>per capita</i>	R\$ 14.639,00 (2004)	R\$ 13.725,00 (2004)
IDH	0,807 (PNUD – 2000)	0,820 (PNUD – 2000)

Fonte: Dados do IBGE (www.ibge.gov.br).

No Sudeste, o setor de turismo possui uma significativa importância na economia da região, sendo caracterizado por sua diversidade, que contempla o patrimônio natural, cultural e histórico. Ressaltamos ainda que é nos estados dessa região que se localizam vários dos pontos turísticos mais visitados do país e conhecidos mundialmente. Além disso, possui alguns dos principais indicadores de turismo do país, como, por exemplo, o estado com maior número de turistas recebidos por ano (São Paulo), a cidade com maior número de turistas estrangeiros recebidos (Rio de Janeiro), o maior gasto do turista por dia (São Paulo), e outros.

Rio de Janeiro



Figura 25.1: O bondinho do Pão de Açúcar na cidade do Rio de Janeiro.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/930566>

No que se refere à análise do setor de turismo e aos principais atrativos dos estados da região Sudeste, citamos primeiramente o Rio de Janeiro. A cidade do Rio é reconhecida mundialmente por sua beleza natural e pelo patrimônio cultural e histórico. É referência no turismo nacional e internacional, sendo famosa por belas praias (Copacabana, Ipanema), pelo carnaval, samba, Corcovado (Cristo Redentor), Pão de Açúcar, museus, teatros e muitos outros.

A cidade do Rio de Janeiro também tornou-se referência no setor de turismo ao sediar megaeventos, como os Jogos Pan-Americanos e agora a previsão da Copa do Mundo de 2014, além de festas e *shows* internacionais. É o chamado Turismo de Eventos, que, sazonalmente, movimentam milhões de dólares.

São inúmeros os benefícios de uma cidade quando passa a roteiro de grandes eventos. Além de movimentar um grande número de turistas, permanece o resultado em infra-estrutura dos investimentos públicos que recebe. A capital fluminense, por exemplo, nos Jogos Pan-Americanos de 2008, ganhou uma série de obras, como o novo estádio de futebol João Havelange (com capacidade para 45 mil pessoas), a reforma do cinqüentenário Maracanã, a Arena Olímpica e o Centro Aquático Nacional na Barra daTijuca, entre muitos outros.



Figura 25.2: Fabiana Murer, medalhista de ouro no salto com vara nos Jogos Pan-Americanos de 2007, no Estádio Olímpico João Havelange, popularmente conhecido como “Engenhão”.
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio_Ol%C3%ADmpico_Jo%C3%A3o_Havelange

Ainda no estado do Rio de Janeiro, destacamos o Sul Fluminense (Costa Verde), onde está localizada a cidade de Angra dos Reis, com suas 365 ilhas (sendo a principal a Ilha Grande) e suas maravilhosas praias, e o município de Paraty, cidade histórica do período colonial, reconhecida como Patrimônio Histórico Nacional.



Figura 25.3: Cidade de Paraty (RJ).
Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/94099>.



Paraty é uma bela cidade colonial, considerada Patrimônio Histórico Nacional, que preserva até hoje os seus inúmeros encantos naturais e arquitetônicos. Passear pelo Centro Histórico de Paraty é entrar em outra época, em que o caminhar é vagaroso devido às pedras “pés-de-moleque” de suas ruas. Foi fundada em 1667 em torno da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, sua padroeira. Teve grande importância econômica devido aos engenhos de cana-de-açúcar (chegou a ter mais de 250).

Após a abertura da Estrada Paraty–Cunha e, principalmente, após a construção da Rodovia Rio–Santos na década de 70, Paraty tornou-se pólo de turismo nacional e internacional, devido ao seu bom estado de conservação e graças às suas belezas naturais.

Em sua área encontram-se o Parque Nacional da Serra da Bocaina, a Área de Proteção Ambiental do Cairuçu, onde está a Vila da Trindade, a Reserva da Joatinga e ainda faz limite com o Parque Estadual da Serra do Mar.

Paraty possui um litoral com praias e ilhas paradisíacas e um continente onde está localizada a exuberante Mata Atlântica. Nela, pode-se fazer passeios ecológicos, pode-se explorar cachoeiras e trilhar o famoso Caminho do Ouro. Existem ainda roteiros para conhecer o processo de fabricação e degustar as famosas cachaças locais, além de eventos importantes como a Festa Literária Internacional de Paraty – FLIP.

Fonte: <http://www.paraty.com.br>.

A região serrana, com temperaturas mais baixas, também atrai muitos turistas, especialmente na cidade de Petrópolis. Destacamos ainda a Região dos Lagos, com cidades como Búzios e Cabo Frio, onde se localizam belas praias.

Atualmente, o Rio de Janeiro é o segundo estado do país que mais recebe turistas por ano (atrás apenas de São Paulo). Contabiliza mais de 7 milhões de pessoas que o visitam, sendo que 30% desses são estrangeiros. É o estado brasileiro que mais recebe visitantes vindos do exterior.

São Paulo

O estado de São Paulo é o maior centro financeiro do Brasil, e a cidade é reconhecidamente a mais importante no *turismo de negócio* do país. E, de acordo com dados do IBGE, os paulistas não apenas representam o principal grupo de visitantes no mercado doméstico, como também são os que mais gastam nas viagens.

A cidade de São Paulo conta com boa variedade e grande quantidade de bons restaurantes, possuindo vida noturna agitada, circuito de boas compras, oferta de museus, teatros, concertos e exposições. Ademais, o estado possui boas praias ao longo de seu extenso litoral (Ubatuba, Caraguatatuba), um charmoso circuito de serras de Campos do Jordão, um circuito de rodeios do interior do estado (Barretos), entre outros atrativos.



Figura 25.4: Avenida Paulista.
Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1117004>

De acordo com um artigo de título “A capital do turismo de negócios – o mercado de feiras e eventos impressiona mesmo num estado acostumado a números grandiosos”, do *Anuário do Turismo* da revista *Exame*:

Nada menos que 80% das grandes feiras e eventos do país acontecem em São Paulo. Não há competidores nessa área nem na América Latina. Esse domínio se traduz em números grandiosos. Segundo estudo recente do IBGE, o estado responde por 43,88% da receita de serviços de turismo no Brasil. O Rio de Janeiro, que vem logo atrás na lista, possui 20,15% – ou seja, metade da participação. A máquina turística paulista gera ocupações diretas e indiretas para cerca de 500.000 pessoas (VOLTAN, 2007).

Minas Gerais e Espírito Santo

No estado de Minas Gerais localizam-se as mais importantes cidades históricas do Brasil, como Ouro Preto, Tiradentes, São João del Rei, Mariana, Sabará e Diamantina. Destacam-se ainda as esculturas em pedra-sabão do Mestre Aleijadinho em Congonhas e a existência de um belo patrimônio natural, com cachoeiras, cavernas, montanhas, rios em parques, como no Parque Nacional do Caparaó e na serra da Mantiqueira.



Figura 25.5: Cidade de Ouro Preto (MG).
Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/923141>

O estado do Espírito Santo atrai milhares de turistas todos os anos devido a suas belas praias e regiões de montanhas. Destacamos ainda que, no que diz respeito ao patrimônio cultural, as festas típicas da região Sudeste são marcadas pela influência africana, como as congadas, a festa do Divino Espírito Santo, reisados, lundus, sambas e outras.

No **Quadro 25.1**, a seguir, listamos os principais pontos turísticos e culturais do Espírito Santo, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro e de São Paulo. Observamos que o turismo na região Sudeste é bastante diversificado, contemplando o patrimônio natural, cultural e histórico.

Quadro 25.1: Principais pontos turísticos e culturais dos estados da região Sudeste

Espírito Santo (ES)	Minas Gerais (MG)	Rio de Janeiro (RJ)	São Paulo (SP)
<ul style="list-style-type: none"> – Praia da Costa – Praia de Itapoã – Praia de Itaparica – Praia das Neves – Praia de Marobá – Praia dos Cações – Praia de Marataizes – Praia Areia Preta – Praia do Pontal – Praia de Itaipava – Parque Nacional do Caparaó – Parque Estadual de Itaúnas – Reserva Biológica de Duas Bocas – Catedral Metropolitana – Relógio da Praça Oito – Pedra do Penedo – Gruta da Onça 	<ul style="list-style-type: none"> – Mercado Central de Belo Horizonte – Parque das Mangabeiras – Museu da Mineralogia – Museu de Artes e Ofícios – Museu de Arte da Pampulha – Praça da Liberdade (Belo Horizonte) – Cidades Coloniais: Diamantina, Ouro Preto, Mariana, São João del Rei, Sabará, Tiradentes – Museu da Inconfidência (Ouro Preto) – Parque Nacional do Caparaó – Serra da Mantiqueira 	<ul style="list-style-type: none"> – Jardim Botânico – Praias (Ipanema, Leblon, Copacabana, Botafogo, Flamengo, Búzios, Angra dos Reis, entre outras) – Cristo Redentor – Baía da Guanabara – Pão de Açúcar – Theatro Municipal – Museu de Arte Contemporânea – Museu Nacional de Belas Artes – Museu de Arte Moderna – Palácio Imperial da Quinta da Boa Vista – Forte de Copacabana – Paraty (cidade histórica do período colonial) 	<ul style="list-style-type: none"> – Praias de Bertioga, Santos, Guarujá, Ubatuba, Caraguatatuba, Mongaguá, Itanhaém, Peruíbe – Museu de Arte de São Paulo (MASP) – Museu de Arte Sacra – Estação da Luz – Jardim da Luz – Pinacoteca do Estado – Casa do Bandeirante – Casa do Sertanista – Museu Paulista da USP (Museu do Ipiranga) – Parque do Ibirapuera – Basílica de Nossa Senhora de Aparecida – Museu Republicano de Itu – Teatro Municipal de São Paulo – Museu da Imigração – Hopi Hari

Fonte: <http://www.suapesquisa.com/estadosbrasileros>.



Figura 25.6: Cristo Redentor no Corcovado, Rio de Janeiro.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/835303>



Atividade

1. Leia, a seguir, um trecho de um artigo do *Anuário do Turismo* da revista *Exame* de 2007 sobre o turismo em Minas Gerais. Analise a importância do projeto Estrada Real e dos investimentos propostos para o setor de turismo no estado.

Nesse artigo – intitulado “A redescoberta da rota do ouro – meta do programa Estrada Real é atrair neste ano 2,5 milhões de turistas para 177 municípios” –, o autor enfatiza que o estado de Minas Gerais desenvolve um dos maiores programas turísticos do país: o projeto Estrada Real. Uma iniciativa da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG), que visa fomentar o turismo nos municípios ao longo da rota utilizada no século XVIII para o escoamento de ouro. Por meio de ações como melhoria da infra-estrutura e capacitação da mão-de-obra, o programa pretende incentivar o turismo em 177 municípios localizados no entorno da Estrada Real, dos quais 162 ficam em Minas Gerais, 8 em São Paulo e 7 no Rio de Janeiro. O Banco Interamericano de

No projeto, além do incentivo ao turismo histórico, pode ser intensificada como estratégia de diversificação do setor a valorização de outros segmentos, como o turismo cultural, religioso, gastronômico, rural e ecológico, condizentes com a região.

Indicadores do setor de turismo em alguns estados da região Sudeste

Em artigos do *Anuário do Turismo* da revista *Exame* de 2007, foram descritos dados do setor de turismo para os estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Esses dados e indicadores dão uma noção da importância e do tamanho do setor para esses estados.

Primeiramente, analisando os dados do estado de Minas Gerais (ver **Tabela 25.2**), destacamos que ele recebeu mais de 4,2 milhões de turistas no ano de 2005. Ademais, o gasto médio do turista foi de R\$ 55,00 por dia, e a participação do turismo no Produto Interno Bruto do estado foi de 2,9%.

Ainda observando as informações da **Tabela 25.2**, sobre o perfil de turistas que visitaram Minas Gerais em 2005, ressaltamos que 93% tinham procedência de outros estados do Brasil e 7% de fora do país. Portanto, grande parte de turistas brasileiros e poucos estrangeiros.

Os três principais atrativos turísticos de Minas e que mais receberam turistas em 2005 foram o Circuito Ouro Preto – Mariana – Tiradentes (com 550 mil visitantes), seguido de Araxá – Circuito da Canastra e da Serra do Cipó.

No que se refere à infra-estrutura, observamos na **Tabela 25.2** que o estado de Minas Gerais possui sete aeroportos e contabilizou, em 2006, 652 vôos internacionais e 151.455 vôos nacionais. No mesmo ano operavam 724 linhas de ônibus interestaduais em aproximadamente 281 mil quilômetros de malha rodoviária, a maior do país e aquela com maior número de acidentes.

Tabela 25.2: Indicadores do turismo do estado de Minas Gerais

O tamanho da indústria		Características da rede de serviços		Turismo internacional	
Número de visitantes (por ano) ⁽¹⁾	4 200 000	Hotéis ⁽⁵⁾	862	Visitas de estrangeiros por motivo da viagem⁽²⁾	
Gasto per capita (em R\$ por dia) ⁽¹⁾	55*	Quartos ⁽⁵⁾	27 355	Lazer	
Faturamento (em R\$ milhões por ano) ⁽⁹⁾	4 234	Restaurantes ⁽⁶⁾	37 862	72 073 (2004) / 66 613 (2005)	
Estabelecimentos ligados ao turismo ⁽³⁾	22 636	Locadoras de automóveis que atendem o estado (número de lojas) ⁽⁷⁾	201	Negócios	
Empregados da indústria do turismo ⁽³⁾	186 829	Frota das locadoras ⁽⁷⁾	28 960	92 178 (2004) / 95 113 (2005)	
Participação do turismo no PIB do estado (em %)	2,9**	Extensão de praia (em km) ⁽⁸⁾	0	Visita a amigos ou parentes, estudos e outros motivos	
Investimento na promoção do turismo (em R\$ milhões por ano) ⁽⁴⁾	13	Shopping centers ⁽⁹⁾	43	121 319 (2004) / 178 909 (2005)	
Participação da verba de fomento do turismo no orçamento do estado (em %) ⁽⁴⁾	0,1	Parques temáticos ⁽¹⁰⁾	4	Principais turistas estrangeiros (visitantes por ano)^{(11) +}	
		Teatros ⁽¹¹⁾	134	1º Americanos 13 000 2º Italianos 5 500 3º Portugueses 5 000	

* Nos municípios da Estrada Real ** Estimativa baseada no faturamento

Evolução do faturamento (em R\$ milhões) ^{(2) (9)}		Perfil do turista	
2003	4 234	Procedência (em %)⁽¹²⁾	
2007	5 343*		
		Hospedagem (em %)⁽¹³⁾ Hotel 39 Flat/Apart 6 Pousada 4 Imóvel próprio ou alugado 25 Casa de parentes ou amigos/Outros 26	
		Meio de transporte (em %)⁽¹⁴⁾ Avião 68 Ônibus 11 Carro 21 Outros 0	
		Tempo de permanência (em %)⁽¹⁵⁾ Até três dias - De quatro a dez dias 100* Mais de dez dias -	

* A média informada é de 3,8 dias nos municípios da Estrada Real

Atrações turísticas		Infra-estrutura		Indicadores de segurança	
Principais (visitantes por ano)^{(16) (22)}		Número de vôos por ano⁽¹⁷⁾		Número de homicídios	
1º Circuito Ouro Preto-Mariana-Tiradentes	550 000	Internacionais	652	(por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾ 18,5	
2º Araxá - Circuito da Canastra	36 000	Nacionais	151 455	Número de assaltos a mão armada	
3º Serra do Cipó	15 000	Aeropostos ⁽¹⁴⁾	7	(por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾ 286,1	
Mais bem avaliadas pelo Guia 4 Rodas⁽²³⁾		Linhas de ônibus interestaduais ⁽¹⁶⁾	724	Número de estupros	
1º Inhotim (Belo Horizonte)		Malha rodoviária (em km) ⁽¹⁷⁾	280 730	(por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾ 10,8	
2º Basílica do Senhor Bom Jesus (Belo Horizonte)		Participação de rodovias pedagiadas em relação à malha (em %) ⁽¹⁸⁾	0,02	Número de seqüestros	
3º Igreja São Francisco de Assis (Congonhas)		Estado de conservação das rodovias (em %)⁽¹⁹⁾		(por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾ 0,73	
Que serão incentivadas em 2007⁽²⁾		Ótimo/Bom	16	Número de ocorrências envolvendo turistas⁽²¹⁾	
1º Caminhos da Canastra (Araxá, Tapira e outras cidades)		Deficiente	38	-	
2º Serra do Cipó (Santana do Riacho, Jaboticatubas)		Ruim/Péssimo	46	Número de mortes de turistas⁽²¹⁾	
3º Cidades históricas (Cordisburgo, Sete Lagoas etc.)		-		-	
		-		Há delegacia de atendimento especial ao turista?⁽²¹⁾	
		-		Não	

Fontes: (1) Sec. de Turismo do estado (2) Embratur, (3) Relatório Anual de Informações Sociais (Rais), 2005, (4) Sec. de Turismo e de Planejamento do estado, (5) Guia 4 Rodas, 2005, (6) IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Cartografia, (7) Assoc. Bras. de Locadoras de Automóveis (Abia), 2005, (8) IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Cartografia, (9) Assoc. Bras. de Lojistas de Shopping (Alshop), 2006, (10) Assoc. das Empresas de Parques de Diversões do Brasil (Adibra), 2006, (11) Funarte, 2005, (12) Sec. de Turismo do estado/admin. local, (13) Guia 4 Rodas, 2006, (14) Infraero, 2007, (15) Infraero, 2006; inclui táxi aéreo (16) Ag. Nac. de Transportes Terrestres (ANTT), 2006, (17) Dep. Nac. de Infra-Estrutura de Transportes (Dnit), 2005, (18) Assoc. Bras. de Concessionárias de Rodovias (ABCR), 2006, (19) Confed. Nac. de Transporte (CNT), 2006, (20) Sec. Nac. de Segurança Pública, 2005, (21) Sec. de Segurança Pública/Polícia Civil/Polícia Militar, (22) Inclui turistas do próprio estado. ND: Não disponível. Obs.: Na conversão de valores, foi utilizada a cotação de 31/12/2006 (1 dólar = 2,34 reais).

Na **Tabela 25.3**, a seguir, podemos observar os dados do setor de turismo referentes a São Paulo. Em 2005, destacamos que São Paulo recebeu 7,5 milhões de turistas, sendo o estado brasileiro que mais recebe turistas anualmente, seguido do Rio de Janeiro.

O gasto médio do turista por dia no estado de São Paulo foi de R\$ 505,00, o maior se comparado com os outros estados brasileiros. E a participação do turismo no PIB do estado corresponde a 7,2% do total, um valor muito alto, especialmente se considerarmos que São Paulo é a maior economia do país.

Ainda no que diz respeito às informações da **Tabela 25.3** sobre o perfil de turistas que visitaram São Paulo em 2005, ressaltamos que 82% tinham procedência de outros estados do Brasil e 18% vinham do exterior.

Os três principais atrativos turísticos de São Paulo e que mais receberam turistas em 2005 foram a *Festa da Padroeira do Brasil* (em Aparecida do Norte, com 400 mil visitantes), seguida da *Festa do Peão* (em Barretos) e do *Festival de Inverno* (em Campos do Jordão).

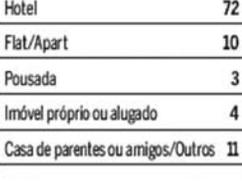
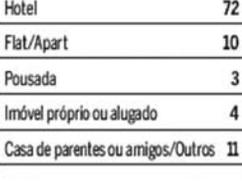
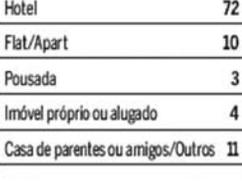
No que se refere à infra-estrutura de São Paulo, este possuía cinco aeroportos em 2006, e o estado contabilizou 72.975 vôos internacionais e 435.171 vôos nacionais. No mesmo ano, 860 linhas de ônibus interestaduais operavam em aproximadamente 206 mil quilômetros de malha rodoviária.

São Paulo totalizou o maior número de vôos tanto internacionais como domésticos no país e foi conduzido o maior número de passageiros no transporte aéreo e no rodoviário do país. Além desses bons indicadores de infra-estrutura para o setor de turistas, o estado possui a melhor (em conservação e investimentos) malha rodoviária do país, sendo que grande parte desta é privatizada.

Tabela 25.3: Indicadores do turismo do estado de São Paulo

O tamanho da indústria		Características da rede de serviços		Turismo internacional									
Número de visitantes (por ano) ⁽¹⁾	7 500 000	Hotéis ⁽⁵⁾	1 409	Visitas de estrangeiros por motivo da viagem ⁽²⁾									
Gasto per capita (em R\$ por dia) ⁽¹⁾	505*	Quartos ⁽⁵⁾	74 224	Lazer									
Faturamento (em R\$ milhões por ano) ⁽⁶⁾	34 708	Restaurantes ⁽⁶⁾	124 371	Negócios									
Estabelecimentos ligados ao turismo ⁽³⁾	60 499	Locadoras de automóveis que atendem o estado (número de lojas) ⁽⁷⁾	312										
Empregados da indústria do turismo ⁽³⁾	609 475	Frota das locadoras ⁽⁷⁾	66 916										
Participação do turismo no PIB do estado (em %) ⁽⁸⁾	7,2	Extensão de praia (em km) ⁽⁸⁾	622										
Investimento na promoção do turismo (em R\$ milhões por ano) ⁽⁴⁾	13	Shopping centers ⁽⁹⁾	192	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Principais turistas estrangeiros (visitantes por ano) ⁽²⁾</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1º Americanos</td> <td>547 000</td> </tr> <tr> <td>2º Argentinos</td> <td>248 000</td> </tr> <tr> <td>3º Alemães</td> <td>179 000</td> </tr> </tbody> </table>		Principais turistas estrangeiros (visitantes por ano) ⁽²⁾		1º Americanos	547 000	2º Argentinos	248 000	3º Alemães	179 000
Principais turistas estrangeiros (visitantes por ano) ⁽²⁾													
1º Americanos	547 000												
2º Argentinos	248 000												
3º Alemães	179 000												
Participação da verba de fomento do turismo no orçamento do estado (em %) ⁽⁴⁾	0,19	Parques temáticos ⁽¹⁰⁾	4										
		Teatros ⁽¹¹⁾	295										

* Só na capital

Evolução do faturamento (em R\$ milhões) ⁽²⁾ ⁽⁹⁾		Perfil do turista																																																																																																																													
2003	34 708																																																																																																																														
2007	43 814*	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Procedência (em %) ⁽¹²⁾</th> <th colspan="2">Hospedagem (em %) ⁽¹⁰⁾</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td colspan="2">  </td> <td colspan="2">  </td> </tr> <tr> <td>Turistas de outros estados</td> <td>82</td> <td>Hotel</td> <td>72</td> </tr> <tr> <td>Turistas do exterior</td> <td>18</td> <td>Fiat/Apart</td> <td>10</td> </tr> <tr> <td colspan="2"> <table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Tempo de permanência (em %) ⁽¹⁰⁾</th> <th colspan="2">Meio de transporte (em %) ⁽¹³⁾</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Até três dias</td> <td>81</td> <td>Avião</td> <td>63</td> </tr> <tr> <td>De quatro a dez dias</td> <td>12</td> <td>Ônibus</td> <td>22</td> </tr> <tr> <td>Mais de dez dias</td> <td>7</td> <td>Carro</td> <td>11</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Outros</td> <td>4</td> </tr> </tbody> </table> </td> <td colspan="2"></td> </tr> </tbody> </table> <p>* Projeção</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Atrações turísticas</th> <th colspan="2">Infra-estrutura</th> <th colspan="2">Indicadores de segurança</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td colspan="2">Principais (visitantes por ano) ⁽²⁾ ⁽²²⁾</td> <td colspan="2">Número de voos por ano ⁽¹⁴⁾</td> <td colspan="2">Número de homicídios (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾</td> </tr> <tr> <td>1ª Festa da Padroeira do Brasil (Aparecida)</td> <td>400 000</td> <td>Internacionais</td> <td>72 975</td> <td colspan="2">18,9</td> </tr> <tr> <td>2ª Festa do Peão (Barretos)</td> <td>35 000</td> <td>Nacionais</td> <td>435 171</td> <td colspan="2">Número de assaltos a mão armada (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾</td> </tr> <tr> <td>3ª Festival de Inverno (Campos do Jordão)</td> <td>25 000</td> <td>Aeroportos ⁽¹⁴⁾</td> <td>5</td> <td colspan="2">749,9</td> </tr> <tr> <td colspan="2">Mais bem avaliadas pelo Guia 4 Rodas ⁽¹³⁾</td> <td>Linhas de ônibus interestaduais ⁽¹⁵⁾</td> <td>860</td> <td colspan="2">Número de estupro (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾</td> </tr> <tr> <td>1ª Museu de Arte de São Paulo - Masp (São Paulo)</td> <td></td> <td>Malha rodoviária (em km) ⁽¹⁷⁾</td> <td>205 842</td> <td colspan="2">18,9</td> </tr> <tr> <td>2ª Piracoteca do Estado (São Paulo)</td> <td></td> <td>Participação de rodovias pedagógicas em relação à malha (em %) ⁽¹⁸⁾</td> <td>1,8</td> <td colspan="2">Número de sequestros (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾</td> </tr> <tr> <td>3ª Parque do Ibirapuera (São Paulo)</td> <td></td> <td colspan="2">Estado de conservação das rodovias (em %) ⁽¹⁹⁾</td> <td colspan="2">0,33</td> </tr> <tr> <td colspan="2">Que serão incentivadas em 2007 ⁽²⁾</td> <td>Ótimo/Bom</td> <td>73</td> <td colspan="2">Número de ocorrências envolvendo turistas ⁽²¹⁾</td> </tr> <tr> <td>1ª Caminhos do Mar (Cubatão, Paranapiacaba etc.)</td> <td></td> <td>Deficiente</td> <td>15</td> <td colspan="2">1522</td> </tr> <tr> <td>2ª Circuito Chapada Guarani (Anatãndia, Brotas etc.)</td> <td></td> <td>Ruim/Péssimo</td> <td>12</td> <td colspan="2">Número de mortes de turistas ⁽²¹⁾</td> </tr> <tr> <td>3ª Roleiro Aventura e Lazer (Apiá, Buri, Cananéia etc.)</td> <td></td> <td colspan="2">Número de mortes de turistas ⁽²¹⁾</td> <td colspan="2">0</td> </tr> <tr> <td colspan="2"></td> <td colspan="2">Há delegacia de atendimento especial ao turista? ⁽²²⁾</td> <td colspan="2">Sim (5)</td> </tr> </tbody> </table>		Procedência (em %) ⁽¹²⁾		Hospedagem (em %) ⁽¹⁰⁾						Turistas de outros estados	82	Hotel	72	Turistas do exterior	18	Fiat/Apart	10	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Tempo de permanência (em %) ⁽¹⁰⁾</th> <th colspan="2">Meio de transporte (em %) ⁽¹³⁾</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Até três dias</td> <td>81</td> <td>Avião</td> <td>63</td> </tr> <tr> <td>De quatro a dez dias</td> <td>12</td> <td>Ônibus</td> <td>22</td> </tr> <tr> <td>Mais de dez dias</td> <td>7</td> <td>Carro</td> <td>11</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Outros</td> <td>4</td> </tr> </tbody> </table>		Tempo de permanência (em %) ⁽¹⁰⁾		Meio de transporte (em %) ⁽¹³⁾		Até três dias	81	Avião	63	De quatro a dez dias	12	Ônibus	22	Mais de dez dias	7	Carro	11			Outros	4			Atrações turísticas		Infra-estrutura		Indicadores de segurança		Principais (visitantes por ano) ⁽²⁾ ⁽²²⁾		Número de voos por ano ⁽¹⁴⁾		Número de homicídios (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾		1ª Festa da Padroeira do Brasil (Aparecida)	400 000	Internacionais	72 975	18,9		2ª Festa do Peão (Barretos)	35 000	Nacionais	435 171	Número de assaltos a mão armada (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾		3ª Festival de Inverno (Campos do Jordão)	25 000	Aeroportos ⁽¹⁴⁾	5	749,9		Mais bem avaliadas pelo Guia 4 Rodas ⁽¹³⁾		Linhas de ônibus interestaduais ⁽¹⁵⁾	860	Número de estupro (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾		1ª Museu de Arte de São Paulo - Masp (São Paulo)		Malha rodoviária (em km) ⁽¹⁷⁾	205 842	18,9		2ª Piracoteca do Estado (São Paulo)		Participação de rodovias pedagógicas em relação à malha (em %) ⁽¹⁸⁾	1,8	Número de sequestros (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾		3ª Parque do Ibirapuera (São Paulo)		Estado de conservação das rodovias (em %) ⁽¹⁹⁾		0,33		Que serão incentivadas em 2007 ⁽²⁾		Ótimo/Bom	73	Número de ocorrências envolvendo turistas ⁽²¹⁾		1ª Caminhos do Mar (Cubatão, Paranapiacaba etc.)		Deficiente	15	1522		2ª Circuito Chapada Guarani (Anatãndia, Brotas etc.)		Ruim/Péssimo	12	Número de mortes de turistas ⁽²¹⁾		3ª Roleiro Aventura e Lazer (Apiá, Buri, Cananéia etc.)		Número de mortes de turistas ⁽²¹⁾		0				Há delegacia de atendimento especial ao turista? ⁽²²⁾		Sim (5)	
Procedência (em %) ⁽¹²⁾		Hospedagem (em %) ⁽¹⁰⁾																																																																																																																													
																																																																																																																															
Turistas de outros estados	82	Hotel	72																																																																																																																												
Turistas do exterior	18	Fiat/Apart	10																																																																																																																												
<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Tempo de permanência (em %) ⁽¹⁰⁾</th> <th colspan="2">Meio de transporte (em %) ⁽¹³⁾</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Até três dias</td> <td>81</td> <td>Avião</td> <td>63</td> </tr> <tr> <td>De quatro a dez dias</td> <td>12</td> <td>Ônibus</td> <td>22</td> </tr> <tr> <td>Mais de dez dias</td> <td>7</td> <td>Carro</td> <td>11</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Outros</td> <td>4</td> </tr> </tbody> </table>		Tempo de permanência (em %) ⁽¹⁰⁾		Meio de transporte (em %) ⁽¹³⁾		Até três dias	81	Avião	63	De quatro a dez dias	12	Ônibus	22	Mais de dez dias	7	Carro	11			Outros	4																																																																																																										
Tempo de permanência (em %) ⁽¹⁰⁾		Meio de transporte (em %) ⁽¹³⁾																																																																																																																													
Até três dias	81	Avião	63																																																																																																																												
De quatro a dez dias	12	Ônibus	22																																																																																																																												
Mais de dez dias	7	Carro	11																																																																																																																												
		Outros	4																																																																																																																												
Atrações turísticas		Infra-estrutura		Indicadores de segurança																																																																																																																											
Principais (visitantes por ano) ⁽²⁾ ⁽²²⁾		Número de voos por ano ⁽¹⁴⁾		Número de homicídios (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾																																																																																																																											
1ª Festa da Padroeira do Brasil (Aparecida)	400 000	Internacionais	72 975	18,9																																																																																																																											
2ª Festa do Peão (Barretos)	35 000	Nacionais	435 171	Número de assaltos a mão armada (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾																																																																																																																											
3ª Festival de Inverno (Campos do Jordão)	25 000	Aeroportos ⁽¹⁴⁾	5	749,9																																																																																																																											
Mais bem avaliadas pelo Guia 4 Rodas ⁽¹³⁾		Linhas de ônibus interestaduais ⁽¹⁵⁾	860	Número de estupro (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾																																																																																																																											
1ª Museu de Arte de São Paulo - Masp (São Paulo)		Malha rodoviária (em km) ⁽¹⁷⁾	205 842	18,9																																																																																																																											
2ª Piracoteca do Estado (São Paulo)		Participação de rodovias pedagógicas em relação à malha (em %) ⁽¹⁸⁾	1,8	Número de sequestros (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾																																																																																																																											
3ª Parque do Ibirapuera (São Paulo)		Estado de conservação das rodovias (em %) ⁽¹⁹⁾		0,33																																																																																																																											
Que serão incentivadas em 2007 ⁽²⁾		Ótimo/Bom	73	Número de ocorrências envolvendo turistas ⁽²¹⁾																																																																																																																											
1ª Caminhos do Mar (Cubatão, Paranapiacaba etc.)		Deficiente	15	1522																																																																																																																											
2ª Circuito Chapada Guarani (Anatãndia, Brotas etc.)		Ruim/Péssimo	12	Número de mortes de turistas ⁽²¹⁾																																																																																																																											
3ª Roleiro Aventura e Lazer (Apiá, Buri, Cananéia etc.)		Número de mortes de turistas ⁽²¹⁾		0																																																																																																																											
		Há delegacia de atendimento especial ao turista? ⁽²²⁾		Sim (5)																																																																																																																											

Fontes: (1) Sec. de Turismo do estado. (2) Embratur. (3) Relatório Anual de Informações Sociais (Rais), 2005. (4) Sec. de Turismo e de Planejamento do estado. (5) Guia 4 Rodas, 2005. (6) IBGE. (7) Assoc. Bras. de Locadoras de Automóveis (Abia), 2005. (8) IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Cartografia. (9) Assoc. Bras. de Lojistas de Shopping (Aishop), 2006. (10) Assoc. das Empresas de Parques de Diversões do Brasil (Adibra), 2006. (11) Funarte, 2005. (12) Sec. de Turismo do estado/admin. local. (13) Guia 4 Rodas, 2006. (14) Infraero, 2007. (15) Infraero, 2006; inclui táxi aéreo. (16) Ag. Nac. de Transportes Terrestres (ANTT), 2006. (17) Dep. Nac. de Infra-Estrutura de Transportes (Dnit), 2005. (18) Assoc. Bras. de Concessionárias de Rodovias (ABCR), 2006. (19) Confed. Nac. de Transporte (CNT), 2006. (20) Sec. Nac. de Segurança Pública, 2005. (21) Sec. de Segurança Pública/Polícia Civil/Polícia Militar. (22) Inclui turistas do próprio estado. ND: Não disponível. Obs.: Na conversão de valores, foi utilizada a cotação de 31/12/2006 (1 dólar = 2,34 reais).

Fonte: Voltan (2007).

Agora, analisando os dados do Rio de Janeiro (ver **Tabela 25.4**), destacamos que o estado recebeu mais de 7,2 milhões de turistas em 2005. O número demonstra a importância do setor para economia do estado, que é o segundo do país que mais recebe turistas por ano depois de São Paulo. Ademais, o gasto médio do turista por dia foi de R\$ 430,00. E a participação do turismo no PIB do estado foi de 3,9%.

Ainda no que diz respeito às informações da **Tabela 25.4** sobre o perfil de turistas que visitaram o Rio de Janeiro no ano de 2005, ressaltamos que 70% tinham procedência de outros estados do Brasil e 30% vinham do exterior.

Os três principais atrativos turísticos do Rio de Janeiro e os que mais receberam turistas em 2005 foram o Corcovado (Cristo Redentor), com mais de 1,2 milhão de visitantes, seguido do Pão de Açúcar e do Maracanã.

No que se refere à infra-estrutura, o estado possui cinco aeroportos, sendo que em 2006 contabilizou 22.658 vôos internacionais e 246.150 nacionais. No mesmo ano, 444 linhas de ônibus interestaduais operavam em aproximadamente 26 mil km de malha rodoviária.

Tabela 25.4: Indicadores do turismo do estado do Rio de Janeiro

O tamanho da indústria		Características da rede de serviços		Turismo internacional	
Número de visitantes (por ano) ⁽¹⁾	7 150 000	Hotéis ⁽⁵⁾	826	Visitas de estrangeiros por motivo da viagem ⁽²⁾	
Gasto per capita (em R\$ por dia)	430	Quartos ⁽⁵⁾	28 849	Lazer	
Faturamento (em R\$ milhões por ano) ⁽⁶⁾	16 125	Restaurantes ⁽⁶⁾	23 503	843 955 (2004) / 827 902 (2005)	
Estabelecimentos ligados ao turismo ⁽³⁾	20 571	Locadoras de automóveis que atendem o estado (número de lojas) ⁽⁷⁾	131	Negócios	
Empregados da indústria do turismo ⁽³⁾	309 279	Frota das locadoras ⁽⁷⁾	19 365	361 833 (2004) / 369 537 (2005)	
Participação do turismo no PIB do estado (em %) ⁽⁴⁾	3,9	Extensão de praia (em km) ⁽⁸⁾	636	Visita a amigos ou parentes, estudos e outros motivos	
Investimento na promoção do turismo (em R\$ milhões por ano) ⁽⁴⁾	1*	Shopping centers ⁽⁹⁾	77	315 867 (2004) / 391 897 (2005)	
Participação da verba de fomento do turismo no orçamento do estado (em %) ⁽⁴⁾	0,31	Parques temáticos ⁽¹⁰⁾	5	Principais turistas estrangeiros (visitantes por ano) ⁽²⁾	
		Teatros ⁽¹¹⁾	230	1º Americanos 187 000	
* Orçamento para divulgação do Turismo				2º Argentinos 102 000	
				3º Portugueses 66 000	

Evolução do faturamento (em R\$ milhões) ^{(2) (9)}		Perfil do turista																																																											
2003	16 125																																																												
2007	20 351*	<table border="1"> <thead> <tr> <th>Procedência (em %) ⁽¹²⁾</th> <th>Hospedagem (em %) ⁽¹³⁾</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Turistas de outros estados</td> <td>70</td> <td>Hotel</td> <td>69</td> </tr> <tr> <td>Turistas do exterior</td> <td>30</td> <td>Flat/Apart</td> <td>-</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Pousada</td> <td>-</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Imóvel próprio ou alugado</td> <td>10</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Casa de parentes ou amigos/Outros</td> <td>21</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <th>Meio de transporte (em %) ⁽¹⁴⁾</th> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Avião</td> <td>16</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Ônibus</td> <td>28</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Carro</td> <td>49</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Outros</td> <td>7</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <th>Tempo de permanência (em %) ⁽¹⁵⁾</th> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Até três dias</td> <td>34</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>De quatro a dez dias</td> <td>46</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>Mais de dez dias</td> <td>20</td> </tr> </tbody> </table>		Procedência (em %) ⁽¹²⁾	Hospedagem (em %) ⁽¹³⁾	Turistas de outros estados	70	Hotel	69	Turistas do exterior	30	Flat/Apart	-			Pousada	-			Imóvel próprio ou alugado	10			Casa de parentes ou amigos/Outros	21			Meio de transporte (em %) ⁽¹⁴⁾				Avião	16			Ônibus	28			Carro	49			Outros	7			Tempo de permanência (em %) ⁽¹⁵⁾				Até três dias	34			De quatro a dez dias	46			Mais de dez dias	20
Procedência (em %) ⁽¹²⁾	Hospedagem (em %) ⁽¹³⁾																																																												
Turistas de outros estados	70	Hotel	69																																																										
Turistas do exterior	30	Flat/Apart	-																																																										
		Pousada	-																																																										
		Imóvel próprio ou alugado	10																																																										
		Casa de parentes ou amigos/Outros	21																																																										
		Meio de transporte (em %) ⁽¹⁴⁾																																																											
		Avião	16																																																										
		Ônibus	28																																																										
		Carro	49																																																										
		Outros	7																																																										
		Tempo de permanência (em %) ⁽¹⁵⁾																																																											
		Até três dias	34																																																										
		De quatro a dez dias	46																																																										
		Mais de dez dias	20																																																										

Atrações turísticas		Infra-estrutura		Indicadores de segurança	
Principais (visitantes por ano) ^{(17) (22)}		Número de vôos por ano ⁽¹⁸⁾		Número de homicídios (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
1º Corcovado	1 200 000	Internacionais	22 658	40,5	
2º Pão de Açúcar	750 000	Nacionais	246 150	Número de assaltos a mão armada (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
3º Maracanã	600 000	Aeroportos ⁽¹⁶⁾	5	741,6	
Mais bem avaliadas pelo Guia 4 Rodas ⁽¹³⁾		Linhas de ônibus interestaduais ⁽¹⁶⁾	444	Número de estupro (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
1º Museu Histórico Nacional (Rio de Janeiro)		Malha rodoviária (em km) ⁽¹⁷⁾	25 696	16,6	
2º Morro do Corcovado/Cristo Redentor (Rio de Janeiro)		Participação de rodovias pedagiadas em relação à malha (em %) ⁽¹⁸⁾	2,7	Número de seqüestros (por 100 000 habitantes) ⁽²⁰⁾	
3º Pão de Açúcar (Rio de Janeiro)		Estado de conservação das rodovias (em %) ⁽¹⁹⁾		0,07	
Que serão incentivadas em 2007 ⁽²¹⁾		Ótimo/Bom	40	Número de ocorrências envolvendo turistas ⁽²¹⁾	
1º Roteiro Serra e Mar (Petrópolis, Teresópolis etc.)		Deficiente	43	2 473	
2º Roteiro Floresta e Mar (Mangaratiba, Ilha Grande etc.)		Ruim/Péssimo	17	Número de mortes de turistas ⁽²¹⁾	
3º Roteiro Rio e Niterói				0	
				Há delegacia de atendimento especial ao turista? ⁽²¹⁾	
				Sim (2)	

Fontes: (1) Sec. de Turismo do estado (2) Embratur. (3) Relatório Anual de Informações Sociais (Rais), 2005. (4) Sec. de Turismo e de Planejamento do estado. (5) Guia 4 Rodas 2005. (6) IBGE. (7) Assoc. Bras. de Locadoras de Automóveis (Abia), 2005. (8) IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Cartografia. (9) Assoc. Bras. de Lojistas de Shopping (Aishop), 2006. (10) Assoc. das Empresas de Parques de Diversões do Brasil (Adibra), 2006. (11) Funarte, 2005. (12) Sec. de Turismo do estado/admin. local. (13) Guia 4 Rodas 2006. (14) Infraero, 2007. (15) Infraero, 2006; inclui táxi aéreo. (16) Ag. Nac. de Transportes Terrestres (ANTT), 2006. (17) Dep. Nac. de Infra-Estrutura de Transportes (Dnit), 2005. (18) Assoc. Bras. de Concessionárias de Rodovias (ABCR), 2006. (19) Confed. Nac. do Transporte (CNT), 2006. (20) Sec. Nac. de Segurança Pública, 2005. (21) Sec. de Segurança Pública/Polícia Civil/Polícia Militar. (22) Incluir turistas do próprio estado. ND: Não disponível. Obs.: Na conversão de valores, foi utilizada a cotação de 31/12/2006 (1 dólar = 2,34 reais).

Comentário

No que se refere aos indicadores de turismo nos estados da região Sudeste, destacamos especialmente Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. O estado de São Paulo é o que mais vem recebendo turistas anualmente, seguido do Rio de Janeiro. São Paulo é ainda o estado que possui o maior gasto médio em reais de turista em seu território, e os paulistas são os que mais gastam em outros estados.

Esses, se comparados com outros estados do Brasil, possuem os maiores indicadores do setor, como: a) maior número de turistas recebidos tanto estrangeiros quanto brasileiros; b) maior número de aeroportos, em melhores condições de manutenção e que receberam maior número de pessoas; c) alguns dos atrativos turísticos mais visitados do Brasil, como o Corcovado (1,2 milhão de turistas); d) maiores investimentos, estrutura e serviços para subsidiar as demandas turísticas; e) maior número de rodovias pavimentadas e número de linhas de ônibus interestaduais, e outros.

Resumo

Os estados do Sudeste possuem uma significativa participação do setor de turismo nacional, com muitos dos principais indicadores do setor. Rio de Janeiro e São Paulo são mundialmente conhecidos, o primeiro por suas belas praias e pelo carnaval, além de ser um grande centro cultural, e o segundo por ser o maior centro de turismo de negócios do Brasil, contando com diversos centros culturais e de entretenimento.

Em Minas Gerais, localizam-se as mais importantes cidades históricas do Brasil, como Ouro Preto, Tiradentes, São João del Rei, Mariana, Sabará e Diamantina. E o estado do Espírito Santo atrai milhares de turistas todos os anos devido às suas praias e regiões de montanhas.

No que se refere aos indicadores de turismo nos estados da região Sudeste, destacamos que São Paulo é o que mais vem recebendo turistas anualmente, seguido do Rio de Janeiro. São Paulo é ainda o estado que possui o maior gasto médio em reais de turista em seu território.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, você estudará os principais indicadores do setor de turismo do Brasil. Até lá!

26

Indicadores de turismo no Brasil

Meta da aula

Apresentar os principais indicadores de turismo no Brasil.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1** caracterizar a elaboração dos indicadores de turismo e as implicações existentes nessa elaboração;
- 2** identificar alguns dos principais indicadores do setor de turismo.

Introdução

Nesta aula, você estudará os principais indicadores do turismo no Brasil, entendendo ainda como se dão as definições e a elaboração dos mesmos, quais as principais instituições que produzem tais estatísticas e alguns problemas existentes nesse processo. A elaboração dos mesmos no país é muito recente, portanto esta aula é inédita ao discutir tal tema.

A análise econômica do turismo faz-se, principalmente, a partir da mensuração dos produtos (bens e serviços) que os visitantes consomem durante suas viagens e dos impactos que a oferta desses produtos exerce sobre as variáveis macroeconômicas e sua inter-relação com as demais atividades da economia.

Dentre os bens e serviços consumidos pelos visitantes, destacam-se o alojamento, o transporte, a alimentação e o entretenimento, os quais, em um sentido amplo, podem ser considerados base para a elaboração dos dados no setor de turismo.

Esta aula está dividida em duas partes: na primeira analisa-se a elaboração dos indicadores do turismo, suas implicações, seus problemas e as principais instituições envolvidas, e na segunda parte observam-se alguns exemplos de indicadores do setor para o Brasil.

Elaboração e implicações dos indicadores de turismo

A atividade turística existe há séculos, contudo a preocupação em analisar o turismo como um setor na economia é algo novo. A mensuração do setor de turismo, por meio de indicadores, é muito recente, tendo em vista que os estudos acadêmicos deste começaram a ser produzidos nas últimas décadas.

No Brasil, esse estudo é mais recente ainda. A maioria dos principais indicadores do turismo foi elaborada a partir da década de 1990, e outros indicadores apenas no século XXI.

Conseguir dados confiáveis e exatos sobre o setor de turismo, no Brasil e no mundo, ainda é árdua tarefa para pesquisadores, e as razões são múltiplas. Por se tratar de uma atividade relativamente recente, há carência de referências conceituais que auxiliem na organização das informações. Não se pode, muitas vezes, fazer uma evolução histórica de quantos turistas o Brasil recebeu, por exemplo, entre 1930 e 1950.

Além disso, trata-se de um setor não definido pelo lado da produção, como os demais setores econômicos, mas sim pelo lado do consumo (da demanda), ou seja, pelo resultado econômico do consumo dos visitantes. Esse fato impõe grandes limitações na obtenção dos dados, tendo em vista, por exemplo, que obtemos os dados de uma empresa automobilística por meio de sua contabilidade; já no setor de turismo, muitos cálculos partem de quanto o turista gastou.

A diversidade de perfis e motivações dos visitantes para as suas viagens, as condições naturais e econômicas do local visitado, dentre outras condicionantes da demanda turística, implicam um conjunto significativamente heterogêneo de produtos consumidos.

Nota-se, portanto, a dificuldade de medir o tamanho e a importância exata do setor de turismo em uma economia. As metodologias da Organização Mundial de Turismo – OMT – são as bases que os países utilizam para elaborar seus indicadores e seus estudos, e no Brasil não é diferente.

As metodologias para elaboração de indicadores de turismo no Brasil estão sendo construídas nos últimos anos, e as principais instituições que trabalham nesse sentido são:

- a) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE;
- b) Empresa Brasileira de Turismo – Embratur (do Ministério do Turismo);
- c) Instituto de Planejamento Econômico Aplicado – IPEA;
- d) Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro – Eba-pe/FGV.

Com o intuito de sistematizar a coleta de dados no setor de turismo, a Organização Mundial de Turismo criou uma classificação dos produtos turísticos. Estes foram distribuídos em categorias que refletem a importância do consumo turístico. Foram relacionadas três diferentes categorias de produtos turísticos, de acordo com a seguinte normatização:

1. produtos característicos do turismo;
2. produtos conexos ao turismo;
3. produtos específicos do turismo.

Os *produtos característicos do turismo* (ou Atividades Características do Turismo – ACTs) são aqueles que deixariam de existir em quantidade significativa, ou para os quais o nível de consumo seria sensivelmente diminuído em caso de ausência de turistas. Para esses produtos, é possível obter informações estatísticas mais precisas.

Como exemplo, tem-se o transporte aéreo de passageiros. Nesse tipo de transporte, observa-se o predomínio de turistas entre os seus usuários, tendo em vista que o deslocamento aéreo, em geral, é bem distinto do utilizado habitualmente (como no entorno de moradia e trabalho, caso do transporte rodoviário).

Os *produtos conexos ao turismo* são uma categoria residual que inclui os produtos que, apesar de identificados como específicos do turismo em um dado país, não são assim reconhecidos em nível mundial. Os serviços de transporte ferroviário urbano e suburbano de passageiros constituem um exemplo de produto conexo ao turismo.

Os *produtos específicos do turismo* são a totalidade dos produtos contidos nas categorias anteriores, portanto, produtos característicos do turismo mais produtos conexos ao turismo (IBGE, 2003).

A OMT identifica 189 códigos em sua lista de produtos específicos do turismo e, em sua lista de produtos característicos do turismo, apenas 96 códigos. Estes últimos foram agrupados em sete pontos, relacionados na lista que pode ser vista a seguir:

Lista de produtos característicos do turismo segundo a OMT:

1. *Serviços de alojamento*
 - 1.1. Hotéis e outros serviços de alojamento
 - 1.2. Serviços de segundas residências por conta própria ou gratuitas
2. *Serviço de alimentação e bebidas*
3. *Serviços de transporte de passageiros*
 - 3.1. Serviços de transporte interurbano ferroviário
 - 3.2. Serviços de transporte rodoviário
 - 3.3. Serviços de transporte marítimo
 - 3.4. Serviços de transporte aéreo
 - 3.5. Serviços auxiliares ao transporte de passageiros
 - 3.6. Aluguel de bens de transporte de passageiros
 - 3.7. Serviços de reparação de bens e equipamentos de transporte de passageiros
4. *Serviços de agências de viagens, operadoras e guias de turismo*
 - 4.1. Serviços de agências de viagens
 - 4.2. Serviços de operadoras
 - 4.3. Serviços de informação turística e de guias de turismo
5. *Serviços culturais*
 - 5.1. Representações artísticas
 - 5.2. Museus e outros serviços culturais
6. *Serviços recreativos e outros serviços de entretenimento*
 - 6.1. Serviços desportivos
 - 6.2. Outros serviços relacionados ao lazer
7. *Serviços turísticos diversos*
 - 7.1. Serviços financeiros e seguros
 - 7.2. Outros serviços de aluguel de bens
 - 7.3. Outros serviços turísticos

Fonte: OMT (2003).

A OMT reconhece que as Atividades Características do Turismo (ou *produtos característicos do turismo*) são aquelas que possibilitam a maior uniformidade possível na mensuração e análise do turismo em nível internacional.

Portanto, destacamos que a classificação de uma atividade econômica como característica do turismo faz-se a partir da identificação, em sua produção principal, de produtos classificados como característicos do turismo, isto é, aqueles que são bastante sensíveis ao consumo de visitantes.

Para garantir a compatibilidade (ou padronização) internacional das estatísticas de turismo, a OMT desenvolveu a Classificação Internacional Uniforme das Atividades Turísticas – CIUAT. No Brasil, a classificação das atividades econômicas oficialmente adotadas pelo Sistema Estatístico Nacional e pelos cadastros da administração pública é a Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE.

Assim, as ACTs incluem as principais atividades em: alojamento, alimentação, transporte (aéreo, rodoviário, aquaviário), auxiliar de transporte, aluguel de transporte, agência de viagens, lazer e cultura.

Nos dois gráficos a seguir podemos observar dados sobre as ACTs no Brasil elaborados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. No **Gráfico 26.1** observamos o percentual de estabelecimentos em cada um dos setores (serviços de alimentação, alojamento, transporte rodoviário, transporte aéreo, transporte aquaviário, agências de viagens, auxiliares de transportes, serviços desportivos e de lazer, aluguel de automóveis).

O segmento de serviço de alimentação, com 287.021 empresas, representou 81,49% do total de empresas das ACTs. Seguem-se os setores de alojamento, com 22.392 empresas (6,36% do total), e de transporte rodoviário, com 13.463, ou seja, 3,82% do total. Esses três segmentos representaram 91,67% do total das empresas pertencentes às ACTs (**Gráfico 26.1**).

O expressivo número de empresas do setor de alimentação decorre, principalmente, do seu caráter familiar. De fato, estas se caracterizam pelo pequeno porte, pois ocupam, em média, cinco pessoas.

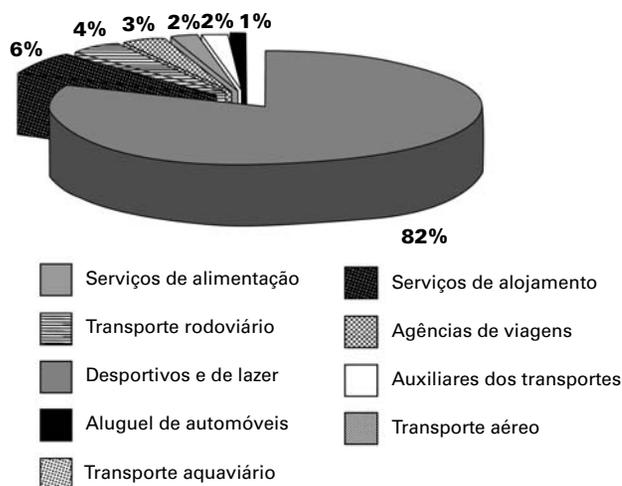


Gráfico 26.1: Percentual das empresas pertencentes às ACTs, por setores de serviços – Brasil (2003)
 Fonte: IBGE (2005).

No tocante à receita operacional líquida, o segmento de alimentação também se destacou, gerando um total de R\$ 23,7 bilhões, que representou 31,18% do montante da receita das ACTs, no ano de 2003. As empresas de transporte aéreo geraram R\$ 18,6 bilhões, isto é, 24,44% do total, apesar de representarem apenas 0,08% do número total de empresas das ACTs. Também merece destaque o setor auxiliar de transportes que, ao gerar R\$ 10,1 bilhões, representou 13,24% do total da receita operacional líquida das ACTs.

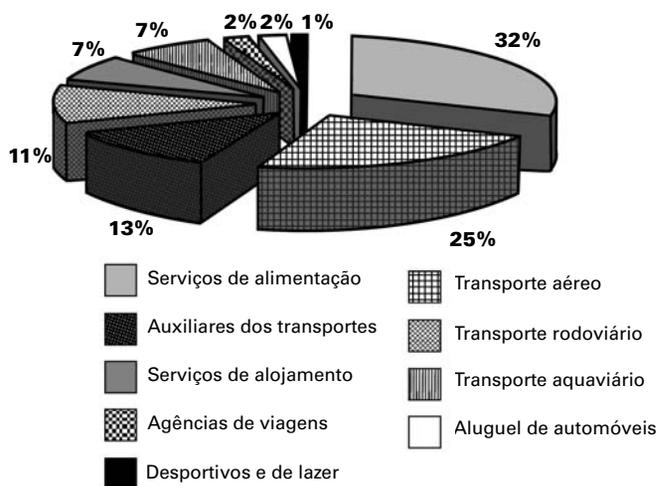


Gráfico 26.2: Percentual da receita das empresas pertencentes às ACTs, por setores de serviços – Brasil (2003)
 Fonte: IBGE (2005).

Ademais, a OMT criou um instrumento estatístico para o setor chamado de Conta Satélite de Turismo – CST –, que contém dados detalhados para dimensionar o volume e a importância econômica do turismo. É baseado nas ACTs e é considerado um instrumento de normatização internacional de conceitos e classificações.

Na construção da CST são observados, prioritariamente, aqueles que possibilitariam a maior uniformidade possível na mensuração e análise do turismo em nível internacional. Assim sendo, a OMT recomenda em sua Lista de Produtos Característicos do Turismo apenas 96 códigos de produtos relacionados à atividade turística.



A Conta Satélite de Turismo é um instrumento necessário à elaboração de modelos de impacto econômico do turismo e de análise orientados para o mercado turístico.

Contém dados detalhados sobre o consumo dos turistas e sobre a forma como esse consumo é satisfeito pela produção das empresas e pelas importações. Além disso, fornece informações detalhadas sobre produção, emprego, formação de capital das Atividades Características de Turismo e sua relação com as demais atividades econômicas do país.

Possui um caráter dinâmico decorrente das possibilidades de sua utilização:

- elaboração de modelos de impacto econômico do turismo;
- análises orientadas para o mercado turístico;
- avaliação do desempenho das atividades econômicas orientadas ao turismo.

Fonte: IBGE (2005).

Destacamos, além disso, como já mencionamos, os problemas de análise de indicadores do setor. Como citamos na definição das categorias dos produtos turísticos, os *produtos característicos do turismo* são um subconjunto da lista de produtos específicos do turismo, e por isso não refletem exhaustivamente

todos os impactos diretos e indiretos que a atividade turística exerce na economia como um todo.

A organização de informações estatísticas na área do mercado de trabalho no turismo é ainda mais difícil de ser medida. A respeito do tema “estatísticas de emprego”, a própria Organização Mundial de Turismo (OMT) explicita as dificuldades para conseguir avanços mais significativos, ao advertir que

(...) a sazonalidade, a grande variabilidade nas condições trabalhistas, a flexibilização e a escassa formalização dos vínculos trabalhistas em muitas unidades produtivas de pequeno porte são os principais obstáculos para obter dados significativos sobre o emprego no setor de turismo. (IBGE, 2003).

No que se refere ao mercado de trabalho do turismo e a sua relevância econômica, destacamos que os resultados das estimativas elaboradas pelo IPEA para o ano de 2004 revelam que as ACTs empregavam 712 mil pessoas, o equivalente a cerca de 2,3% do emprego formal no conjunto da economia brasileira e 7,2% do emprego no setor de serviços (Árias; Barbosa, 2007).



Atividade

Atende ao Objetivo 1

1. Leia o texto a seguir baseado no artigo “Conta Satélite é indispensável para o desenvolvimento do turismo”, destaque a importância da elaboração e utilização de dados confiáveis sobre o setor de turismo no mundo, tendo em vista as implicações existentes nesse processo.

Esse artigo sobre a Conta Satélite do Turismo (CST) destaca que este é um instrumento desenvolvido pela OMT para medir o impacto efetivo do turismo nas economias mundiais, sendo indispensável para que governos definam políticas e estratégias para o setor. Segundo Dale Honeck, principal conselheiro da Divisão de Comércio de Serviços da OMT, sem dados e informações se-

Comentário

A produção e divulgação de dados confiáveis para o turismo é uma premissa básica atual, no sentido de ampliar a importância do setor no meio acadêmico e na padronização de indicadores em todo o mundo. Esse fato traz benefícios, credibilidades e investimentos para as atividades turísticas.

A OMT possui papel fundamental nesse processo e, especialmente por intermédio da CST, vem tentando alcançar esses objetivos. Destacam-se as prováveis conseqüências obtidas a partir da elaboração desses indicadores e relatórios: a possibilidade de desenhar estratégias, de expandir benefícios internos, de aumentar o fluxo de turistas, de conhecer o comportamento dos turistas internacionais e medir de maneira exata o turismo do setor de turismo em cada um dos países do mundo.

Alguns indicadores do setor de turismo brasileiro

Existem vários indicadores do setor de turismo, alguns relacionados à análise macroeconômica (PIB, emprego), outros à análise microeconômica (ligados aos estabelecimentos e, outros, à demanda do setor, como perfil do turista, fluxos de visitantes).

Listamos a seguir alguns:

- PIB do turismo e sua participação no PIB do país;
- fluxo de pessoas no turismo receptivo e emissivo do país;
- chegada de turistas internacionais no país ou região;
- receita cambial gerada pelo turismo no Brasil;
- principais cidades visitadas pelo turista estrangeiro;
- renda, gasto e permanência do turista estrangeiro;
- desembarque de passageiros de vôos internacionais;
- vôos *charter* (em aviões alugados) internacionais – 1999/2003;
- desembarque de passageiros de vôos nacionais;
- número de agências de turismo, meios de hospedagem, transportadoras turísticas e organizadoras de eventos;
- locação de automóveis;
- mão-de-obra empregada no setor de turismo;

- número de estabelecimentos em atividades características do turismo;
- mão-de-obra empregada em setores das atividades turísticas;
- porte e indicadores de ocupação média dos estabelecimentos de atividades turísticas;
- remuneração média mensal dos empregados em atividades turísticas; e outros.

Para exemplificar, mostraremos a seguir alguns indicadores do setor de turismo no Brasil, com sucintas explicações. Iniciamos com uma tabela sobre o PIB do setor de turismo e sua participação no PIB brasileiro, observando a evolução entre 1980 e 1995 (**Tabela 26.1**).

Destacamos uma significativa evolução na participação do PIB turístico a partir da década de 1980, quando se observou um crescimento expressivo do turismo interno, decorrente, dentre outros aspectos, do próprio aumento da oferta de produtos turísticos, e em especial na área hoteleira nacional.

Demonstrando tal fato, entre 1980 e 1995 a evolução do PIB turístico brasileiro foi de 308%, passando de 12,9 milhões para 52,7 milhões, enquanto a participação deste no PIB brasileiro subiu de 2,62% para 8% do total.

Tabela 26.1: Estimativa do PIB turístico e sua participação no PIB Brasileiro – 1980 e 1987/95

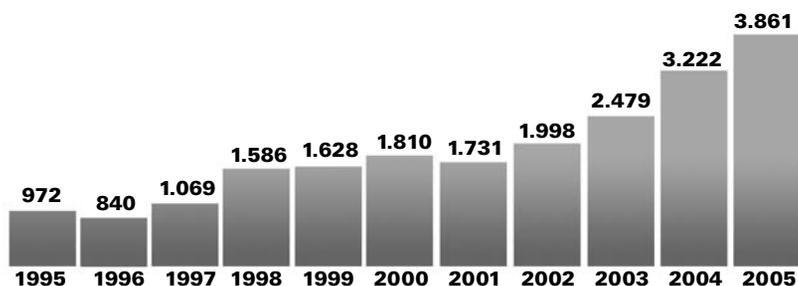
ANOS	PIB (em R\$ milhões, a preços constantes, base 1995)	PIB TURÍSTICO (em R\$ milhões, a preços constantes, base 1995)	PIB TURÍSTICO/PIB Total (em %)
1980	492.628	12.907	2,62
1987	584.206	38.685	6,62
1988	583.574	40.431	6,93
1989	601.890	50.972	8,47
1990	575.995	52.419	9,10
1991	577.890	42.938	7,43
1992	572.838	39.610	6,91
1993	596.837	–	–
1994	631.574	48.740	7,72
1995	658.100	52.670	8,00

Fonte: BRASIL. Ministério do Turismo (2006).

Um resultado que aponta para a performance excepcional da atividade turística brasileira no mercado internacional é a receita cambial turística. Esta é definida como a diferença entre a receita cambial proveniente da entrada de dólares no setor menos a receita de dólares proveniente da saída de dólares no turismo (**Gráfico 26.3**).

Em 2005, o Brasil alcançou a receita cambial turística de US\$ 3,86 bilhões de dólares, superior em 19,83% à do ano de 2004 (US\$ 3,22 bilhões), atingindo a marca de 34 meses consecutivos de crescimento, desde março de 2003.

Gráfico 26.3: Receita cambial turística (em milhões de US\$) – Brasil (1995-2005)



Fonte: BRASIL. Ministério do Turismo (2006).

O **Gráfico 26.4** apresenta a evolução observada quanto ao ingresso de turistas no país no período entre 1970 e 1998, que passou de 249,9 mil visitantes para 4,82 milhões. Um grande crescimento, que demonstra a expansão do setor, confirmada na década de 1990.



Fonte: BRASIL. Ministério do Turismo (2006).

A **Tabela 26.2**, a seguir, complementa o **Gráfico 26.4**, tendo em vista que a mesma mostra o crescimento da entrada de turistas no Brasil entre 1996 e 2005. Nela, nota-se uma significativa evolução no período, passando de 2,7 milhões de turistas para 5,4 milhões, crescimento da ordem de 103%.

Tabela 26.2: Entrada de turistas no Brasil (1996-2005)

1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005(*)
2.665.508	2.849.750	4.818.084	5.107.169	5.313.463	4.772.575	3.784.898	4.132.847	4.793.703	5.400.000

Fonte: DPF e Embratur. (*) Resultado estimado.

Fonte: BRASIL. Ministério do Turismo (2006).

Na **Tabela 26.3** a seguir, podemos observar outro indicador do setor, referente aos fluxos de turistas estrangeiros no país nos anos de 2005 e 2006. No *ranking* dos dezesseis principais países emissores de turistas para o Brasil, encontrava-se em primeiro lugar a Argentina, com quase um milhão de pessoas, e 18,52% do total de turistas estrangeiros recebidos no país. Ela é seguida dos Estados Unidos da América, de Portugal e da Itália.

Tabela 26.3: Principais emissores de turistas para o Brasil – 2005/2006

Principais países de destino	2005			2006		
	Número de turistas	%	Ranking	Número de turistas	%	Ranking
Argentina	992.299	18,52	1°	921.061	18,35	1°
Estados Unidos da América	793.559	14,81	2°	721.633	14,38	2°
Portugal	357.640	6,67	3°	312.521	6,23	3°
Itália	303.878	5,67	6°	291.898	5,82	4°
Uruguai	341.647	6,38	4°	290.240	5,78	5°
Alemanha	308.598	5,76	5°	277.182	5,52	6°
França	252.099	4,70	7°	275.913	5,50	7°
Espanha	172.979	3,23	9°	211.741	4,22	8°
Paraguai	249.030	4,65	8°	198.958	3,96	9°
Inglaterra	169.514	3,16	11°	169.627	3,38	10°
Chile	169.953	3,17	10°	148.327	2,96	11°

Holanda	109.708	2,05	12°	86.122	1,72	12°
Suíça	89.789	1,68	13°	84.816	1,69	13°
Japão	68.066	1,27	16°	74.638	1,49	14°
México	73.118	1,36	15°	70.862	1,41	15°
Canadá	75.100	1,40	14°	62.603	1,25	16°
Outros	831.193	15,51	-	820.849	16,35	-
Total	5.358.170 turistas			5.018.991 turistas		

Fonte: Embratur (2005).

No que se refere às principais cidades visitadas pelos turistas estrangeiros no Brasil, destacamos na **Tabela 26.4** a evolução no período de 1994 a 2003. A cidade do Rio de Janeiro ocupa o primeiro lugar, seguida de São Paulo e Salvador. Essas três cidades recebem mais de 70% do valor dos turistas que vêm ao país.

Tabela 26.4: Principais cidades visitadas pelo turista estrangeiro 1994/2003

Cidades	(Em %)									
	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Rio de Janeiro	39,50	41,80	30,50	37,40	30,20	32,50	34,10	28,80	38,58	36,90
São Paulo	21,30	19,90	22,40	23,50	18,40	13,70	19,70	17,00	20,84	18,53
Salvador	9,30	8,80	7,70	12,20	10,90	12,70	13,50	11,10	12,76	15,76
Fortaleza	2,30	4,10	3,20	3,40	4,60	4,70	5,39	5,61	7,16	8,50
Recife	4,80	5,70	4,70	5,70	7,20	6,40	5,80	7,30	8,24	7,51
Foz do Iguaçu	12,70	16,00	16,60	11,80	8,90	11,80	12,90	11,50	9,28	7,40
Búzios	3,50	3,40	2,70	2,80	5,40	4,56	4,00	3,87	3,56	6,00
Porto Alegre	7,80	9,70	10,10	7,90	7,90	6,01	5,90	7,10	7,93	5,87
Florianópolis	15,30	11,40	17,00	13,90	14,00	17,70	18,70	15,80	6,42	5,28
Belo Horizonte	2,60	2,80	1,70	3,00	-	2,35	6,60	4,90	3,70	5,10
Balneário de Camboriú	6,60	6,20	5,40	3,70	5,10	4,90	6,60	4,90	4,90	3,37

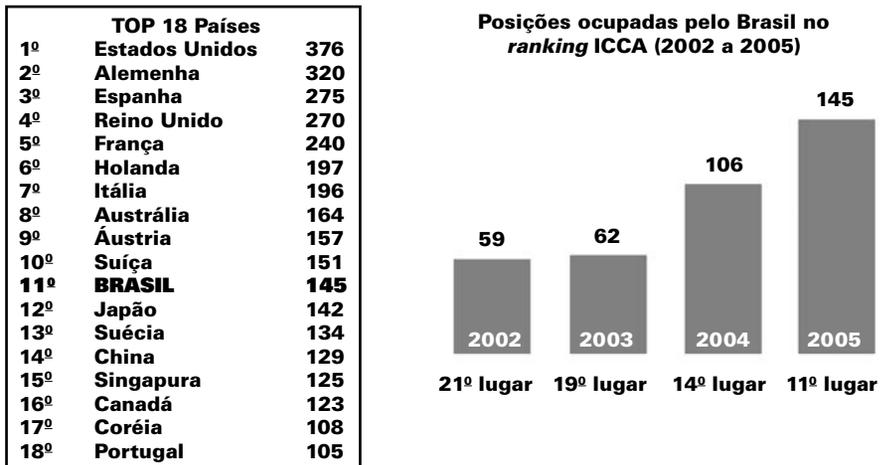
Fonte: EMBRATUR

Fonte: BRASIL. Ministério do Turismo (2006).

De acordo com a classificação do International Congress & Convention Association – ICCA –, para o ano de 2005, o Brasil passou a ocupar a 11ª posição no *ranking* dos países que mais realizam eventos internacionais em todo o mundo. Isso pode ser visto no **Gráfico 26.5**.

Em 2002, o país ocupava a 21ª posição nesse *ranking*. A cidade do Rio de Janeiro ocupa a primeira posição nas Américas, em realização de eventos internacionais, com 39 eventos, o que a coloca na 29ª posição no mundo.

Gráfico 26.5: Posições ocupadas pelo Brasil no *ranking* ICCA – 2005



Fonte: BRASIL. Ministério do Turismo (2006).

A **Tabela 26.5**, a seguir, mostra o crescimento dos dados na locação de automóveis no Brasil, no período de 1998 e 2003. Ocorreu um aumento em todos os dados analisados: faturamento das empresas, frota, usuários e geração de empregos, demonstrando o significativo crescimento no setor.

Tabela 26.5: Evolução dos dados das locadoras de automóveis – Brasil (1998/2003)

Anos	Faturamento (em R\$ bilhões)	Frota do setor	Usuários (em milhões)	Geração de empregos (diretos e indiretos)
1998	1,34	112.000	5,10	118.000
1999	1,39	116.000	5,50	122.000
2000	1,62	133.000	6,20	136.000
2001	1,89	155.000	7,10	144.000
2002	2,26	178.000	8,30	165.000
2003	2,35	181.900	8,70	185.000

Fonte: Associação Brasileira de Locadoras de Automóveis – ABLA

Fonte: Embratur (2005).

Esses foram alguns exemplos de muitos indicadores do setor de turismo, especificamente para o Brasil. No entanto, os mesmos podem ser utilizados para o mundo, ou mesmo para regiões e cidades.

Ressaltamos ademais que no Brasil não temos evoluções históricas completas, já que muitas cidades não possuem dados e que muitos dados não seguem padrões da OMT. Enfim, muitos problemas precisam ser resolvidos.

Conclusão

Analisado como uma atividade econômica, o turismo é definido a partir da perspectiva de demanda, ou seja, como o resultado econômico do consumo dos visitantes. Assim sendo, não se pode afirmar a existência de um processo de produção comum, que possibilite determinar o turismo como atividade econômica singular, pois ele é caracterizado por uma função de produção própria. A partir desse fato, existem problemas de elaboração de indicadores, como os mencionados nesta aula.

No Brasil, a elaboração de indicadores do setor está a cargo, em sua maioria, de instituições públicas como Embratur, IBGE e IPEA, que seguem as metodologias da OMT. A maioria dos indicadores no país foi sistematicamente elaborada nos últimos anos, portanto algo novo e passível de melhorias.



Atividade Final

Atende aos Objetivos 1 e 2

Leia, a seguir, o tópico do artigo “Fechando no vermelho – déficit externo em 2008 tem pior resultado em 10 anos, mas investimento direto é recorde”, de *O Globo* intitulado “Turistas brasileiros gastaram lá fora US\$ 10,9 bilhões em 2008 – mas desembolsos começaram 2009 em queda devido à crise”. Depois destaque e analise os indicadores que a autora usou para explicar os acontecimentos relativos ao setor de turismo no Brasil no ano passado.

Mesmo com a crise financeira encarecendo o dólar, o turista brasileiro nunca viajou tanto para fora. Segundo o Banco Central (BC), os gastos com viagens intencionais tiveram saldo negativo de US\$ 5,17 bilhões em 2008, recorde histórico. Foram US\$ 5,79 bilhões em receitas, trazidas pelos turistas estrangeiros e gastos de US\$ 10,96 bilhões dos brasileiros no exterior.

Apesar disso, afirmou o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes, esse cenário deve mudar. Ele acredita até que, em alguns meses deste ano, o país poderá receber mais dólares do que perder neste campo. Ou seja, que haverá mais turistas estrangeiros gastando aqui do que brasileiros lá fora. Isso não ocorre desde março de 2006, quando a conta de viagens ficou positiva em US\$ 39 milhões.

– A crise bate muito forte nos gastos com viagens. Eu não me surpreenderia se houvesse superávit em alguns meses – disse Lopes.

Desde 15 de setembro (de 2008), marco do agravamento da crise, o dólar subiu cerca de 30%. Os custos com viagens para exterior, conseqüentemente, também subiram, espantando boa parte dos turistas brasileiros. Pesa também a desaceleração econômica que deixa o consumidor mais cauteloso (DUARTE, 2009, p.19).

Resumo

Na elaboração dos indicadores do turismo são utilizadas as metodologias da Organização Mundial de Turismo. O Brasil também segue essas metodologias, e as principais instituições envolvidas na elaboração desses indicadores são IBGE, Embratur, IPEA e Ebape/FGV.

Os indicadores são baseados especialmente nas chamadas Atividades Características do Turismo – ACTs –, que incluem as principais atividades em: alojamento, alimentação, transporte, auxiliar de transporte, aluguel de transporte, agência de viagens, lazer e cultura.

Existem vários problemas na elaboração dos indicadores de turismo por ser um setor novo na análise acadêmica e em pesquisas. Os dados dos produtos específicos do turismo não refletem exhaustivamente todos os impactos diretos e indiretos que a atividade turística exerce na economia como um todo.

Observamos ainda alguns exemplos de indicadores do setor para o Brasil, que refletem seu rápido crescimento nos últimos anos. Entre estes destacamos o PIB turístico, fluxo de turistas doméstico e internacional, gastos dos turistas, a receita das empresas, os eventos internacionais, a movimentação nos aeroportos e outros.

Economia e Turismo

Referências

Aula 14

BEZERRA, Márcia. M. O. *Turismo e financiamento: o caso brasileiro à luz das experiências internacionais*. Campinas/SP: Papirus, 2005.

DUARTE, Coutinho. A Europa face às tendências mundiais da aviação civil operadores, redes e aeroportos (1990-2000). In: Eurotendências, 2001. Disponível em: <http://www.dpp.pt/pdf/Infint01_I/VII1.pdf>. Acesso em: ago. 2004.

HIRATUKA, Célio. SARTI, Fernando. SABBATINI, Rodrigo. Notas sobre o setor de turismo mundial e brasileiro. 2007. *Boletim NEIT*, Campinas-SP: n. 10, p. 15-19, dez. 2007. Disponível em: <http://bnshost.org/bndes/30-01-08/Boletim_NEIT_10.pdf>. Acesso em: 15 out. 2008.

WORLD TOURISM ORGANIZATION. Disponível em: <<http://www.world-tourism.org>>. Acesso em: ago. 2008.

Aula 15

ÁRIAS, Alfonso R.; BARBOSA, Maria Alice C. *Caracterização da mão-de-obra do mercado formal de trabalho no setor turístico: estimativas baseadas na RAIS 2004*. Rio de Janeiro: IPEA, 2007. (Texto para Discussão, 1308).

BANCO Mundial. Disponível em: <http://siteresources.worldbank.org/DATASTATISTICS/Resources/GDP.pdf>. Acesso em: jul. 2008.

IDH: Brasil entra para o grupo de alto desenvolvimento humano. *O Globo Online*. 27 nov. 2007. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/mat/2007/11/27/327330997.asp>>. Acesso em: 21 out. 2008.

MILONE, Paulo César. Teoria do desenvolvimento econômico e social. In: PINHO Diva; VASCONCELLOS Marco A.S. (Org.). *Manual de Economia*. São Paulo: Saraiva, 2004. Cap.18.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. *Estatísticas*. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br>>. Acesso em: jul. 2008.

Aula 16

HENSI, Rabemo. Previsão de inovação tecnológica e ciclos econômicos: uma abordagem histórica. *Revista de Economia Política e História Econômica*, São Paulo, n. 5, jul. 2006.

HIRATUKA, Célio; SARTI, Fernando; SABBATINI, Rodrigo. C. Notas sobre o setor de turismo mundial e brasileiro. *Boletim NEIT*, Campinas, n 10, p. 15-22, dez. 2007. Disponível em: <http://bnshost.org/bndes/30-01-08/Boletim_NEIT_10.pdf>. Acesso em: 30 out. 2008.

LAGE, B.H.G.; MILONE, P. C. *Economia do turismo*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARIN, Aitor. *Tecnologia da Informação nas agências de viagens: em busca da produtividade e do valor agregado*. São Paulo: ALEPH, 2004.

RUHOFF, Anderson Luis. Ciclos de inovação tecnológica e os fluxos econômicos da sociedade global. *Mundo Geo!*, UFSC, 2005. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/mundogeo/geopolitica/more/tecnologia.htm>>. Acesso em: 30 out. 2008.

SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de economia*. 5. ed. São Paulo: Best Seller, 2000.

Aula 17

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Org.) *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 9-23.

BRUE, Stanley L. *História do pensamento econômico*. São Paulo: Pioneria Thomson Learning, 2005.

GREMAUD, Amaury. P; VASCONCELLOS, Marco; TONETO, Rudinei. *Economia Brasileira Contemporânea*. São Paulo: Atlas, 2004.

IGNARRA, Luiz R. *Fundamentos do turismo*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MARTINS, Ivan. O médico do capitalismo. *Revista Época*, p. 51-52, 20 out. 2008.

POCHMANN, Marcio. A ocupação a partir da reformulação do papel do Estado. In: POCHMANN, Marcio. *A década dos mitos*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 11-39.

SANDRONI, Paulo. *Novíssimo Dicionário de Economia*. São Paulo: Best Seller, 2000.

Aula 18

BRASIL Transportes. Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/brasil_transportes.htm>. Acesso em: 15 ago 2008.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Portal Brasileiro do Turismo*. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em: 20 out. 2008.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Principais emissores de turismo no Brasil - 2006-2007. Dados & fatos*. Estudos e pesquisas. Disponível em: <http://200.189.169.141/site/br/dados_fatos/conteudo/emissores_turistas.php?in_secao=404>. Acesso em: 29 set. 2008.

COSTA, Hugo. *Melhores rodovias do país são as privatizadas, avalia Confederação Nacional do Transporte*. AGENCIA BRASIL. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/11/07/materia.2007-11-07.4796292065/view>>. Acesso em: 29 set. 2008.

DIAS, Reinaldo. *Introdução ao turismo*. São Paulo: Atlas, 2005.

DUFREY. South América. *Aeroportos brasileiros: fluxo de passageiros 2005*. Disponível em: <<http://www.dufrysouthamerica.com/abt-travel-retail-ba.htm>>. Acesso em: 1 set. 2008.

IGNARRA, Luiz R. *Fundamentos do turismo*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MENDES, Renato. A difícil escalada brasileira: o país é um dos mercados emergentes do turismo mundial, mas precisa vencer vários desafios para sustentar seu crescimento na área. *Exame*: Anuário de Turismo, São Paulo, abr. 2007.

PALHARES, Guilherme L. *Transportes turísticos*. São Paulo: Aleph, 2002.

Rio de Janeiro (Estado). *Secretaria de Turismo Esporte e Lazer*. Disponível em: <<http://www.turismo.rj.gov.br>>. Acesso em: 20 out. 2008.

Rio de Janeiro (Prefeitura). *Riotur*. Disponível em: <<http://www.riodejaneiro-turismo.com.br>>. Acesso em: 20 out. 2008.

Aula 19

IBGE. *PNAD e estatísticas*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 12 ago. 2008.

GREMAUD, Amaury. P.; VASCONCELLOS, Marco; TONETO, Rudinei. *Economia brasileira contemporânea*. São Paulo: Atlas, 2004.

SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, 2000.

Aula 20

ASSOCIACIÓN LATINO-AMERICAN DE INTEGRACIÓN. Disponível em: <<http://www.aladi.org>>. Acesso em: ago. 2008.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br>>. Acesso em: ago. 2008.

SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, 2000.

SIMÕES, Regina C. F. MORINI, Cristiano. A ordem econômica mundial: considerações sobre a formação de blocos econômicos e o Mercosul. *Revista Impulso*, Piracicaba, n. 31, 2002.

Aula 21

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Brasil*: informações gerais sobre as diferentes regiões. Texto acervo. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/dctextosrevista1-mat1.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2009.

EM BUSCA de novos públicos: o estado de Santa Catarina vai multiplicar o número de turistas estrangeiros, *Exame*: Anuário Turismo, São Paulo, 5 abr. 2007. Disponível em: <http://portalexame.abril.com.br/static/aberto/turismo/anuario_exame_turismo/m0125755.html>. Acesso em: 19 mar. 2009.

ESTADOS Brasileiros: Informações, dados, economia, geografia, bandeiras, turismo. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/estadosbrasileiros>>. Acesso em: 5 dez. 2008.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 nov. 2008.

INVESTIMENTOS para turbinar a capital: Planos para incentivar o turismo em Porto Alegre incluem a reforma da orla do Guaíba e do cais do porto. *Exame*: Anuário Turismo, São Paulo, 5 abr. 2007. Disponível em: <http://portalexame.abril.com.br/static/aberto/turismo/anuario_exame_turismo/m0125754.html>. Acesso em: 19 mar. 2009.

Aula 22

ALBUQUERQUE, Liege. A partir de janeiro, visitantes podem conhecer Manaus com os Amazon Bus. *Exame*: Anuário Turismo, São Paulo, 5 abr. 2007. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20081219/not_imp296285,0.php>. Acesso em: 3 jan. 2009.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Brasil*: informações gerais sobre as diferentes regiões: Texto acervo. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/dctextosrevista1-mat1.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2008.

FORÇA nos investimentos no exterior: o Amazonas aposta na divulgação em feiras internacionais para aumentar ainda mais o fluxo de turistas. *Exame*: Anuário Turismo, São Paulo, 29 mar. 2007. Disponível em: <http://portalexame.abril.com.br/static/aberto/turismo/anuario_exame_turismo/m0125714.html>. Acesso em: 22 maio 2009.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 nov. 2008.

INFOESCOLA. Zona Franca de Manaus. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/economia/zona-franca-de-manaus>>. Acesso em: 17 abr. 2009.

NATUREZA, religião e pesca esportiva: o estado mais visitado da Região Norte busca ampliar seu leque de roteiros turísticos. *Exame*: Anuário Turismo, São Paulo, 5 abr. 2007. Disponível em: <http://portalexame.abril.com.br/static/aberto/turismo/anuario_exame_turismo/m0125715.html>. Acesso em: 22 maio 2009.

SUA PESQUISA. com. Estados Brasileiros. Informações Gerais Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/estadosbrasileiros>>. Acesso em: 5 dez. 2008.

Aula 23

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Brasil*: informações gerais sobre as diferentes regiões. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/dctextosrevista1-mat1.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2009.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 nov. 2008.

ESTADOS brasileiros. Sua Pesquisa.com. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/estadosbrasileiros>>. Acesso em: 25 maio 2009.

GOLDGRUB, Carlos. Mais de 1 bilhão de reais em obras: a construção de quatro novos hotéis consolida posição do Ceará como novo pólo de atração de investimentos. *Exame*: Anuário Turismo, São Paulo, 5 abr. 2007.

PARQUE dos lençóis: o único deserto do mundo com milhares de lagoas. Disponível em: <<http://www.turismo.ma.gov.br/pt/polos/lencois/index.html>>. Acesso em: 3 jan. 2009.

PERNAMBUCO (Estado). Secretaria de Ciência, tecnológica e meio Ambiente. *Fernando de Noronha* - Pernambuco. Disponível em: <<http://www.noronha.pe.gov.br>>. Acesso em: 3 jan. 2009.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Brasil. Relatórios de Desenvolvimento Humano. 2005. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/rdh>>. Acesso em: jan. 2009.

VIVAS, Fernando. Já ouviu falar na Costa do Cacau? Com os pólos de Salvador e Porto Seguro já consolidados, o desafio é promover novos destinos. *Exame*: Anuário Turismo, São Paulo, 5 abr. 2007.

Aula 24

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Brasil*: informações gerais sobre as diferentes regiões. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/dctextosrevista1-mat1.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2009.

ESTADOS brasileiros. Sua Pesquisa.com. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/estadosbrasileiros>>. Acesso em: 25 maio 2009.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 nov. 2008.

OSTROWSK, Robert. O sucesso dos novos roteiros: após consolidar o turismo em Caldas Novas e Rio Quente, o estado amplia as opções para os visitantes. *Exame*: Anuário Turismo, São Paulo, 5 abr. 2007.

PANTANAL. Disponível em: <<http://www.conservation.org.br/onde/pantanal>>. Acesso em: 8 jan. 2009.

PIRENÓPOLIS. com. br. *Natureza exuberante, tradições folclóricas*. Disponível em: <<http://www.pirenopolis.com.br>>. Acesso em: 8 jan. 2009.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. *Brasil*. Relatórios de Desenvolvimento Humano. 2005. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/rdh>>. Acesso em: jan. 2009.

Aula 25

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Brasil*: informações gerais sobre as diferentes regiões. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/dc/textos/revista1-mat1.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2009.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/disponivel>>. Acesso em: 22 nov. 2008.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. *Relatório de Desenvolvimento Humano*. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/rdh/>>. Acesso em: jan. 2009.

SIMONETTI, Mauricio. *A redescoberta da rota do ouro*: meta do Programa Estrada Real é atrair neste ano 2,5 milhões de turistas para 177 municípios. *Exame*: Anuário Turismo., São Paulo, 5 abr. 2007.

SUA Pesquisa. Com. *Estados Brasileiros*. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/estadosbrasileiros>>. Acesso em: 5 dez. 2008.

VOLTAN, Rogério. A capital do turismo de negócios. *Exame*: Anuário do Turismo, São Paulo, 5 abr. 2007.

Aula 26

ÁRIAS, Alfonso R., BARBOSA, Maria Alice C. Caracterização da mão-de-obra do mercado formal de trabalho no setor turístico: estimativas baseadas na RAIS 2004. *IPEA, Texto para Discussão*, Rio de Janeiro, n. 1308, 2007.

_____.; ZAMBONI, Roberto A. *Sistema de Informações sobre o mercado de trabalho no setor turismo no Brasil*: a experiência do IPEA. Brasília, DF: IPEA, 2006.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Turismo no Brasil 2007 – 2010*. Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/tu000016.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2009.

DUARTE, Patrícia. Fechando no vermelho: déficit externo em 2008 tem pior resultado em 10 anos, mas investimento direto é recorde. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 jan. 2009. p. 19. (Economia).

EMBRATUR. *Conta Satélite é indispensável para o desenvolvimento do turismo*. 4 out. 2005. Disponível em: <<http://h2foz.com.br/modules/noticias/article.php?storyid=3937>>. Acesso em: 26 maio 2009.

EMBRATUR. *Estatísticas Básicas do Turismo: Brasil*. Abr. 2005. Disponível em: <http://200.189.169.141/site/arquivos/dados_fatos/evolucao/EstatisticasBasicasdoTurismo.pdf>. Acesso em: 26 maio 2009.

EMBRATUR. *Estatísticas do Brasil*. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em: 18 jan. 2008.

IBGE. *Economia do Turismo: análise das atividades características do turismo*. Rio de Janeiro, 2003. (Estudos e Pesquisas, Informação Econômica, 5).

IBGE. *Conta Satélite do Turismo*. Rio de Janeiro, 2005.

OMT. *Cuenta Satélite de Turismo: Recomendaciones sobre el marco conceptual apud IBGE*, 2003.

SAAB, William G. L. Considerações sobre o desenvolvimento do setor de turismo no Brasil. *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 285-312, set. 1999.

ISBN 978-85-7648-589-6



9 788576 485896



UENF
Universidade Estadual
do Norte Fluminense



Universidade Federal Fluminense



SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Ministério
da Educação

